

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Pedro Quinteiro Uberti

**Espaço de experiência e horizonte de expectativa na atuação diplomática de
Oswaldo Aranha (1934-1937)**

Santa Maria, RS
2022

Pedro Quinteiro Uberti

**ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E HORIZONTE DE EXPECTATIVA NA ATUAÇÃO
DIPLOMÁTICA DE OSWALDO ARANHA (1934-1937)**

Trabalho de Conclusão, apresentado ao Curso de Relações Internacionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Günther Richter Mros

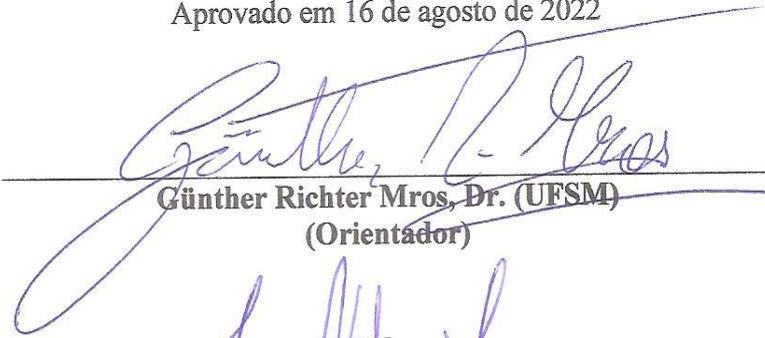
Santa Maria, RS
2022

PEDRO QUINTEIRO UBERTI

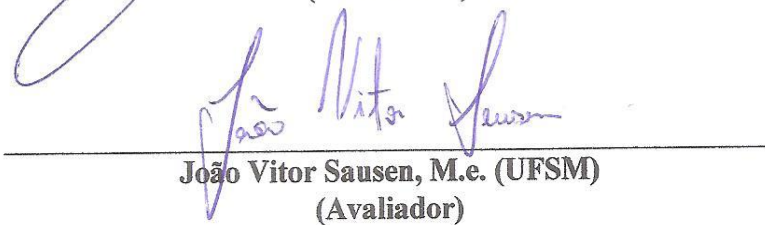
**ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E HORIZONTE DE EXPECTATIVA NA ATUAÇÃO
DIPLOMÁTICA DE OSWALDO ARANHA**

Trabalho de Conclusão, apresentado ao Curso de Relações Internacionais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

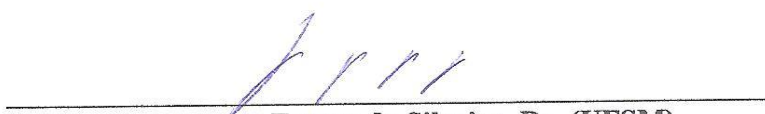
Aprovado em 16 de agosto de 2022



Günther Richter Mros, Dr. (UFSM)
(Orientador)



João Vitor Sausen, M.e. (UFSM)
(Avaliador)



José Renato Ferraz da Silveira, Dr. (UFSM)
(Avaliador)

Santa Maria, RS
2022

Em memória de Ernani Quinteiro Uberti, Ernani Laydner Quinteiro, Homero Auzani Uberti e
Maria Francisca de Freitas Uberti, as ausências mais presentes da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Não fiz este trabalho sozinho. Seja no dia a dia da universidade, seja no conforto de casa, uma série de pessoas contribuiu, direta ou indiretamente, para que esta trajetória por Santa Maria fosse mais que especial. A elas, minha mais profunda gratidão.

Aos meus pais, Hermenegildo e Magali, para além do amor e carinho cotidianos, por sempre cultivarem em mim o apreço pelo conhecimento, fazendo o possível e o impossível em favor da educação dos filhos.

Aos meus irmãos, Francisco e João, meus melhores amigos, cuja simples existência me motiva a ser uma pessoa melhor, com a responsabilidade de servir de exemplo.

Aos amigos feitos aqui, que pretendo levar para sempre comigo. André, Anna, Érika, Felipe, Flávio, Gabriel, Helena, Jean, Júlia, Kevin, Luísa, Luiza, Patrick, Pedro, Rafaella, Theo e Vitor. Vocês todos tornaram a passagem por essa cidade leve e divertida.

A André e Pedro, por terem compartilhado comigo não só a sala de aula, mas também a sala de estar.

À Aline, Lorenzo e Nei, por serem minha família longe de casa.

À Laura, um porto seguro de amor e carinho. Teu companheirismo foi fundamental na consecução deste objetivo, e vai continuar sendo na busca por muitos outros que, juntos, vamos alcançar.

Ao corpo docente do curso de Relações Internacionais, por cada valioso ensinamento. Em especial, ao professor Günther, pela sucessão de oportunidades oferecidas no decorrer da graduação e, principalmente, por ter me guiado nestes primeiros passos pela sinuosa estrada da pesquisa histórica.

À Giovanna e Rafaella, parceiras de pesquisa com quem muito aprendi neste início de trajetória.

A todos vocês, e a todos os outros não nominados aqui, muito obrigado!

A diplomacia é uma besta que quer ser tratada como rainha. Não custa fazer a sua vontade, desde que não se perca a consciência dos seus instintos inferiores. O mal é que com o tempo, o hábito sobrepondo-se à inteligência, dado a exterioridade característica do *métier*, os diplomatas perdem a noção da realidade e acreditam mesmo que a besta é rainha. (Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas, 1934)

RESUMO

ESPAÇO DE EXPERIÊNCIA E HORIZONTE DE EXPECTATIVA NA ATUAÇÃO DIPLOMÁTICA DE OSWALDO ARANHA (1934-1937)

AUTOR: Pedro Quinteiro Uberti
ORIENTADOR: Günther Richter Mros

Este trabalho busca analisar a atuação de Oswaldo Aranha como embaixador brasileiro em Washington, entre 1934 e 1937. Para isso, foram utilizadas as categorias metahistóricas desenvolvidas por Reinhart Koselleck (2006): espaço de experiência e horizonte de expectativa. Propõe-se a desagregação do conceito de horizonte de expectativa em dois: horizonte de expectativa prognóstico, que diz respeito às previsões; e horizonte de expectativa propositivo, que diz respeito ao planejamento formulado a partir dos efeitos dos processos previstos. A pergunta de pesquisa é: como a conjugação entre espaço de experiência e horizonte de expectativa influenciou na atuação diplomática de Oswaldo Aranha como embaixador do Brasil nos Estados Unidos? Para respondê-la, foram elaborados os seguintes objetivos: 1) compreender os horizontes de expectativa prognóstico de Oswaldo Aranha acerca dos rumos da política e da economia internacionais; 2) compreender quais os aspectos presentes no horizonte de expectativa propositivo do embaixador; 3) mapear os espaços de experiência pessoal e institucional que fundamentaram tais horizontes de expectativa; e 4) analisar como a conjugação destas variáveis influenciou na ação diplomática efetiva de Oswaldo Aranha. A pesquisa gira em torno de dois grandes blocos metodológicos. O primeiro utiliza-se da revisão bibliográfica, resgatando obras cuja leitura é fundamental para a compreensão do período e dos processos analisados. O segundo bloco dialoga diretamente com as fontes documentais primárias, reunidas, ordenadas, classificadas e operacionalizadas de modo a seu conteúdo ser aproveitado na (re)interpretação dos processos analisados. O primeiro capítulo do desenvolvimento trata do horizonte de expectativa prognóstico de Oswaldo Aranha acerca da política e da economia internacionais. Nele, são apontados quatro macroprocessos antevistos pelo embaixador: 1) o horizonte da guerra; 2) o horizonte da economia mundial; 3) o horizonte da Boa Vizinhança; e 4) o horizonte da potência. O segundo capítulo define o conceito de horizonte de expectativa propositivo, e tenta identificar quais elementos conformaram o de Oswaldo Aranha. Defende-se a ideia de que o horizonte de expectativa prognóstico do embaixador condicionou a formação de um horizonte de expectativa propositivo baseado na convicção de que o Brasil deveria estreitar suas relações com os Estados Unidos. O terceiro capítulo, por sua vez, busca analisar como as perspectivas presentes nos horizontes de expectativa prognóstico e propositivo de Oswaldo Aranha, concorreram para influenciar sua ação diplomática efetiva. Conclui-se que a atuação diplomática de Aranha foi intensamente permeada pelas perspectivas presentes em seus horizontes de expectativa prognóstico e propositivo. Isso pode ser explicado, em parte, pelo alto grau de autonomia que o embaixador detinha sobre suas ações, muitas vezes utilizando do contato direto com Vargas para ir contra posicionamentos e perspectivas do Itamaraty.

Palavras-chave: Política Externa Brasileira; Relações Brasil-Estados Unidos; Era Vargas; Oswaldo Aranha.

ABSTRACT

SPACE OF EXPERIENCE AND HORIZON OF EXPECTATION IN THE DIPLOMATIC PERFORMANCE OF OSWALDO ARANHA (1934-1937)

AUTHOR: Pedro Quinteiro Uberti

ADVISOR: Günther Richter Mros

This study aims to analyze the diplomatic performance of Oswaldo Aranha as the Brazilian ambassador in Washington, between 1934 and 1937. Thereunto, were used the metahistorical categories developed by Reinhart Koselleck (2006): space of experience and horizon of expectation. It is proposed the desegregation of the horizon of expectation concept in two: prognostic horizon of expectation, which relates to the predictions; and propositive horizon of expectation, which relates to the planning formulated from the predicted processes' effects. The research question is: how did the junction between the prognostic horizon of experience and the propositive horizon of experience influence the diplomatic performance of Oswaldo Aranha as the Brazilian ambassador to the United States? To answer this, the following objectives were elaborated: 1) to comprehend the prognostic horizon of expectation of Oswaldo Aranha about the course of international economy and politics; 2) to comprehend which was the aspects present in the ambassador's propositive horizon of expectation; 3) to map the personal and institutional spaces os experience that based those horizons of expectation; and 4) to analyze how the junction between those variables influenced the effective diplomatic performance of Oswaldo Aranha. The study revolves around two methodological blocs. The first one uses literature review, redeeming works which reading is fundamental to the comprehension of the period and processes analyzed. The second one communicates directly with the documental primary sources, gathered, ordered, sorted and operationalized in a way that its content is used in the (re)interpretation of the analyzed processes. The first development chapter relates to the prognostic horizon of expectation of Oswaldo Aranha about the international economy and politics. In it, are pointed four macroprocesses predicted by the ambassador: 1) the war horizon; 2) the international economy horizon; 3) the Good Neighbor horizon; and 4) the great power horizon. The second chapter defines the concept of the propositive horizon of expectation and tries to identify which elements conformed Oswaldo Aranha's one. It is argued that the prognostic horizon of expectation of the ambassador conditioned the formation of a propositive horizon of expectation based on the assumption that Brasil should strengthen its relations with the United States. The third chapter, in its turn, aims to analyze how the perspectives present in the prognostic and propositive horizons of expectations of Oswaldo Aranha influenced his effective diplomatic performance. It is concluded that the diplomatic performance of Oswaldo Aranha was strongly permeated by the perspectives present in his prognostic and propositive horizons of expectation. It can be explained, in part, by the high autonomy level that the ambassador had on its actions, many times using his direct contact with Vargas to go against positions and perspectives of Itamaraty.

Keywords: Brazilian Foreign Policy; Brazil-United States Relations; Vargas Era; Oswaldo Aranha.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. HORIZONTE DE EXPECTATIVA PROGNÓSTICO	17
2.1. O HORIZONTE DA GUERRA	18
2.2. O HORIZONTE DA BOA VIZINHANÇA	23
2.3. O HORIZONTE DA ECONOMIA MUNDIAL	28
2.4. O HORIZONTE DA POTÊNCIA	33
2.5. CONCLUSÃO	36
3. HORIZONTE DE EXPECTATIVA PROPOSITIVO	38
3.1. APROXIMAÇÃO ECONÔMICA COM OS ESTADOS UNIDOS	39
3.2. APROXIMAÇÃO POLÍTICO-MILITAR COM OS ESTADOS UNIDOS	44
3.3. INCREMENTO DA REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS	50
3.4. OS LIMITES DA APROXIMAÇÃO	56
3.5. CONCLUSÃO	59
4. UM EMBAIXADOR EM AÇÃO	61
4.1. ARANHA, O COMÉRCIO COM OS ESTADOS UNIDOS E A QUESTÃO ALEMÃ	61
4.2. ARANHA E AS DUAS ARENAS DA APROXIMAÇÃO POLÍTICO-MILITAR	70
4.3. UMA DIPLOMACIA PESSOAL E SEUS REFLEXOS	79
4.4. CONCLUSÃO	82
5. CONCLUSÃO	84
REFERÊNCIAS	89
FONTES PRIMÁRIAS	90

1. INTRODUÇÃO

Não restam dúvidas quanto à relevância da chamada Era Vargas para a construção histórica do Brasil que conhecemos hoje. Não à toa, o período é um dos mais emblemáticos, estudados e debatidos pela historiografia brasileira. Para a História da Política Externa do Brasil, a atuação internacional dos governos de Getúlio Vargas recebe atenção igualmente especial. As relações exteriores do Brasil no período renderam uma vasta rede de produções histórico-científicas, as quais originaram conceitos amplamente referenciados e respeitados, tais como a “equidistância pragmática”, cunhado por Gerson Moura (1980) na análise das relações triangulares entre Brasil, Alemanha e Estados Unidos no pré-Segunda Guerra Mundial.

No entanto, boa parte da produção historiográfica acerca da inserção internacional do Brasil de Vargas se debruça sobre a Segunda Guerra Mundial, seja analisando, como Moura (1980), as relações entre Brasil, Alemanha e Estados Unidos, seja analisando os diferentes aspectos da participação do Brasil naquele conflito mundial. O presente trabalho, por mais que possa contribuir para este debate, foca na construção das bases e na condução da política externa da Era Vargas em relação aos Estados Unidos da América.

No epicentro deste processo, está uma das figuras mais importantes da Era Vargas: Oswaldo Aranha. Nascido em Alegrete, interior do Rio Grande do Sul, em 15 de fevereiro de 1894, Aranha construiu uma trajetória de sucesso na política gaúcha e brasileira, até firmar-se como um dos protagonistas da Revolução de 1930 e da posterior reconfiguração da estrutura político-institucional brasileira. Amigo de longa data de Getúlio Vargas, sua participação no governo varguista iniciou junto ao Ministério da Justiça e Assuntos Internos, onde Aranha desempenhou fundamental papel na redação do decreto que estabeleceu as bases do Governo Provisório. Posteriormente, depois de assumir a pasta da Fazenda, foi ativo na contabilização da dívida externa brasileira e no debate em torno da Constituição de 1934 (HILTON, 1994, pp. 3; 74-78; 118-123; 165-168).

No plano externo, Aranha é destacado na historiografia como o chanceler do Estado Novo, entre o início de 1938 e meados de 1944, sendo sua atuação considerada fundamental para a entrada do Brasil ao lado dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial; além de ter presidido a Assembleia Geral das Nações Unidas, entre 1947 e 1948. Antes disso, no entanto, Aranha já havia deixado sua marca na política externa brasileira, ao atuar como embaixador do Brasil nos Estados Unidos entre 1934 e 1937 — mais precisamente entre o momento em que se desvencilha do Ministério da Fazenda, após descobrir que Vargas planejava que a eleição

presidencial de 1934 ocorresse antes da aprovação da Constituição; e a declaração do Golpe do Estado Novo, em novembro de 1937. Este é o período aqui analisado.

Tal escolha é condicionada pela lacuna historiográfica em relação à atuação de Aranha como embaixador em Washington. À sombra do período como chanceler e de sua atuação junto às Nações Unidas, o período em que Aranha serviu junto à embaixada é relegado a segundo plano, sendo objeto apenas de pequenos capítulos que, em geral, não abrangem de maneira aprofundada este episódio da história diplomática brasileira. Contribuir para o preenchimento de tal lacuna e demonstrar a relevância do período é, com toda a certeza, a razão de ser deste trabalho.

A fim de compreender as bases da ação diplomática de Aranha nos Estados Unidos, além de seus resultados e propósitos, lança-se mão das categorias meta-históricas elaboradas por Reinhart Koselleck (2006, pp. 305-314): espaço de experiência e horizonte de expectativa. Para o autor,

a experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias (KOSELLECK, 2006, pp. 309-310).

Isto é, o espaço de experiência é construído a partir do resgate do passado em um ponto presente — a maneira pela qual enxergamos, absorvemos e utilizamos os acontecimentos terminados no ontem para fazermos o hoje e o amanhã. Desta forma, não é uma visão estática do passado, sendo completamente vinculada ao espaço e tempo em que estamos inseridos. Aspecto importante do espaço de experiência é sua habilidade de compressão da história, uma vez que o resgate de experiências pessoais, coletivas e institucionais não se dá em ordem cronológica, mas a partir do amálgama de uma ampla diversidade de tempos históricos, de forma que os processos se complementam na construção de uma imagem única que se cria do passado em um determinado momento (KOSELLECK, 2006, p. 310).

O horizonte de expectativa, por sua vez,

também [...] é ao mesmo tempo ligad[o] à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem (KOSELLECK, 2006, p. 310).

Em outras palavras, o horizonte de expectativa é a materialização presente do que se espera do futuro, condicionado pelo e condicionante do espaço de experiência, em uma relação de definição mútua.

Por mais que Koselleck não desagregue a ideia de horizonte de expectativa em mais de um conceito, cita que ele se materializa de diferentes formas, “quer preveja ou planeje” (KOSELLECK, 2006, p. 312). Ora, o presente trabalho propõe-se justamente a complexificar o conceito de horizonte de expectativa, derivando dele dois novos conceitos, tendo em vista a diferença fundamental entre uma previsão e um planejamento. Tais conceitos, definidos como *horizonte de expectativa prognóstico* e *horizonte de expectativa propositivo* serão definidos adiante (ver capítulo 2 e capítulo 3).

Vale destacar, ainda, que o emprego das categorias de Koselleck (2006) não dá sentido apenas ao tempo histórico contido nas fontes documentais, que versam sobre os acontecimentos passados estudados. Seu efeito estende-se ao próprio historiador, uma vez que as características que fundamentam o tempo histórico em que este está inserido influenciam sua forma de fitar o passado e antecipar o futuro. O espaço de experiência e o horizonte de expectativa pessoais também entram em jogo. Um exemplo pode ser retirado deste trabalho: não fosse o espaço de experiência pessoal compartilhado entre o autor e o protagonista dos eventos analisados — o início da vida na mesma cidade —, ou o horizonte de expectativa do autor sobre o porvir de sua trajetória acadêmica e profissional, qualquer outro tema que não fosse a atuação do alagoano Oswaldo Aranha como embaixador do Brasil nos Estados Unidos poderia facilmente constituir-se como o objeto da pesquisa.

Com base nas categorias analíticas empregadas no estudo, elaborou-se a seguinte pergunta como guia da pesquisa: como a conjugação entre espaço de experiência e horizonte de expectativa influenciou na atuação diplomática de Oswaldo Aranha como embaixador do Brasil nos Estados Unidos? Desta pergunta derivam-se uma série de perguntas secundárias, cada qual respondida por alguma parte do trabalho. Como objetivos tem-se, portanto: 1) compreender o horizonte de expectativa prognóstico de Oswaldo Aranha acerca dos rumos da política e da economia internacionais e os efeitos destes sobre o Brasil e seus interesses; 2) compreender, frente aos efeitos projetados dos processos antevistos, quais os aspectos presentes no horizonte de expectativa propositivo do embaixador, com destaque ao papel desempenhado pelas relações entre Brasil e Estados Unidos; 3) ao mesmo tempo, mapear os espaços de experiência pessoal e institucional que fundamentaram tais horizontes de expectativa; e 4) analisar como a conjugação destas variáveis — espaço de experiência e horizontes de

expectativa prognóstico e propositivo — influenciou na ação diplomática efetiva de Oswaldo Aranha quando de sua missão junto à embaixada do Brasil nos Estados Unidos.

A pesquisa, de cunho indutivo, caracterizada pelo exercício do estudo histórico, gira em torno de dois grandes blocos metodológicos. O primeiro utiliza-se da atenta revisão bibliográfica, resgatando obras cuja leitura é fundamental para a compreensão do período e dos processos analisados. Fez-se necessário, para tanto, o resgate histórico das relações entre Brasil e Estados Unidos de modo geral (BANDEIRA, 2007); do espectro mais amplo da inserção internacional brasileira ao longo da História, no qual estão inseridas as relações entre Brasil e Estados Unidos (CERVO, 2001; 2008; CERVO; BUENO, 2017; PIMENTEL, 2013; RICUPERO, 2017); e, especificamente, da política externa da Era Vargas, contexto em que se insere a atuação diplomática de Aranha junto aos Estados Unidos (MOURA, 1980; MROS, 2011; 2016). Por fim, lançou-se mão de um arcabouço histórico-biográfico sobre Oswaldo Aranha, a fim de compreender como o político gaúcho inseria-se no contexto que o cercava (CAMARGO; ARAÚJO; SIMONSEN, 1996; HILTON, 1994; LIMA; ALMEIDA; FARIAS, 2017).

O segundo bloco, de operacionalização um tanto mais complexa, dialoga diretamente com as fontes documentais primárias, reunidas, ordenadas, classificadas e operacionalizadas de modo a seu conteúdo ser aproveitado da melhor maneira possível na (re)interpretação dos processos aqui analisados. O trato com as fontes primárias é a pedra basilar do presente trabalho. O primeiro passo foi, evidentemente, localizá-las. Sua quase totalidade foi retirada do acervo *online* da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mais especificamente da pasta “Corresp[ondências] G[etúlio] Vargas - 1930 a 1945”¹, parte do “Arquivo Getúlio Vargas”. O arcabouço documental analisado é composto quase que exclusivamente — excluindo as fontes retiradas do acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional — por cartas, telegramas e outras modalidades de correspondência, tanto oficiais quando pessoais, como transcrições de ligações telefônicas ou bilhetes, trocadas entre Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas. Foram analisadas mais de duas centenas de documentos, mesmo que no presente trabalho sejam apenas referenciadas 62 fontes retiradas do acervo digital do CPDOC / FGV. A extensão das fontes é diversa, indo de uma — como o caso da maioria dos telegramas — até dezenas de páginas — como no caso da compilação de documentos. A maioria dos documentos era composta por correspondências datilografadas, o que não livrou-nos da tarefa de transcrever trechos referenciados de correspondências manuscritas.

¹ Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=fgv_gv>.

Este ponto traz à tona uma crítica importante a ser feita sobre as fontes trabalhadas aqui: nenhuma delas foi retirada de um arquivo específico de Oswaldo Aranha — este existe, porém não é digitalizado, estando disponível apenas para a consulta presencial na FGV, no Rio de Janeiro. No entanto, tendo em vista o caráter da relação entre Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha — que pode ser descrita como uma íntima amizade permeada pelo mais alto respeito recíproco (HILTON, 1994) —, é possível compreender a correspondência entre os dois como um espaço de discussão sincera e de compartilhamento franco e aberto de ideias que permeavam suas ações. Aranha deixa claro, em diversos trechos, usufruir da liberdade que lhe possibilitava dirigir-se “ao amigo e não ao austero presidente”². “A ti eu escrevo com amizade e liberdade”³, confessaria a Vargas em outubro de 1936. Isso serve para justificar a consideração de que o conteúdo dos escritos de Aranha a Vargas pode ser encarado como fonte suficientemente fidedigna para a abstração das ideias necessárias à interpretação dos horizontes de expectativa prognóstico e propositivo do embaixador, bem como do espaço de experiência que os permeava.

O segundo passo foi selecionar todas as fontes que tinham como conteúdo correspondências entre Vargas e Aranha — foram selecionadas, ainda, correspondências entre Vargas e outros membros de destaque da burocracia brasileira voltada à ação externa, além de correspondências entre Aranha e figuras políticas brasileiras e estadunidenses versando sobre a política externa brasileira e política internacional — e listá-las em ordem cronológica, a fim de construir-se uma linha do tempo que correspondesse ao período analisado. Em seguida, após a leitura e análise dos documentos, foi criado um mecanismo de classificação das fontes de acordo com seu conteúdo, a fim de se compreender quais tópicos eram mais ou menos abordados nas cartas, memorandos e telegramas ao longo do período.

Tal qual em um trabalho policial investigativo, as principais ideias, conceitos, personagens e iniciativas analisadas foram abstraídos das fontes e distribuídos em teias que buscam ligá-las, dotando de coerência semântica o conteúdo presente nos materiais. Uma primeira teia — semântica — deu conta de ligar os conceitos às ações. Esse mapa mental

² CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.05.27/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas afirmando que não deseja permanecer na diplomacia, após o período do seu Governo; descrevendo a situação política de Cuba; informando sobre as finanças do pessoal da embaixada em Washington, e do escritório comercial em Nova York; manifestando seus temores em relação ao acordo comercial entre o Brasil e a Alemanha e comunicando a assinatura da missão naval. Washington. Vol. XXII/53. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7239>>. Acesso em 28 jul. 2022.

³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.10.13. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre o andamento das negociações relativas ao arrendamento dos destroyers ao Brasil, comentando a estadia de Marques dos Reis nos Estados Unidos e comunicando a passagem pelo Brasil, com destino a Buenos Aires, dos embaixadores da Argentina e do México nos Estados Unidos. Washington. Vol. XXIV/46. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7842>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

conceitual foi de fundamental suporte nos momentos em que as ligações entre acontecimentos aparentemente distantes pareciam fracas, além de, principalmente, apontar o significado dos conceitos naquele tempo histórico. Uma segunda teia — onomástica — deu conta de ligar tais conceitos, ideias e iniciativas aos seus interlocutores, bem como mostrar as ligações entre os personagens abordados.

A coleta, seleção, classificação e operacionalização das fontes documentais primárias foi, com certeza, o processo mais custoso desse esforço de pesquisa. Foi, também, o que mais rendeu frutos e elucidou os pontos necessários para a construção dos sentidos, conceitos, nomes e eventos presentes na miríade de processos analisados, que dão corpo à narrativa aqui construída em forma de análise histórica.

O trabalho está estruturado em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo do desenvolvimento, o conceito de horizonte de expectativa prognóstico é definido. Busca-se, a partir disso, analisar quais elementos referentes à política e a economia internacional formavam o horizonte de expectativa prognóstico de Oswaldo Aranha, destacando a perspectiva do embaixador acerca dos efeitos que tais processos teriam sobre o Brasil e seus interesses. Defende-se a ideia de que o horizonte de expectativa prognóstico de Aranha baseava-se em quatro macroperspectivas: 1) a da iminência de uma nova guerra mundial; 2) a da intensificação do processo de fechamento econômico das potências e o aumento do fluxo comercial colônia-metrópole; 3) a da emergência da Política da Boa Vizinhaça como ameaça à posição privilegiada que o Brasil até então usufruía na relação entre os Estados Unidos e a América Latina; e 4) a da emergência dos Estados Unidos como a principal potência do Sistema Internacional.

O segundo capítulo define o conceito de horizonte de expectativa propositivo, se propondo a identificar quais elementos conformaram o de Oswaldo Aranha. Defende-se a ideia de que o horizonte de expectativa prognóstico do embaixador condicionou a formação de um horizonte de expectativa propositivo baseado na forte convicção de que o Brasil deveria estreitar suas relações com os Estados Unidos. Tal estreitamento pressupunha o melhoramento das relações econômicas e políticas entre os dois países, o que demandava, na visão do embaixador, o reaparelhamento da representação brasileira naquele país. A aproximação pregada por Aranha, no entanto, não deve ser confundida com a recomendação de uma aliança cega. O embaixador estabelecia limites claros ao movimento, baseando sua convicção em resultados práticos que dele o Brasil poderia obter, sempre ressaltando o poder de barganha que o país detinha em relação aos Estados Unidos.

O terceiro capítulo, por sua vez, busca analisar como as perspectivas presentes nos

horizontes de expectativa prognóstico e propositivo de Oswaldo Aranha concorreram para influenciar sua ação diplomática efetiva. Desta maneira, analisam-se os esforços do embaixador em relação às negociações do tratado comercial entre Brasil e Estados Unidos; à convocação da chamada Missão Financeira Sousa Costa; às negociações e atuação do embaixador em torno da Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz; à negociação do arrendamento brasileiro de contratorpedeiros estadunidenses; e à diplomacia pessoal empregada pelo embaixador no estabelecimento de relações íntimas com autoridades da Casa Branca e com representantes dos mais variados círculos político-sociais estadunidenses.

2. HORIZONTE DE EXPECTATIVA PROGNÓSTICO

A primeira derivação conceitual do horizonte de expectativa de Koselleck (2006) é o *horizonte de expectativa prognóstico*. Como proposto anteriormente, a dupla derivação do horizonte de expectativa decorre da diferença fundamental entre a previsão e o planejamento, duas materializações possíveis do horizonte de expectativa, cuja existência o próprio autor sugere (KOSELLECK, 2006, p. 312). O horizonte de expectativa prognóstico, portanto, faz referência às previsões. É o conceito que mais se aproxima da definição mais simplista possível do horizonte de expectativa original. Ele antecede e abrange o planejamento; é sua pré-condição. Isso porque, por tratar de ações futuras, o planejamento tem como plano de fundo o ainda-não. A formulação mental dos cenários futuros que fundamentam os planos, por sua vez, se dá somente a partir das previsões. Em suma, sem previsão, sem prognóstico, não há planejamento. A fórmula básica do horizonte de expectativa prognóstico é simples: “X pode/vai acontecer”. As demais complexificações possíveis (“X pode/vai acontecer, resultando em Y”; “X pode/vai acontecer, devido a Z”, etc.) derivam direta e invariavelmente de tal estrutura lógica.

Quais perspectivas acerca do futuro da política e economia internacionais conformavam o horizonte de expectativa prognóstico de Oswaldo Aranha? Como, na visão do embaixador, tais processos afetariam o Brasil e seus interesses? Propõe-se, aqui, que o mapeamento de tal horizonte de expectativa pode ser feito a partir da análise da correspondência entre Aranha e Vargas, durante o período em questão (1934-1937), com a identificação das manifestações explícitas do embaixador acerca de suas perspectivas em relação ao futuro da política e da economia internacionais.

Para responder estes questionamentos, além desta introdução e de uma breve conclusão, o capítulo está dividido em outros quatro subcapítulos. No primeiro, abordaremos a perspectiva de Aranha acerca da possibilidade da eclosão de um novo conflito de escala mundial, suas prováveis causas e possíveis impactos sobre o Brasil. Em seguida, mostraremos como a emergência da Política da Boa Vizinhança e as mudanças que ela pressupunha nas relações entre Estados Unidos e América Latina eram encaradas pelo embaixador. Na sequência, será discutido como, na visão de Aranha, as mudanças observadas na dinâmica econômica global, condicionadas, principalmente, pela crise de 1929, influenciariam na inserção do Brasil na economia mundial. Por fim, discutiremos sobre como os diferentes aspectos da vida política, econômica e social dos Estados Unidos concorriam para a visão do embaixador acerca da ascensão daquele país a um patamar acima das tradicionais potências europeias na escala sistêmica de poder. Em todos estes tópicos, buscaremos apontar aspectos presentes nos espaços

de experiência pessoal e institucional que possivelmente influenciaram e condicionaram a conformação de tal horizonte de expectativa prognóstico.

2.1. O HORIZONTE DA GUERRA

Antes mesmo de Aranha ser credenciado oficialmente perante o governo estadunidense como embaixador brasileiro naquele país, a perspectiva da deflagração de um novo conflito mundial já se manifestava em seu horizonte de expectativa prognóstico. É o que deixa clara a carta enviada a Vargas a bordo do *Rex*, embarcação que levou Aranha aos Estados Unidos, em setembro de 1934, após uma breve visita do embaixador à Itália. Nela, Aranha sustentava que a Europa

está, meu caro, em estado potencial de guerra. Os exércitos e as esquadras não se defrontam, mas ameaçam-se. O comércio está numa luta às cegas. Os governos estão num jogo incrível de combinações secretas, de prevenções de toda espécie e de exacerbada preparação para o choque. As indústrias bélicas estão em uma atividade sem precedentes. Os instintos estão arrepiados, como o[s] de feras ameaçadas ou agressivas. [...] Ninguém sabe como e de onde virá. Mas creio, não há ninguém que não sinta a sua proximidade. [...] Prepara-te e ao Brasil para enfrentar esta reviravolta universal. [...] A Europa está dominada por uma tropilha de grandes loucos que encerram em seus punhos... a sorte do mundo (HILTON, 1994, pp. 210-211).

A impressão que Aranha nutriu do *Duce*, antes de seguir viagem para Nova York, diz muito sobre a percepção do embaixador acerca do estado em que a dinâmica política intereuropeia se encontrava. Certamente considerado um dos membros da “tropilha de grandes loucos”, mencionada na carta supracitada, Mussolini, segundo Aranha, mostrava-se como um “César *masqué* de Napoleão e *travesti* de Bismarck” (HILTON, 1994, p. 189), liderando um Estado cada vez mais militarizado.

Outro membro da referida tropilha já havia chegado ao poder quando da posse de Aranha como embaixador. Sob a liderança de Adolf Hitler, em outubro de 1933, a Alemanha abandonou a Conferência de Desarmamento e desligou-se da Liga das Nações, num movimento considerado por Kissinger (2012, pp. 265-267) como fundamental para a demolição do arranjo pós-guerra de Versalhes. Tal processo apenas acentuou a percepção inicial de Aranha sobre a iminência da eclosão de uma nova guerra. Em correspondência datada de março de 1935, alertava a Vargas:

A nossa situação internacional atual não me parece boa e tenho sérios temores, sobrevindo qualquer acidente, dos resultados. A Europa é uma ameaça para si mesma

e para o mundo, dada a sua situação econômica e política, a falência da Liga e os novos pruridos coloniais⁴.

Derivados, principalmente, de desdobramentos condicionados pela crise econômica de 1929, tais “pruridos coloniais” estavam, segundo Aranha, no epicentro do processo de gestação do futuro conflito. Isso porque, além de afetar fortemente a dinâmica do comércio internacional — como será abordado adiante (ver subcapítulo 2.3) — a nova corrida imperialista, chamada por Aranha de colonial, colocou em rota de colisão as principais potências do Sistema Internacional.

Estes movimentos no tabuleiro geopolítico global eram acompanhados com atenção por Aranha, e cada novo desdobramento do processo de expansão imperialista acirrava os ânimos no Velho Continente, aumentando a probabilidade de acerto das predições do embaixador. Foi o caso, por exemplo, da incursão italiana contra a Abissínia — hoje Etiópia — assunto de diversas cartas do embaixador a Vargas. O movimento italiano “prova mais evidente dessa nova orientação” imperialista, calcava-se, para Aranha, na conquista de fontes de materiais “necessários à sua existência de país”⁵. Além da Itália, o embaixador condenava de forma mais veemente os ímpetus de Japão e Alemanha “países partidários [...] do direito de procurar, pela violência, ‘matéria-prima’ para suas indústrias e ‘novas terras’ para suas populações”⁶, sem desconsiderar, no entanto, a expansão russa na Ásia Oriental e a possibilidade de que mesmo os Estados Unidos, um país que teria, em princípio, “horror à guerra”, adotasse uma política imperialista, “porque toda força comprimida acaba por expandir-se”⁷.

Outro importante acontecimento, que contribuiu para a convicção de Aranha sobre o futuro belicoso da Europa e do mundo, foi a eclosão da Guerra Civil Espanhola, e do fato dela

⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1935.03.06/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas defendendo uma maior aproximação econômica, política e militar entre o Brasil e os Estados Unidos, face a atual situação internacional. Washington. Vol. XVII/52. Disponível em:

<<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5613>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1935.07.01. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando a situação do comércio internacional, a solução encontrada pelas nações europeias através da intensificação do comércio com as colônias, e as consequências dessa “política colonial” para o Brasil. Washington. Vol. XIX/1. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6009>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1936.05.12/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre o trabalho desenvolvido pelos comunistas americanos contra o Governo brasileiro, alertando contra os perigos da política colonial alemã e italiana, e comunicando que está elaborando, junto com o Governo americano, uma solução para os problemas da navegação em geral, inclusive o caso de Lloyd. Washington. Vol. XXII/43. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7210>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1935.10.15. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando a posição dos Estados Unidos em relação a situação mundial e sobre a vitória dos “liberais” nas eleições canadenses. Washington. Vol. XIX/71. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6352>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

ter impactado e atraído para seus campos de batalha o interesse de outros Estados europeus. Em junho de 1937, Aranha escrevia a Vargas:

O caso da Espanha começa a inquietar. A parte que está levando o pior, sejam os rebeldes ou os governistas, procura trazer mais gente para a fogueira. É uma tática compreensível. [...] Incidentes similares repetir-se-ão até um fim trágico para a Europa e, talvez, para o mundo⁸.

A ligação histórica entre a Espanha e suas antigas colônias americanas, vizinhas do Brasil, servia para agravar as predições de Aranha, que alegava que “nosso continente sofrerá muito com este estado de ânimo e de coisas na Europa”⁹. Isso porque tais países, assim como o Brasil estariam no mesmo páreo que

Etiópia, a Espanha e, agora, a China [que] são exemplos de que as nações sem força própria não só não têm sua independência política assegurada pelo respeito dos demais, como têm o seu território as suas riquezas e a sua soberania entregues ao arbítrio do conflito de interesses e cobiças das mais fortes (HILTON, 1994, p. 245).

O temor de Aranha acerca do futuro do Brasil em meio à corrida imperialista europeia manifesta-se em uma carta enviada a Vargas em maio de 1936. Nela, o embaixador relatava ter sido informado por Sumner Welles — Subsecretário de Estado de Roosevelt e, talvez, seu principal assessor em assuntos relacionado à América Latina, com quem Aranha estabeleceu uma íntima relação (HILTON, 1994, p. 202) — sobre uma conversa que o presidente estadunidense teria tido com um jornalista alemão, no qual este manifestou a suposta opinião de Hjalmar Schacht — uma das principais autoridades econômicas da Alemanha hitlerista (COUTO; HACKL, 2007) — sobre o papel do Brasil na política expansionista alemã.

Segundo Aranha,

Contou [o jornalista] que este [Schacht] lhe dissera que a solução única para a Alemanha era procurar matérias primas e terras para sua expansão em outros continentes. Sem isso, a guerra na Europa seria fatal, e os países europeus, apavorados por esta possibilidade, teriam que favorecer a expansão germânica em outros

⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1937.06.04/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando as consequências, para Europa e para o mundo, da guerra da Espanha; atentando para a corrida armamentista da Argentina e a necessidade do Brasil investir na defesa nacional. Informa também sobre a reação do Governo americano em relação à prorrogação do acordo Brasil-Alemanha e à situação do café brasileiro no mercado brasileiro no mercado internacional. Washington. Vol. XXVI/54. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8830>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1936.08.26. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando as repercussões da guerra espanhola no continente americano e informando sobre a atitude do Itamaraty em relação às modificações sugeridas pelo governo americano ao texto do projeto do Pacto de Segurança Coletiva. Washington. Vol. XXIII/58. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7539>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

continentes. Adiantou Schacht que, salvo as possessões portuguesas na África, só via solução no Brasil para esta necessidade, cada vez mais inadiável. [...] Acha Schacht que na forma em que vão as coisas na Europa e no mundo, dentro de 5 anos não haverá quem se possa, mesmo querendo opor a estes propósitos germânicos¹⁰.

Na sequência, Aranha afirmava estar “convencido de que tudo isto é muito sério” e alertava para a necessidade de se “criar juízo e cuidar de nacionalizar esses alemães por forma intensiva e liquidar o caso antes que a Alemanha cresça e a nova ‘doutrina italiana’ [...] tome foros universais”¹¹. É de se ponderar, no entanto, acerca da veracidade do conteúdo do referido documento, ao menos por dois motivos. O primeiro deles é a conhecida e bem documentada preferência de Aranha acerca das relações entre Brasil e Estados Unidos em detrimento das do Brasil com a Alemanha, fato reconhecido inclusive pelos próprios estadunidenses. O segundo é a possibilidade de que Welles estivesse apenas blefando, aproveitando-se da reputação de Aranha de partidário das relações com os Estados Unidos para intensificar a desconfiança em relação aos alemães (HILTON, 1994, p. 202; OLIVEIRA, in LIMA; ALMEIDA; FARIAS, 2017, p. 109; RICUPERO, 2017, p. 362). Porém, enquanto não se tem acesso a — ou conhecimento de — fontes que confirmem alguma destas possibilidades, é necessário levar a sério os escritos de Aranha, ainda mais quando se considera o caráter de suas relações com o destinatário da correspondência em questão.

Vale ressaltar que o horizonte de expectativa da guerra não era exclusivo de Aranha. As predições do embaixador encontravam eco em importantes membros de sua rede de relacionamentos estabelecidos em Washington. Um dos mais notáveis era o próprio presidente Roosevelt, com quem Aranha nutriu uma frutífera relação. Como mostra Oliveira (in LIMA; ALMEIDA; FARIAS, 2017, p. 103), “Oswaldo Aranha foi o embaixador estrangeiro mais recebido pelo mandatário norte-americano em audiências oficiais na Casa Branca no triênio 1934-1937”. As audiências oficiais, no entanto, eram apenas uma das arenas em que ambos os estadistas se encontravam. Após um jantar oferecido no *Gridiron Club*, Aranha reiterava a Vargas, através das palavras de Roosevelt, suas impressões acerca do turbulento contexto europeu. O presidente estadunidense teria manifestado a Aranha a perspectiva de

¹⁰ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1936.05.12/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre o trabalho desenvolvido pelos comunistas americanos contra o Governo brasileiro, alertando contra os perigos da política colonial alemã e italiana, e comunicando que está elaborando, junto com o Governo americano, uma solução para os problemas da navegação em geral, inclusive o caso de Lloyd. Washington. Vol. XXII/43. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7210>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

¹¹ *Ibidem*.

que a Europa vai para a guerra devido à atitude da Rússia, arrastando seus satélites contra a Alemanha, cujo regime era, ainda, pior que o russo, porque sem finalidades humanas. Nesta ocasião, que poderá demorar mas que virá fatalmente, o reajuste das ambições dos povos vai fazer-se em todos os continentes¹².

Por fim, um aspecto importante dos escritos de Aranha, e que pode explicar, em parte, o espaço de experiência que fundamenta o horizonte da guerra, é o resgate recorrente da memória da Grande Guerra, e a comparação entre o contexto que ele vivia com aquele que antecedeu ao referido conflito. Em março de 1935, afirmava que “a Europa começou a dançar, como ao tempo que precedeu a Grande Guerra. Não está longe a confirmação das minhas previsões”¹³. Mais de um ano depois, em agosto de 1936, Aranha postulava que “a conflagração será inevitável, mesmo porque há, hoje, cinco vezes mais armas e soldados e milhares de vezes mais prevenções e rivalidades do que em 1914”¹⁴. Tais escritos colocam em destaque a Primeira Guerra Mundial no espaço de experiência que fundamentava as previsões de Aranha, quem outrora escrevera a Vargas que “a lição da história nos habilita a prever e a prudência a prevenir”¹⁵.

Em suma, é possível afirmar que as dinâmicas internacionais em curso, observadas de perto por Aranha, aliadas ao resgate da memória dos processos que antecederam à Grande Guerra, levaram o embaixador a estabelecer em seu horizonte de expectativa prognóstico a ideia de que um novo conflito de escala global se aproximava. A análise permite a abstração das condicionantes que, para Aranha, caminhavam juntas para o estabelecimento do cenário da guerra, quais sejam a nova corrida imperialista das principais potências do Sistema Internacional e a crescente militarização da sociedade de Estados como Alemanha e Itália,

¹² CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1936.04.22. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre sua participação no banquete do Gridiron Club, por ocasião da inauguração da campanha presidencial e sobre sua conversa com Franklin Roosevelt. Washington. Vol. XXII/31. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7155>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

¹³ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1935.03.20. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando que Sousa Costa ainda não enviou os dados sobre a nova política cambial, de acordo com o que foi combinado em Washington e sobre o novo decreto que distribui as verbas do pessoal diplomático. Washington. Vol. XVII/70. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5671>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

¹⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.08.26. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando as repercussões da guerra espanhola no continente americano e informando sobre a atitude do Itamaraty em relação às modificações sugeridas pelo Governo americano, ao texto do projeto do Pacto de Segurança Coletiva. Washington. Vol. XXIII/58. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7539>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

¹⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1935.10.15. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando a posição dos Estados Unidos em relação a situação mundial e sobre a vitória dos “liberais” nas eleições canadenses. Washington. Vol. XIX/71. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6354>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

impulsionada pela ascensão de lideranças como Hitler e Mussolini, que almejavam, entre outros objetivos, a demolição dos arranjos institucionais pós-Guerra de Versalhes.

2.2. O HORIZONTE DA BOA VIZINHANÇA

“Depois que o avião transpôs as grandes montanhas que circundam o Rio, achei-me de repente sobre o mais emocionante cenário que os meus olhos já surpreenderam”, disse Walt Disney a jornalistas brasileiros, um dia após sua chegada à capital do país, em 18 de agosto de 1941¹⁶. Pouco menos de seis meses depois, o diretor, ator e produtor de cinema estadunidense, Orson Welles, proclamou perante a imprensa, no renomado Copacabana Palace, e em bom português, “eu sou quase carioca”, no dia de sua chegada ao Rio de Janeiro, em 9 de fevereiro de 1942¹⁷. Tais visitas, aliadas à posterior criação do personagem Zé Carioca, em agosto de 1942, são iniciativas marcantes da chamada Política da Boa Vizinhança envolvendo o Brasil.

Impulsionada com a chegada de Franklin Delano Roosevelt ao poder, em 1933, a Boa Vizinhança ganhou renovada importância com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a partir de 1939, uma vez que, para os decisores estadunidenses, a América Latina, segundo Moura (2012, p. 59) apresentava-se como

um campo para colonização [alemã] em potencial devido a considerável população de ascendência alemã. Além disso, eram muito úteis ao projeto de rearmamento alemão, já que eram produtoras de matérias-primas que a Alemanha comprava por meio do comércio de compensação. As forças armadas de muitos países latino-americanos haviam sido treinadas por missões militares alemãs e eram alvo de propaganda sistemática, projetada para despertar antagonismo em relação aos Estados Unidos, difundida através de estações de rádio, centros culturais, clubes esportivos e filmes controlados pelos alemães.

Além dos marcos supracitados, a criação, em agosto de 1940, do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (Escritório de Coordenação de Assuntos Interamericanos), órgão subordinado ao Conselho de Defesa Nacional, mostra a importância da “chamada ‘guerra psicológica’ ou de propaganda, que ocorreu por meios como a imprensa, a publicidade, o rádio e o cinema” (FRANZ, 2019, p. 183), além de evidenciar a multidimensionalidade da abordagem

¹⁶ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 5, edição nº 4.040, 19 ago. 1941. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_03&Pesq=%22ORSON%20WELLES%22&pagfis=6518>. Acesso em: 16 mai. 2022.

¹⁷ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, edição nº 4.188, 10 fev. 1942. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_03&Pesq=%22ORSON%20WELLES%22&pagfis=9085>. Acesso em: 16 mai. 2022.

rooseveltiana em relação à América Latina, que aliava as esferas cultural, econômica e política na prospecção dos antigos objetivos estadunidenses em relação à região, isto é, a manutenção de sua inabalável liderança, deixando de lado, no entanto, a truculência da abordagem do *big stick* (FRANZ, 2019, pp. 177-178; MOURA, 2012, pp. 40-47).

A eclosão do conflito mundial não foi, contudo, condição necessária para Oswaldo Aranha perceber o processo de mudança nos métodos e na abordagem da política exterior dos Estados Unidos em relação à América Latina. O espírito deste processo já era mencionado em carta enviada a Vargas, de janeiro de 1935, na qual Aranha alertava, em letras maiúsculas, que o governo dos Estados Unidos “começou tratar de conquistar a simpatia dos demais” países latino-americanos “especialmente da Argentina”, frente ao que os estadunidenses classificavam como um crescente desinteresse do Brasil em suas relações com aquele país, materializado, neste caso, na convocação de volta ao território nacional de oficiais das Forças Armadas com estudos em curso nos Estados Unidos¹⁸.

Dois meses depois, em março de 1935, Aranha novamente chamava a atenção para as mudanças nas relações entre Estados Unidos e os demais países latino-americanos, dessa vez discorrendo de maneira mais detalhada sobre tal processo, fazendo referência a seu devido nome. Após uma breve introdução, na qual sustenta que por mais que as relações entre Brasil e Estados Unidos se beneficiaram do transplante, para as colônias, da íntima relação entre Portugal e Inglaterra, enquanto a hostilidade entre Espanha e Inglaterra geraram a “luta americano-espanhola”, afirmava constatar “todos os dias a aproximação deste país [Estados Unidos] com os demais países americanos”¹⁹.

Tal aproximação, segundo o embaixador, derivaria da “chamada política de ‘boa vizinhança continental’ criada por este governo”, que compreendia, em sua visão, “a desistência de qualquer ação intervencionista nos Caribes, [e] a largueza com que procura este país amparar as necessidades econômicas dos países sul-americanos”, uma vez que “a tendência imperialista [...] tem sido condenada em público e ao país exposta a sua falência, demonstrando-se que, material e politicamente, este país só perdeu com essa conduta”. O problema estaria no fato de que, para Aranha, “a simpatia desta gente por nós decorria da hostilidade indo-espanhola aos

¹⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1935.01.18. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre a gravidade da situação do Chaco e os entendimentos com os Estados Unidos para fabricação de armamentos. Washington. Vol. XVII/11. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5528>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

¹⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1935.03.06/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas defendendo uma maior aproximação econômica, política e militar entre o Brasil e os Estados Unidos, face a atual situação internacional. Washington. Vol. XVII/52. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5615>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

americanos”, de modo que “a consequência para nós desta orientação será a desnecessidade para o futuro do nosso apoio, sempre dado aos Estados Unidos, nos seus conflitos com a América, e ficarmos num pé de igualdade com os demais países em relação a este”²⁰. Em outras palavras, para o embaixador, o grau de intimidade observado nas relações entre Brasil e Estados Unidos derivava diretamente do grau de hostilidade entre Estados Unidos e os demais países latino-americanos, de modo que o melhoramento destas relações provocaria o enfraquecimento daquelas.

Vale destacar, no entanto, que por mais que fizesse referência às relações dos Estados Unidos com os demais países da América Latina em geral, os temores de Aranha ficavam mais evidentes quando faziam referência às relações daquele país com a Argentina. O país vizinho era regularmente evocado nos documentos como o reflexo maior da mudança nas relações dos estadunidenses para com seus pares ao sul do Rio Grande. Ao criticar o trato brasileiro em relação à cooperação militar com os Estados Unidos, por exemplo, Aranha sustentava que a Argentina, “país que foi sempre americanóphobo”, vinha estreitando laços com os Estados Unidos:

As coisas hoje estão muito mudadas. Ao mesmo tempo que nós, mantendo uma missão militar francesa, dispensávamos, *ex abrupto*, a missão naval americana, retirávamos, sem mais explicações, os oficiais brasileiros estudando neste país, a Argentina começava nova obra, segura e orientada, de aproximação política e militar com os Estados Unidos²¹.

Por outro lado, se muito temerário em correspondências que se referem à Boa Vizinha até, ao menos, agosto de 1937, quando reiterava a percepção de que esta oferecia riscos ao Brasil por “visa[r] a igualdade de consideração e tratamento das nações continentais pelos Estados Unidos”²², Aranha, em uma de suas últimas cartas a Vargas como embaixador, sustentava que, tendo em vista embates entre o Congresso e a presidência, e a perda na capacidade da manutenção das políticas econômicas do *New Deal*, Roosevelt tentaria reconquistar a opinião pública de seu país através de vitórias no exterior, “e é para o pan-americanismo que se vai voltar, defendendo a democracia, a paz e a felicidade continentais”, sendo essa “uma música muito agradável aos ouvidos americanos, mesmo porque só dá prazeres

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9225>>. Acesso em: 17 mai. 2022.

sem riscos”, já que a Boa Vizinhança teria, em sua visão, “muito de Cruz Vermelha, de Exército da Salvação, de *Rockefeller Foundation*, de filantropia religiosa, de puritanismo expansionista, enfim, da carne e da alma deste país”²³.

Poderia o Brasil, nesse contexto, aproveitar-se do reaquecimento da Boa Vizinhança, “porque nosso país é e terá que ser o ponto de apoio mais seguro e fiel à política do *good neighbor*”. Na visão de Aranha, portanto, a necessidade, por parte do governo estadunidense, de sucessos para além de suas fronteiras, ofereceria ao Brasil um forte instrumento de barganha, uma vez que, para o embaixador, “sem o nosso país, nada podem os Estados Unidos fazer na América”²⁴. O sucesso de tal desdobramento, no entanto, dependeria diretamente da capacidade brasileira em “forçar a adaptação dessa política à única fórmula continental conveniente ao Brasil: o apoio à preeminência continental dos Estados Unidos, em troca do seu reconhecimento da nossa supremacia na América do Sul”²⁵.

Cabe destacar que, para Aranha, “a única fórmula continental conveniente ao Brasil” não seria alcançada de maneira passiva, de modo que deveria se manter a cautela em relação aos efeitos de Boa Vizinhança, que, se não manejada de maneira sustentável aos interesses brasileiros, apresentar-se-ia, ainda, como uma potencial ameaça à posição que o país usufruía nas relações entre os Estados Unidos e a América Latina. Tal visão só é compreendida se levarmos em conta o espaço de experiência institucional observado por Aranha.

Ao sustentar a potencial ameaça derivada da Boa Vizinhança e descrever a única fórmula que seria conveniente ao Brasil, o embaixador faz referência direta ao patamar que as relações entre Brasil e Estados Unidos adquiriram, principalmente, a partir da gestão de Rio Branco à frente dos assuntos estrangeiros. Vale destacar, no entanto, que a mudança nos rumos da relação Brasil-Estados Unidos não esperou Rio Branco, nem mesmo a Proclamação da República, para ser posta em curso. Como mostra Ricupero (in PIMENTEL, 2013, p. 339), as relações econômicas do Brasil com os Estados Unidos vinham, desde 1870, em uma forte crescente — puxada, principalmente, pela ascensão da exportação cafeeira — o que se

²³ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1937.11.24/3. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas manifestando sua opinião a propósito da importância do Brasil na política a ser desenvolvida por Franklin Roosevelt de reconquista da opinião pública americana e criticando a nova Constituição brasileira. Washington. Vol. XXVIII/53. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9762>>. Acesso em: 17 mai. 2022.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9225>>. Acesso em: 17 mai. 2022.

desdobrou na mudança efetiva do eixo das relações comerciais brasileiras da Europa para os Estados Unidos, já no início do século XX.

Foi, contudo, com a Proclamação da República que o incremento das relações foi formalizado. Num movimento considerado por Cervo e Bueno (2017, p. 177) como uma ruptura com a tradição do Império de “não ligar o Brasil à primeira potência continental, [...] seja por alianças ou acordos comerciais”, Brasil e Estados Unidos assinaram, em 1891, um convênio aduaneiro. Três anos depois, em 1894, os Estados Unidos prestariam apoio ao governo brasileiro durante a Revolta da Armada, evidenciando que o estreitamento das relações econômicas passaria a ser acompanhado pelo estreitamento das relações políticas, o que já havia ficado parcialmente claro no rápido reconhecimento da República pelos Estados Unidos, ainda em 1889 (CERVO; BUENO, 2017, p. 177; RICUPERO, in PIMENTEL, 2013, p. 337).

Não obstante, foi sob a chefia de Rio Branco que as relações entre os dois países alcançaram outro patamar. Como mostra Ricupero (in PIMENTEL, 2013, pp. 412-413), Paranhos Júnior foi um dos pioneiros na constatação de que os Estados Unidos gradualmente se consolidavam como uma potência de escala global. Aproveitar-se parcialmente deste grande poder a partir de um fortalecimento de relações seria, para Joaquim Nabuco, dar ao Brasil o “maior dos exércitos, [a] maior das marinhas, exército e marinha que nunca poderíamos ter” (COSTA, 1968, p. 107, apud RICUPERO, in PIMENTEL, 2013, p. 416). A fórmula encontrada por Rio Branco, era baseada em uma troca, que consistia no

apoio diplomático no continente em favor das posições de Washington em questões hemisféricas, no que se referia ao México, ao Panamá, à América Central, ao Caribe, esforçando-se por obter da parte dos latino-americanos maior aceitação da Doutrina Monroe. Em compensação, esperava dos americanos sustentação em relação aos europeus em eventuais dificuldades limítrofes ou políticas [...]. Contava, além disso, se não com o ativo comprometimento dos Estados Unidos, ao menos com sua neutralidade benevolente nos problemas fronteiriços com os vizinhos (RICUPERO, in PIMENTEL, 2013, p. 415).

Exemplificações práticas à parte, o que interessa aqui é mostrar o espírito com que eram guiadas as relações entre Brasil e Estados Unidos à época do Barão. No horizonte de expectativa prognóstico de Aranha está a vulnerabilidade deste espírito, ameaçado pela emergência da Política da Boa Vizinhança de Roosevelt, uma vez que uma mudança nos métodos estadunidenses para com os latino-americanos implicaria diretamente na diminuição da capacidade brasileira em oferecer o que os Estados Unidos anteriormente procuravam, como, por exemplo, o apoio tácito a intervenções na região. Não é coincidência, portanto, o fato de “a

única fórmula continental conveniente ao Brasil”²⁶, nas palavras de Aranha, assemelhar-se fortemente com a fórmula encontrada por Rio Branco para sustentar uma mais profunda aproximação entre Brasil e Estados Unidos.

2.3. O HORIZONTE DA ECONOMIA MUNDIAL

“O maior terremoto global medido na escala Richter dos historiadores econômicos”. Assim é definida a crise de 1929, que colocou em xeque o funcionamento das estruturas da economia capitalista mundial, pelo historiador Eric Hobsbawm (2017, p. 91). O desaparecimento do crédito; a insolvência e falência de bancos; o desemprego em massa; a desvalorização de inúmeras moedas; a drástica queda de produção industrial nos países centrais do capitalismo mundial; e o abandono do padrão libra-ouro, foram alguns dos efeitos econômicos da crise, sentidos ao redor de todo o globo (BANDEIRA, 2019, pp. 92-96; HOBBSAWM, 2017, pp. 94-101). Na América Latina, em específico, o retraimento comercial global, por um lado, minou a capacidade de escoamento dos produtos voltados à exportação, e a erosão do crédito, por outro, concorreu para a queda da capacidade de importação, quebrando a roda que sustentava economias baseadas quase que exclusivamente na agroexportação (CERVO, 2001, pp. 23-28).

Foi neste contexto de debacle econômico global que se deu a missão de Oswaldo Aranha junto à embaixada brasileira em Washington. Seis anos após o *crash* da bolsa de Nova York, o cenário ainda era de extrema desconfiança e desânimo em relação aos rumos que a economia mundial poderia tomar. A visão de Aranha sobre tal cenário, e sua perspectiva para o futuro das relações econômicas globais estão sintetizados em uma carta enviada a Vargas, datada de julho de 1935.

Nela, o embaixador descrevia a situação geral do comércio global e apontava caminhos que poderiam ser esperados, mantendo-se em curso os processos então observados. O foco de Aranha na questão comercial diz muito, por si só, sobre a posição ocupada e sobre a inserção internacional do Brasil na economia mundial, pautada, sobretudo, na agroexportação (CERVO, 2001, pp. 23-28).

²⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9225>>. Acesso em: 17 mai. 2022.

O primeiro ponto levantado por Aranha dizia respeito às consequências da redução do comércio universal, que determinaria, em sua visão, “a) maior agravação da situação interna, econômica e social, e externa, financeira e política dos povos; b) a mudança interna nos métodos de produção, de consumo e de circulação; c) a transformação dos processos de intercâmbio comercial”²⁷. De fato, tais agravamentos e transformações já se encontravam em curso. Internamente, seguindo a lógica de Aranha, via-se, em resposta aos impactos econômicos desencadeados pela crise, a queda de regimes políticos minimamente liberais em prol de governos autoritários, que prometiam políticas de Estado fortes no combate ao desolador cenário econômico. A ascensão de Hitler e Mussolini são os exemplos mais ilustrativos desta tendência (HOBSBAWM, 2017, pp. 119-126). As alterações políticas condicionadas pela crise de 1929, “não foram, [no entanto] em lugar algum, tão rápidas e expressivas quanto o foram nos países da América Latina”, onde houve ao menos 12 mudanças de governo e/ou regime político (MROS, 2011, p. 29).

Além disso, o maior intervencionismo estatal como solução para a mitigação dos efeitos macroeconômicos da crise virou a regra, algo observável, inclusive, nos Estados Unidos, com o *New Deal* rooseveltiano (BANDEIRA, 2019, p. 101). A lógica da agravação da situação política internacional, para Aranha, já foi discutida anteriormente, e diz respeito à perspectiva do embaixador acerca da iminência de um novo conflito de escala mundial (ver subcapítulo 2.1)²⁸.

São, no entanto, as alterações na dinâmica comercial global o foco da análise de Aranha. “O quadro do comércio mundial é o de um naufrágio”, dizia o embaixador, cenário agravado pela “redução do poder aquisitivo das moedas, do dos povos e do dos indivíduos”, além da concentração dos *stocks* de ouro na mão de poucos Estados que detinham boa parte das riquezas disponíveis. Nesse contexto, “as esperanças de um retorno ao intercâmbio multiangular não encontram apoio na vida atual das nações”, e as soluções encontradas pelas nações, após os “benefícios locais e passageiros” das barreiras alfandegárias e nacionalismos econômicos

²⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.01. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando a situação do comércio internacional, a solução encontrada pelas nações europeias através da intensificação do comércio com as colônias, e as consequências dessa "política colonial" para o Brasil. Washington. Vol. XIX/1. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6007>>. Acesso em: 25 mai. 2022.

²⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1936.08.26. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando as repercussões da guerra espanhola no continente americano e informando sobre a atitude do Itamaraty em relação às modificações sugeridas pelo governo americano ao texto do projeto do Pacto de Segurança Coletiva. Washington. Vol. XXIII/58. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7539>>. Acesso em: 26 mai. 2022.

preocupavam o embaixador, uma vez que apresentariam riscos reais à inserção econômica internacional do Brasil²⁹.

A alternativa encontrada pelas potências, na visão de Aranha, baseava-se no impulsionamento da “política colonial”. Em síntese, “as nações europeias começaram a procurar nas suas colônias a solução dos seus problemas, criando uma segunda ‘Santa Aliança’ econômica, mais ameaçadora do que foi a ‘política’ para a nossa independência”. Segundo essa lógica, os europeus estariam trabalhando em prol da “intensificação e [d]o desenvolvimento do comércio das metrópoles com as colônias e [pel]a restrição ao comércio normal”, isto é, cultivando e importando de suas colônias produtos antes comprados de outros Estados, a fim de baratear os custos de importação, principalmente de matérias-primas. Uma evidência de tal processo seria, na visão de Aranha, o aumento significativo na exportação originária de territórios africanos “nestes últimos cinco anos, quando a América em geral viu o seu [comércio] grandemente reduzido”³⁰.

Aranha observava tal movimento na reivindicação colonial alemã, na incursão italiana contra a Abissínia, na expansão japonesa na Manchúria e na criação da “autarquia colonial” britânica, que “forçou a Argentina a um tratado que importa, politicamente, em ficar à sombra do Império Britânico, para poder auferir parte dos benefícios concedidos às colônias inglesas na conferência de Ottawa”, e que baseava-se, segundo Bandeira (2019, p. 94), no princípio de “*home producers first, empire producers second, and foreign producers last*”. Na perspectiva do embaixador, se seguissem tal tendência, os Estados Unidos poderiam “retornar à política de expansão colonial, procurando na América Central terras de produção tropical”, num movimento que, se não fosse restrito à região, poderia conformar-se em ameaça política inclusive ao Brasil³¹.

A facilitação da importação de produtos vindos das colônias não era, no entanto, um movimento isolado. “Ao mesmo tempo que estabelecem regras restritivas para compra aos demais a fim de só comprarem de suas colônias, estabelecem facilidades — as mais engenhosas — para vender aos países de que não querem importar”³², ressaltava Aranha. Por mais que não fizesse referência direta à política de compensações, a prática encaixa-se perfeitamente na

²⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.01. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando a situação do comércio internacional, a solução encontrada pelas nações europeias através da intensificação do comércio com as colônias, e as consequências dessa “política colonial” para o Brasil. Washington. Vol. XIX/1. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6007>>. Acesso em: 26 mai. 2022.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

³² Ibidem.

descrição do embaixador sobre tais “facilidades engenhosas” elaboradas em prol da manutenção do fluxo de exportação europeu para outros Estados.

As compensações funcionavam, na prática, como uma troca de mercadorias, uma vez que os valores das vendas de um país ao outro eram “contabilizados nas ‘caixas de compensação’ de cada país” (CERVO; BUENO, 2017, pp. 273-274), e só poderiam ser revertidos como créditos para a compra de produtos por um país junto àquele com o qual praticou a compensação. Aranha era crítico da política de compensações, uma vez que ela funcionava para o equilíbrio da balança comercial entre dois países, minando a capacidade brasileira de gerar superávits comerciais com seus parceiros³³.

Segundo o embaixador, a manutenção das práticas encontradas pelas potências europeias para baratear os custos de transação — aumento do comércio colônia-metrópole e criação de novos métodos de comércio, como as compensações — “será a pior [solução] possível para o futuro do Brasil”. Isso se explica facilmente quando levadas em consideração as características da pauta exportadora brasileira. Como apontava Aranha,

a borracha, o cacau, o café são hoje produtos coloniais, mais do que nossos, ou porque estejam sendo produzidos vantajosamente nas colônias, ou porque estamos na dependência desses novos produtores em nossas exportações. Apenas a “castanha do Pará” é de nossa exclusiva produção. Não vejo claro o futuro do nosso comércio internacional³⁴.

O pessimismo do embaixador era tanto, que ele chegava a cogitar que, em cenário extremo “essa ‘política colonial’ ou nos reduzirá a ela ou teremos que bastar-nos a nós mesmos”, algo possível na visão de Aranha, que postulava que “o Brasil, salvo o petróleo — que pode substituir, — e o trigo — que pode e deve produzir —, poderá viver de si mesmo, até sem se empobrecer”³⁵. A perspectiva do embaixador de que o Brasil poderia manter-se sozinho ante o fechamento do comércio internacional é, no entanto, colocada em xeque quando levado

³³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.10.09/1. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado, devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face às vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5199>>. Acesso em: 26 mai. 2022.

³⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.01. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando a situação do comércio internacional, a solução encontrada pelas nações europeias através da intensificação do comércio com as colônias, e as consequências dessa “política colonial” para o Brasil. Washington. Vol. XIX/1. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6007>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

³⁵ *Ibidem*.

em consideração que, mesmo com a expansão do mercado interno no imediato pós-crise, “nem por isso a reprodução ampliada do capital passou a ter uma base interna. A fragilidade de uma produção de meios de produção no Brasil fez com que a acumulação ficasse na dependência das importações dessas mercadorias” (HARDMAN; LEONARDI, 1991, p. 52), necessárias para a manutenção de um alto nível de produção interna.

A manutenção da saúde econômica do Brasil dependia fortemente, portanto, do comércio internacional, o que mostra serem completamente compreensíveis os temores de Aranha em relação aos rumos que a economia mundial tomava. Tal característica, até então, acompanhava o Brasil a despeito de rupturas e mudanças político-institucionais, de modo que a inserção na economia mundial como agroexportador e dependente da importação de produtos industriais de países que se encontravam no centro do capitalismo mundial, remete ao início da vida independente do país, quando Dom Pedro I assim consolidou a partir da assinatura dos tratados desiguais com os ingleses em troca da aceitação da Independência (CERVO; BUENO, 2017, pp. 52-55).

Soma-se a tal aspecto do espaço de experiência institucional brasileiro, o espaço de experiência pessoal de Aranha. Entre 1931 e 1934, Aranha ocupou o cargo de Ministro da Fazenda, após a saída de José Maria Whitaker do posto (HILTON, 1994, p. 118). A frente do Ministério, Aranha foi responsável por encaminhar projetos relevantes para a condução da vida econômica do país, sendo o mais notável deles seu esforço no sentido de dimensionar e apontar caminhos para o pagamento da dívida externa brasileira, a partir da institucionalização da Comissão de Estudos Econômicos dos Estados e Municípios, vinculada ao Ministério da Fazenda, sob a liderança de Valentim Bouças, em novembro de 1931 (MROS, 2016, pp. 5-7). É inegável, portanto, a importância da experiência de Aranha frente ao Ministério no imediato pós-crise, o que lhe colocou em contato direto com os principais dilemas da economia brasileira, dando-lhe uma dimensão maior e mais profunda sobre os desafios que o país enfrentava e poderia vir a enfrentar com o agravamento do cenário econômico mundial.

Em suma, a confluência da conjuntura de crise global; do espaço de experiência institucional da inserção internacional econômica brasileira como agroexportador e dependente do centro do capitalismo industrial; e do espaço de experiência pessoal de Aranha à frente do Ministério da Fazenda, que proporcionou seu engajamento direto com as principais pautas da economia brasileira, trabalharam para a criação de um horizonte de expectativa prognóstico extremamente pessimista quanto aos eventuais desdobramentos que as tendências observadas na economia mundial poderiam auferir sobre a saúde econômica do Brasil. Destaca-se, aqui, o temor de Aranha frente a possibilidade da perda do espaço que as mercadorias brasileiras

ocupavam no mercado de importação europeu em decorrência do aumento do fluxo comercial entre colônias e metrópoles. Como será visto adiante, o espaço de experiência pessoal do embaixador como Ministro da Fazenda terá reflexo direto na elaboração de seu horizonte de expectativa propositivo em relação aos rumos que a inserção econômica internacional do Brasil deveria tomar, agravando-se os processos observados em seu horizonte de expectativa prognóstico.

2.4. O HORIZONTE DA POTÊNCIA

Como abordado anteriormente, Barão do Rio Branco foi um dos primeiros estadistas brasileiros a antever a emergência dos Estados Unidos ao patamar das tradicionais potências mundiais, concentradas exclusivamente, à sua época, no Velho Continente (RICUPERO, in PIMENTEL, 2013, pp. 412-413). Aranha, por sua vez, tinha clara a percepção de que aquele país, em meados da década de 1930, já havia superado, em diversos aspectos, seus pares europeus, configurando-se, portanto, como uma entidade dotada de um grau de poder superior. Essa perspectiva confirmar-se-ia ao final da Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos, impulsionados pelos desdobramentos do conflito, consolidaram-se como uma superpotência capaz de, ao lado da União Soviética, sustentar a nova configuração do Sistema Internacional, marcada fortemente pela rivalidade bipolar característica da chamada Guerra Fria (BANDEIRA, 2019).

Tal perspectiva manifesta-se direta e indiretamente ao longo de todo o período em que o político serviu como embaixador brasileiro naquele país. O primeiro aspecto levantado por Aranha dizia respeito ao poder material dos Estados Unidos, evidenciado, por exemplo, pela grandiosidade das cidades, prédios e monumentos observados logo no início de sua missão. Após retornar de sua visita à Exposição Mundial de Chicago, em outubro de 1934, escrevia a Vargas que

*este país tem mais riquezas do que todo o resto do mundo. O orçamento de uma cidade como Chicago é maior do que o da Itália. O de Nova York é várias vezes o nosso. O número de automóveis numa cidade média aqui é maior do que o de todo o Brasil! E assim por diante. Os edifícios públicos que estão sendo inaugurados são grandiosos. Assisti à inauguração do do Departamento da Justiça, o mais modesto, que custou 10.000.000 de dólares, mais, talvez, do que todos os do Rio juntos. Não creias que exagero, nem que estou deslumbrado. Estou vendo e anotando fatos (grifo nosso)*³⁶.

³⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.11.02. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando a grandeza e o desenvolvimento americano e enviando dados que comprovam a superação da crise nos Estados Unidos. Washington. Vol. XVI/46. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5252>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

Um desdobramento do grau de avanço material dos Estados Unidos era a aparente facilidade, na visão do embaixador, com que o país superava o cenário de adversidades econômicas condicionado pela grande crise de 1929. “A crise aqui é, apenas, a redução de parte da descomunal atividade dessa gente. Nada mais. Não terá efeitos maiores. O trabalho americano não conhecia horizontes, nem dificuldades, nem limites”, escrevia a Vargas na mesma ocasião do seu retorno de Chicago. A redução da disponibilidade de emprego havia gerado, meramente, “uma hora de surpresa, que não chegou a atingir o espírito, o otimismo, o esforço do americano”. Os dez milhões de desempregados eram “muito poucos em relação aos demais países”, e mesmo a condição de vida destes devia ser invejada por países como o Brasil, declarava Aranha, desejando “que as casas e as vidas dos nossos com trabalho fossem como dos sem trabalho americanos. Assim um ocupadíssimo nosso tivesse a vida de um desocupado americano”³⁷.

Outro aspecto levantado pelo embaixador, encarado como a base do progresso material do país, dizia respeito ao que pode ser definido como o espírito da população. Como mostra Hilton (1994, p. 191), desde cedo a sociedade estadunidense impressionou Aranha, que não poupava elogios à mesma em sua correspondência com Vargas. Após percorrer os estados de Nova York, Pensilvânia, Connecticut e Massachusetts, em junho de 1935, o embaixador destacava que “não é a obra material do progresso a que impressiona o viajante: é o movimento de tudo e o aspecto sadio, alegre, laborioso e feliz das populações”. E complementava:

Não te posso esconder o meu deslumbramento e quanto, tudo que vi e observei, feriu o meu espírito. Não cabem em uma carta, escrita ao correr da máquina, as impressões dessas travessias por ‘terras e civilizações d’antes nunca imaginadas’. Há aspectos, lugares, costumes, fatos que mereceriam capítulos. A originalidade dessas populações, as suas peculiaridades e hábitos, a forma de viajar, de viver, de hospedar são dignos de estudos especiais³⁸.

Da mesma maneira que o povo, o líder da nação também angariava respeito e admiração do embaixador brasileiro. Como observado anteriormente, Aranha foi o embaixador estrangeiro mais recebido por Roosevelt entre 1934 e 1937 (OLIVEIRA, in LIMA; ALMEIDA; FARIAS, 2017, p. 103). Este dado revela o relativo grau de intimidade desenvolvido entre Aranha e Roosevelt, que transbordava para outros salões da Casa Branca e facilitava as relações entre

³⁷ Ibidem.

³⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.06.25. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas descrevendo suas impressões sobre os Estados Unidos após suas viagens a Vermont e West Virginia. Washington. Vol. XVIII/82. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5981>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

Aranha e figuras importantes do Departamento de Estado (HILTON, 1994, pp. 202-203). A proximidade com o presidente estadunidense nutriu em Aranha impressões sobre ele que se assemelhavam àquelas que o embaixador transpassava em suas análises sobre o povo daquele país. Ao descrever os acalorados debates que tomaram conta do tradicional banquete oferecido no *Gridiron Club*, em dezembro de 1934, Aranha deixava clara sua admiração por Roosevelt, que se viu forçado a defender suas políticas de ataques e críticas dos presentes:

Ele foi estupendo. Faz pena vê-lo em pé. Mas ele fala em pé, apoiado em uma cadeira apropriada. Sua energia excede os limites da nossa imaginação. É um Hércules de vontade. Sua paralisia inferior parece que revigorou seus órgãos superiores. Esta é a impressão popular. Esta é a de quem o observa em oração. O esforço deste homem não cabe na nossa compreensão. Ele não caminha, não anda. É arrastado e arrasta consigo este país. Confesso-te a minha admiração por este homem. A sua energia e seu esforço ao serviço do seu país, são inexcedíveis³⁹.

Por fim, o desenvolvimento da estrutura institucional da democracia estadunidense também capturou a admiração de Aranha. Hilton (1994, p. 205), defende que foi o contato com o sistema político dos Estados Unidos que afastou de Aranha suas maiores tendências em favor de regimes fortes, típicos da década pós-crise. Os escritos do embaixador após a Convenção do Partido Republicano em Cleveland, em junho de 1936, dão conta de evidenciar suas impressões em relação ao espírito da democracia estadunidense. De início, o embaixador ressaltava a ordem encontrada em um auditório com quase vinte mil pessoas que “obedecia, porém, como por encanto, ao martelo do *chairman*”, demonstrando uma “atitude de respeito que só vi em nossas igrejas”. Tal aspecto servia para mostrar que “o ‘interesse político’ é real neste país e cada criatura, inclusive a criança e a mulher, tem consciência dos seus direitos e deveres”. Derivava isso do fato de que “a democracia é ensinada nas escolas e os atos governamentais são discutidos, estudados, examinados de um ponto de vista geral, mas sem receios de melindres ou críticas, porque tudo é feito para instruir e aparelhar cada um e todos para o exercício da sua cidadania”. Tais fenômenos seriam, por fim, “grandes demais para caberem dentro dos nossos estreitos horizontes políticos”⁴⁰.

³⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.12.21/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando o banquete oferecido pelos jornalistas ao Presidente da República dos EUA. Washington. Vol. XVI/78. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5399>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

⁴⁰ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.06.24. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre a campanha presidencial nos Estados Unidos, relatando particularmente, a convenção do Partido Republicano em Cleveland, e a conferência Interamericana da Paz, em Buenos Aires. Washington. Vol. XXII/73. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7306>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

2.5. CONCLUSÃO

No esforço de dimensionar e elencar os aspectos presentes no horizonte de expectativa prognóstico de Oswaldo Aranha, foram encontrados, através da leitura e análise das fontes primárias, ao menos quatro macroprocessos observados atentamente pelo embaixador. O primeiro diz respeito à iminência de um novo conflito armado de dimensões globais. Como visto, tal conflito, na visão de Aranha, decorreria, principalmente, de uma renovada corrida imperialista das potências europeias e do descontentamento gerado pelo arranjo institucional de Versalhes sobre Estados como Itália e Alemanha. Nesse contexto, o Brasil estaria ameaçado por apresentar-se como um potencial campo de expansão imperialista devido à abundância de recursos naturais disponíveis e à ampla presença de populações migrantes apenas parcialmente nacionalizadas à época, destacando-se as colônias de ascendência germânica no sul do país. Concorria para tal horizonte de expectativa prognóstico o resgate da memória da Grande Guerra, que reconfigurou a perspectiva global acerca do potencial de escalada das disputas bélicas entre as potências.

A emergência da Política da Boa Vizinhança, por sua vez, apresentava-se como um risco às relações entre Brasil e Estados Unidos, uma vez que o grau de intimidade destas era, na visão de Aranha, derivação direta do grau de hostilidade presente nas relações entre Estados Unidos e os demais países latino-americanos. Presente no espaço de experiência institucional resgatado pelo embaixador, o nível das relações que foram estabelecidas à época de Rio Branco entre Estados Unidos e Brasil estaria, portanto, ameaçado.

O cenário pessimista que Aranha pintava em relação aos processos que se encontravam em curso na economia mundial, por sua vez, era desdobramento da crise de 1929. Para o embaixador, a inserção econômica internacional do Brasil estava diretamente ameaçada frente ao aumento do fluxo comercial colônia-metrópole, que buscava baratear os custos de importação de matérias-primas para as potências europeias. Concorriam para tal horizonte o espaço de experiência institucional da inserção econômica do Brasil como dependente, por um lado, da agroexportação e, por outro, da importação de produtos industriais do centro do capitalismo mundial; e pessoal, relativo ao período em que o embaixador ficou à frente da pasta da Fazenda, entre 1931 e 1934.

Por fim, a compreensão do cenário de manifesta admiração pelo desenvolvimento econômico e político dos Estados Unidos, e de respeito nutrido pelo povo e por seu líder, é fundamental para o entendimento acerca do horizonte de expectativa propositivo de Oswaldo Aranha, construído a partir da análise dos efeitos que os processos presentes em seu horizonte

de expectativa prognóstica teriam sobre o Brasil. Isso porque, como será sustentado no capítulo subsequente, a base da ação necessária para o país escapar dos piores efeitos possíveis da futura guerra, do retraimento econômico global e da emergência da Boa Vizinhança, seria, para Aranha, uma maior aproximação em relação aos Estados Unidos. As impressões do embaixador acerca do desenvolvimento político, econômico e social daquele país podem auxiliar, portanto, na compreensão de tal perspectiva.

3. HORIZONTE DE EXPECTATIVA PROPOSITIVO

A segunda derivação conceitual do horizonte de expectativa de Koselleck (2006) é o *horizonte de expectativa propositivo*. Destarte, é importante ter em mente a ideia do horizonte de expectativa propositivo como fruto de uma dupla derivação, isto é, como a derivação de uma derivação. Isso porque o horizonte de expectativa propositivo não existe sem o horizonte de expectativa prognóstico; este é sua precondição. Ao passo que o horizonte de expectativa prognóstico diz respeito pura e simplesmente às previsões, o horizonte de expectativa propositivo diz respeito a todo e qualquer planejamento que derive da antecipação dos efeitos dos processos que se prevê. Enquanto no horizonte de expectativa prognóstico temos que “X pode/vai acontecer” (e suas possíveis complexificações), no horizonte de expectativa propositivo temos que “já que X pode/vai acontecer — resultando em Y, Z, etc. —, devemos A”.

O que deveria ser feito, na visão de Oswaldo Aranha, para se atenuar os efeitos que os quatro macroprocessos presentes em seu horizonte de expectativa prognóstico teriam sobre o Brasil e seus interesses? Isto é, tendo em vista o horizonte da guerra, da Boa Vizinhança, da economia mundial e da nova potência, qual plano de ação deveria ser tomado pelo Brasil? Como as relações entre Brasil e Estados Unidos entravam nesta equação?

Como antecipado anteriormente (ver subcapítulo 2.5), central no horizonte de expectativa propositivo de Oswaldo Aranha estava a convicção de que o Brasil deveria estreitar seus laços com os Estados Unidos. Dividido em quatro subcapítulos, para além desta introdução e de considerações finais, o presente capítulo procura mostrar o que significava para Aranha tal aproximação, isto é, em que campos das relações ela deveria materializar-se e de que maneira. No primeiro subcapítulo, serão analisadas as propostas de Aranha em prol de uma aproximação econômica entre Brasil e Estados Unidos, destacando-se suas condicionantes, sejam elas elementos presentes no horizonte de expectativa prognóstico do embaixador — suas perspectivas acerca dos processos em curso na economia mundial —, sejam elas elementos presentes em seu próprio espaço de experiência pessoal — período em que esteve à frente do Ministério da Fazenda.

Em seguida, analisa-se a aproximação prescrita por Aranha no campo político-militar. Destacam-se como condicionantes a presença do horizonte da guerra e do horizonte de Boa Vizinhança, elementos centrais no horizonte de expectativa prognóstico do embaixador. Além disso, são exploradas as arenas pelas quais Aranha sugeria que a aproximação se materializasse, quais sejam a bilateral e a multilateral. No terceiro subcapítulo são analisadas as propostas de

Aranha para a reestruturação e incremento do aparato representativo do Brasil nos Estados Unidos. Defende-se que a consolidação de um aparato representativo mais bem aparelhado era vista pelo embaixador como uma pré-condição da obra de aproximação econômica e político-militar sugerida. Por fim, exploram-se os limites da aproximação prescrita por Aranha, dando destaque à capacidade de barganha que o embaixador acreditava que o Brasil possuía junto aos Estados Unidos e que, conseqüentemente, deveria ser utilizada na consecução dos objetivos de política externa junto àquele país.

3.1. APROXIMAÇÃO ECONÔMICA COM OS ESTADOS UNIDOS

Como evidenciado anteriormente, a análise da conjuntura da economia mundial, desdobramento da crise generalizada de 1929, aliada ao resgate do espaço de experiência institucional da inserção do Brasil na economia capitalista global, trabalhavam para a construção de um horizonte de expectativa prognóstico extremamente pessimista para os interesses econômicos brasileiros, no ponto de vista de Oswaldo Aranha (ver subcapítulo 2.3). No centro de tal horizonte de expectativa prognóstico estava a transformação da dinâmica comercial global, com o recrudescimento do comércio entre colônias e metrópoles e do que o embaixador classificou como “as mais engenhosas”⁴¹ alternativas desenvolvidas pelas economias europeias para driblar os consolidados mecanismos liberais de comércio.

Desconsideradas as conseqüências sociais e políticas deste cenário tanto para o Brasil quanto para o mundo (ver subcapítulo 2.1), as características da matriz exportadora brasileira, calcada na venda de matérias-primas minerais e agrícolas, faziam com o que país visse sua posição no comércio global ameaçada, tendo Aranha a perspectiva da perda de espaço dos produtos brasileiros no mercado europeu, além da antevisão do surgimento de uma lógica comercial neocolonial. Quais ações deveriam ser tomadas pelo governo e pela diplomacia brasileira tendo em vista este cenário?

Na mesma carta em que apresentava os elementos que foram abstraídos e caracterizados aqui como parte de seu horizonte de expectativa prognóstico em relação à economia mundial, o embaixador dava o tom dos rumos que o Brasil deveria tomar para mitigar os efeitos de suas previsões. Este planejamento a partir da antecipação de processos futuros, isto é, este horizonte

⁴¹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.01. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando a situação do comércio internacional, a solução encontrada pelas nações europeias através da intensificação do comércio com as colônias, e as conseqüências dessa “política colonial” para o Brasil. Washington. Vol. XIX/1. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6007>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

de expectativa propositivo, tinha como base a ideia de que “precisa o Brasil, desde logo: a) cuidar dos países que, agora e durante longo prazo, necessitarão de seus produtos; b) cuidar de produzir tudo quanto se importa de países que estão desenvolvendo a ‘política colonial’ a fim de libertar-se das importações de nosso país”⁴². Seguindo esta lógica, o embaixador apontava a importância dos Estados Unidos para a economia brasileira, fato conhecido dos tomadores de decisão do Rio de Janeiro, mas que se acentuou em vista do cenário pessimista pintado por Aranha. Segundo ele,

dos nossos compradores, apenas este país, parece-me, será sempre forçado a nos comprar café, cacau e castanhas. Os demais importadores do Brasil suprir-se-ão em suas colônias desses produtos e tratarão de aparelhá-las para concorrer conosco nos mercados americanos. [...] O Brasil não tem produtos exclusivos, mas tem consumidores cuja preferência devemos cultivar. É o caso dos Estados Unidos. Não puxo brasa para a minha sardinha. [...] A minha unidade é o Brasil”⁴³.

De fato, a preocupação de Aranha em estreitar as já intensas relações comerciais do Brasil com os Estados Unidos manifestou-se desde cedo em sua missão junto à embaixada em Washington. Um dos primeiros tópicos sobre o qual o embaixador se debruçou foi a questão do tratado comercial que estava sendo costurado entre os dois países. Aranha, como veremos, foi um ferrenho defensor do tratado, o que pode ser compreendido ao analisarmos tanto as previsões contidas em seu horizonte de expectativa prognóstico como os rumos defendidos em seu horizonte de expectativa propositivo.

Os arranjos em prol do tratado de comércio tinham como obstáculo, no entanto, conversações entre Rio de Janeiro e Berlim acerca de um acordo comercial. As autoridades estadunidenses viam com maus olhos acordos entre Brasil e Alemanha, uma vez que estes seriam baseados na política das compensações, o que ia contra os esforços de Roosevelt em reerguer o liberalismo comercial global. Tal ponto foi explicitamente elucidado à representação brasileira em Washington, como deixava claro Aranha: “O ponto de vista americano contrário ao nosso tratado com a Alemanha funda-se na condenação irrevogável da política de compensações”⁴⁴. Criava-se, portanto, um impasse: ou sacrificava-se um melhor entendimento com Berlim em

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.10.09/1. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado, devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face às vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5174>>. Acesso em: 12 jun 2022.

prol das relações com Washington, ou sacrificava-se um melhor entendimento com Washington em prol das relações com Berlim.

Aranha colocou-se prontamente junto à primeira alternativa. Os acenos do governo brasileiro à Alemanha levaram o embaixador a escrever que “entre duas estradas, estamos escolhendo a que leva ao abismo e recusando a que nos permitirá conta com os saldos atuais dos Estados Unidos e as possibilidades de incremento comercial”. Ainda concluía, em tom dramático, que um acordo com a Alemanha, em detrimento dos acertos com os Estados Unidos, “é a sombra da árvore que não deixa ver os espinhos da floresta. Será o primeiro elo de uma cadeia na qual nos iremos fatalmente enforçar”⁴⁵.

A opção de Aranha junto aos Estados Unidos, além de fundamentar-se na já consolidada relação econômica entre o Brasil e aquele país, também era fruto de sua condenação à política das compensações, outrora caracterizada pelo embaixador como uma “engenhosa”⁴⁶ alternativa para driblar os mecanismos liberais de comércio, favorecendo os interesses da parte deficitária das transações, neste caso, a Alemanha. Por mais que Vargas ressaltasse à Aranha a utilidade das compensações no aparelhamento militar das Forças Armadas brasileiras, e na introdução “no mercado alemão [de] vários produtos nacionais que os Estados Unidos não nos comprem e que interessam muito particularmente o Rio Grande [do Sul]”⁴⁷, o embaixador não vacilava em suas convicções.

Segundo ele,

A Alemanha quer uma troca pura e simples de mercadoria através de uma conta bancária onde nunca poderá haver saldos em nosso favor! O resultado de fazermos esta operação será aumentar o volume e o valor em quantidades iguais na exportação e na importação. Dir-se-ia que o aumento de volume e valor na nossa importação a Alemanha traz redução de volume e valor na nossa importação de outro país. É possível, mas com vantagem para a nossa economia, unicamente naquela parte em que compensar com o aumento de exportação nossa, descontada a redução de

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.01. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando a situação do comércio internacional, a solução encontrada pelas nações europeias através da intensificação do comércio com as colônias, e as consequências dessa “política colonial” para o Brasil. Washington. Vol. XIX/1. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6007>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

⁴⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.10.09/1. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado, devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face às vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5174>>. Acesso em: 12 jun 2022.

importação do país do qual deixamos de comprar os artigos negociados com a Alemanha. Resultado: zero e mais zero⁴⁸.

Na defesa de seu ponto, o embaixador ainda ressaltava que, se devido ao encerramento das conversas com a Alemanha por um acordo, aquele país diminuísse suas importações do Brasil, isso não se configuraria necessariamente em um problema, pois “o café que a Alemanha não nos comprar terá que ir buscá-lo em outro país e o mercado deste país passará para o Brasil”⁴⁹.

Central para esse posicionamento era o fato de que as trocas com os Estados Unidos, por serem baseadas no liberalismo comercial, davam ao Brasil um amplo saldo superavitário em dólares, o que Aranha considerava uma das chaves para os compromissos econômicos do país com o mundo. Aqui, faz-se fundamental a retomada do espaço de experiência pessoal de Aranha junto à questão da dívida externa brasileira, quando de sua passagem pelo Ministério da Fazenda (MROS, 2011; 2016; ver subcapítulo 2.3). Isso porque, além de basear-se na cláusula de nação mais favorecida e reajustar tarifas de uma vasta cesta de produtos, o acordo com os Estados Unidos serviria, também, para tratar de pontos relativos às pendências financeiras do Brasil para com aquele país, consolidando meios de obtenção de crédito junto à instituições financeiras estadunidenses; regularizando o câmbio para transações comerciais entre os dois países; e estabelecendo a forma pela qual seriam quitados os atrasados comerciais e o serviço da dívida brasileira com os Estados Unidos⁵⁰.

Intrínseca à defesa dos acertos econômicos com os Estados Unidos estava, portanto, a questão da dívida, e a posição de membros do governo estadunidense acerca do tópico era evocada por Aranha, talvez com o objetivo de dar maior legitimidade à corrente pró-cumprimento do esquema da dívida. Em março de 1935, o embaixador escrevia:

Ouvi do Welles o seguinte: “Não temos interesse material no pagamento do esquema [das dívidas]. Isso interessa aos ingleses e a outros. A sua suspensão reverteria em favor do nosso comércio. Mas, embaixador, antes de mais, nós queremos que o Brasil mantenha o seu prestígio político, e isso seria um desastre fatal”. E é a realidade. Não creias na cegueira dos que afirmam o contrário. A Rússia repudiou as suas dívidas e ficou anulada em todas as atividades comerciais e financeiras no mundo.

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.01.08. Correspondência a Getúlio Vargas sobre tratado comercial entre o Brasil e os Estados Unidos, abordando a questão dos atrasados comerciais e dos acordos com a Alemanha e a Itália, informando sobre a assinatura do acordo, em Washington. Rio de Janeiro. Vol. XVII/5, 20 e 21. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5433>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

Por fim, defendia que “o esquema [das dívidas] é uma conquista, Getúlio, que precisamos consolidar. [...] Este é o caminho. Tudo o mais é erro, talvez crime”⁵¹. Quando Vargas, ao apresentar suas impressões sobre o cenário econômico mundial, em agosto de 1935, cogitou a suspensão do pagamento do esquema da dívida, Aranha enfatizou o quanto a manutenção dos compromissos era fundamental para a aproximação econômica junto aos Estados Unidos: “O Brasil, queiramos ou não, será um dos países mais procurados [pelos Estados Unidos], porque o americano está com horror da Europa e medo da Ásia. [...] A suspensão será o fim de tudo. E esses capitais irão para ilhas e colônias, nossos concorrentes”⁵².

Aranha também se mostrou partidário de uma maior aproximação econômica para com os Estados Unidos quando das conversas para a renovação do sistema de comércio compensado entre Brasil e Alemanha. Na ocasião, o embaixador voltava a criticar a aproximação econômica com a Alemanha:

Espero [...] que não sejas tu [,Getúlio,] o autor da preeminência do comércio alemão no Brasil, risco e perigo de que não se podem descurar homens bem avisados e nem países novos nas condições do Brasil. E este é o caminho atual e até o espírito de muitos. A preeminência americana só nos deu paz, auxílio e horas difíceis e saldos em todos os tempos. O alemão não trará saldos, não trará paz e só trará ameaças, cada dia mais claras e sérias⁵³.

Em suma, é possível afirmar que, tendo em vista os efeitos na inserção internacional do Brasil dos processos presentes em seu horizonte de expectativa prognóstico, a necessidade do estreitamento das relações econômicas entre Brasil e Estados Unidos configurava-se como um aspecto importante do horizonte de expectativa propositivo do embaixador. As justificativas

⁵¹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.06/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre o pagamento da dívida com os Estados Unidos através da emissão de títulos correspondentes; necessidade de elaboração de um plano de consolidação e unificação da dívida nacional; e informando sobre o banquete oferecido pelos médicos a sua pessoa, em homenagem ao Presidente do Brasil, em retribuição à acolhida ao futuro Congresso no Rio de Janeiro da "Pan American Medical Association". Washington. Vol. XVII/53. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5626>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

⁵² CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.08.13. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha comentando a crise econômica mundial e suas repercussões sobre o comércio brasileiro; sugerindo solução para o pagamento da dívida externa e solicitando sua opinião sobre o local a ser instalado o "bureau" comercial do Brasil nos Estados Unidos. Em anexo, resposta de Oswaldo Aranha sugerindo que o bureau seja instalado em Washington e opinando sobre a questão da dívida. Rio de Janeiro. Vol. XIX/26 e 36. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6116>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

⁵³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.07.03. Correspondência entre Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas e Artur de Sousa Costa sobre a "missão Sousa Costa" nos EUA, abordando as seguintes questões: acordo comercial Brasil-Alemanha; criação de duas comissões (N. York e Rio) para intercâmbio comercial brasileiro-americano; "operação ouro" para criação, no Brasil, de um Banco Central; acordo para pagamento da dívida externa. Inclui relatório dos trabalhos da missão apresentado ao Presidente da República, após o regresso do ministro da Fazenda dos EUA. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XXVI/76, 78a, 78b, 78c, 78d, 78e, 78f, 81, 82a, 82b, 82c, 82d, 82e, 86a, 89, 90a, 90b, 91a, 91b, 92. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8961>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

para tal posicionamento, para além de seu horizonte de expectativa prognóstico, encontravam-se no espaço de experiência institucional das relações econômicas históricas entre Brasil e Estados Unidos; e no espaço de experiência pessoal de Aranha quando de sua passagem pelo Ministério da Fazenda.

O pessimismo do embaixador acerca das novas dinâmicas emergentes na economia mundial era parcialmente remediado com a perspectiva de que parte dos problemas antevistos seriam sanados com um estreitamento das relações econômicas com os Estados Unidos, baseado na expansão das relações comerciais entre os dois países em torno dos preceitos econômicos liberais — e na conseqüente condenação de arranjos alternativos de comércio, como o regime de compensações com a Alemanha. Além de servir como um destino para as mercadorias brasileiras que perdiam espaço na Europa, os Estados Unidos configuravam-se como um fornecedor de moeda forte a partir de saldos superavitários, o que era fundamental para o cumprimento das pendências da dívida externa brasileira. Daí decorre o posicionamento de Aranha em prol do tratado comercial firmado com aquele país no início de 1935 e suas críticas em torno da aproximação econômica do Brasil junto à Alemanha.

3.2. APROXIMAÇÃO POLÍTICO-MILITAR COM OS ESTADOS UNIDOS

Oswaldo Aranha, antes mesmo de tomar posse como embaixador do Brasil em Washington, tinha claro em seu horizonte de expectativa prognóstico a ideia de que uma nova guerra de proporções mundiais estava para eclodir. Derivada, principalmente, da conflituosa dinâmica política intereuropeia, tal conflito, assim como a Grande Guerra o fez, certamente impactaria o Brasil e seus interesses, apresentando-se, no pior dos cenários, como um risco à própria integridade territorial do país (ver subcapítulo 2.1). Levando em consideração o cenário político mundial vislumbrado pelo embaixador, que plano de ação deveria ser seguido pelo Brasil, de forma a preservar da melhor maneira possível seus interesses?

O primeiro dos passos, identificado em diversos trechos dos escritos de Aranha, e que demandaria ação externa — em paralelo à ações internas, como a maior atenção ao processo de nacionalização das populações das colônias ítalo-germânicas no sul do Brasil⁵⁴ — seria um

⁵⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.05.12/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre o trabalho desenvolvido pelos comunistas americanos contra o Governo brasileiro, alertando contra os perigos da política colonial alemã e italiana, e comunicando que está elaborando, junto com o Governo americano, uma solução para os problemas da navegação em geral, inclusive o caso de Lloyd. Washington. Vol. XXII/43. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7208>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

contínuo afastamento do Brasil das questões políticas europeias que pudessem aumentar os atritos entre as potências do Velho Continente. Aranha postulava que o Brasil não deveria se comprometer com, mas rechaçar os conflitos envolvendo as tradicionais potências europeias. Isso não significava não tomar partido, mas garantir que os interesses do Brasil na Europa e no mundo não fossem abalados por posicionamentos, em sua visão, equivocados.

Essa perspectiva manifestou-se, na prática, quando a Itália de Mussolini invadiu a Abissínia, dando início ao que entrou para a História como a Segunda Guerra Ítalo-Etíope. O embaixador classificava a declaração de neutralidade brasileira como “infeliz, senão desastrosa”.

Não condenar a atitude da Itália, quando todas as nações do globo o fizeram, é trocar pela possibilidade de míseros 30 dinheiros a nossa fé internacionais, abrir possibilidade a que se procure fazer o mesmo conosco e, do ponto de vista estritamente prático, é optar pelas possibilidades de venda a uma nação pobre contra as do comércio universal.

Em jogo estava, portanto, para além da tradição pacifista da diplomacia brasileira, o prestígio político do Brasil no mundo, essencial, em sua visão, para a manutenção dos interesses econômicos do país. “Já, aqui [nos Estados Unidos], estamos apontados como o único país do mundo partidário dos processos de expansão da Itália”⁵⁵, alertava a Vargas, levando em consideração os danos à imagem do Brasil em um país cuja população, após a participação ativa em uma guerra mundial, e com a perspectiva da eclosão de uma nova, nutria um forte sentimento pacifista⁵⁶.

Com os Estados Unidos aderindo, em parte, às sanções impostas à Itália, o embaixador classificava a situação diplomática do Brasil sobre o caso como “má, [...] péssima, [...] insustentável”. “A nossa atitude, Getúlio, vai custar caro ao Brasil, se, com tempo e habilidade, não a corrigirmos. Não é uma simples opinião esta que te estou a dar. É o resumo de indícios, de observações, de palestras e até de informações secretas”. Em suma, Aranha considerava “o destino da Itália e do Mussolini [...] confusos demais para misturarmos o futuro do Brasil com

⁵⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.11.11. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando a chegada de Alzira Vargas aos Estados Unidos, enfatizando a importância da cooperação feminina na vida pública de uma nação e criticando a declaração de neutralidade do Brasil, em relação a guerra Ítalo-Etíope. Washington. Vol. XX/10. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6410>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

⁵⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.10.15. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando a posição dos Estados Unidos em relação a situação mundial e sobre a vitória dos "liberais" nas eleições canadense. Washington. Vol. XIX/71. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6351>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

suas incertezas e perigos”⁵⁷. O embaixador, portanto, tendo em vista o caminho obscuro traçado pela militarização das potências europeias, buscava afastar o Brasil das dinâmicas daquele continente, posição que compartilhava, em parte, as bases de suas críticas à aproximação econômica em relação à Alemanha, que traria apenas “ameaças, cada dia mais claras e sérias”⁵⁸ (ver subcapítulo 3.1).

Se o cenário mundial preocupava Aranha, o regional também o fazia. Como visto anteriormente, o embaixador previa desdobramentos nocivos aos interesses do Brasil com o advento da Política da Boa Vizinhança, que trabalharia contra os privilégios que o país usufruía no trato dos Estados Unidos para com a América Latina, principalmente à época de Rio Branco (ver subcapítulo 2.2). Além disso, existia, em maior ou menor grau, no horizonte de expectativa prognóstico de parte da elite político-militar brasileira a perspectiva de um conflito com a Argentina. Aranha parecia compartilhar tais temores quando ponderava sobre os recentes esforços de aparelhamento militar da república vizinha, aconselhando que Vargas investisse em obra de modernização militar “para dotar o Brasil dos elementos necessários à sua defesa”⁵⁹.

O contexto internacional, de guerra iminente, e o continental, de ascensão da Boa Vizinhança, concorriam, portanto, para uma situação desfavorável ao Brasil. “A nossa situação internacional atual não me parece boa e tenho sérios temores, sobrevivendo qualquer acidente, dos resultados”⁶⁰, alertava o embaixador. Tendo em vista a perspectiva de isolamento político do Brasil, Aranha fazia uma série de provocações a Vargas, que resumem a visão presente em seu horizonte de expectativa prognóstico:

⁵⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.12.03/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre as repercussões do movimento comunista na Argentina e nos Estados Unidos, a situação política europeia e as perspectivas de reeleição de Franklin Roosevelt. Washington. Vol. XX/47. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6507>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

⁵⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.07.03. Correspondência entre Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas e Artur de Sousa Costa sobre a "missão Sousa Costa" nos EUA, abordando as seguintes questões: acordo comercial Brasil-Alemanha; criação de duas comissões (N. York e Rio) para intercâmbio comercial brasileiro-americano; "operação ouro" para criação, no Brasil, de um Banco Central; acordo para pagamento da dívida externa. Inclui relatório dos trabalhos da missão apresentado ao Presidente da República, após o regresso do ministro da Fazenda dos EUA. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XXVI/76, 78a, 78b, 78c, 78d, 78e, 78f, 81, 82a, 82b, 82c, 82d, 82e, 86a, 89, 90a, 90b, 91a, 91b, 92. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8961>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

⁵⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.06.04/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando as consequências, para Europa e para o mundo, da guerra da Espanha; atentando para a corrida armamentista da Argentina e a necessidade do Brasil investir na defesa nacional. Informa também sobre: a reação do Governo americano em relação à prorrogação do acordo Brasil-Alemanha e à situação do café brasileiro no mercado brasileiro no mercado internacional. Washington. Vol. XXVI/54. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8835>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

⁶⁰ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.06/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas defendendo uma maior aproximação econômica, política e militar entre o Brasil e os Estados Unidos, face a atual situação internacional. Washington. Vol. XVII/52. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5614>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

Está o Brasil disposto a contratar a missão naval [estadunidense]? Está disposto a organizar o curso de oficiais no exterior, gastando menos, mas fazendo obra útil? Está decidido a concentrar sua atenção neste país? Vamos mandar o homem capaz para discutir os problemas da esquadra? E o da aviação? E o do material mecânico para o Exército? Estou aqui para trabalhar. [...] Não posso, nem quero, porém, intervir nesses assuntos sem o técnico capaz e responsável e sem a certeza de que a retaguarda está garantida, em ordem e em condições de ação pronta e eficaz. E a retaguarda é a tua ação e decisão. [...] Cruzar os braços na situação atual parece-me um crime de nossa parte.

Dotar a representação brasileira de técnicos capazes de negociarem questões militares salientes aos interesses de segurança do Brasil, e trabalharem, de maneira geral, em prol da aproximação em relação aos Estados Unidos, seria a alternativa necessária para não “deixar que nos ganhem de mão”⁶¹.

Assim como Nabuco via na parceria estratégica com os Estados Unidos a possibilidade de acesso, por parte do Brasil, ao maior dos exércitos e à maior das marinhas (RICUPERO, in PIMENTEL, 2013, p. 416), Aranha parecia ter claro que necessitava o Brasil recuperar a “única fórmula continental conveniente [...], perdida logo depois da guerra”, a fim de o país poder “contar com os Estados Unidos para as demais eventualidades que terá que enfrentar, quer as para deter a cobiça internacional, quer as para conter as rivalidade e ambições sul-americanas”⁶².

Eram duas as arenas vislumbradas por Aranha para a concretização da obra de aproximação: a bilateral e a multilateral. Bilateralmente, Aranha advogava em prol do melhor aproveitamento das relações político-militares entre os dois países. A cooperação militar, nesse sentido, era um importante caminho a ser trilhado. Ao protestar contra o chamado de oficiais brasileiros em estudos nos Estados Unidos, o embaixador ressaltava a importância do contato entre oficiais dos dois países, sugerindo a subordinação à embaixada de uma missão militar que buscasse nos Estados Unidos os meios intelectuais e materiais necessários aos objetivos de defesa do país⁶³. Concorreria para o sucesso de tal empreitada o fato de o Brasil ter a elite militar

⁶¹ Ibidem.

⁶² CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9222>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

⁶³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.06/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas defendendo uma maior aproximação econômica, política e militar entre o Brasil e os Estados Unidos, face a atual situação internacional. Washington. Vol. XVII/52. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5614>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

estadunidense como importante aliada⁶⁴. Além disso, Aranha propunha uma aproximação pessoal entre Vargas e Roosevelt, o que justificava os diversos convites feitos ao mandatário brasileiro para visitar os Estados Unidos, o que, na visão do embaixador, favoreceria “ainda mais a tua obra de união dos nossos povos, cada vez mais necessárias ao resguardo de nossos destinos”⁶⁵.

Multilateralmente, o Brasil deveria trabalhar, especialmente nas questões continentais, ao lado dos Estados Unidos, a fim de demonstrar que entre os dois países havia uma relação especial que não seria facilmente rebaixada simplesmente pelo fato de os Estados Unidos alterarem sua abordagem frente aos demais países latino-americanos. Tal perspectiva materializar-se-ia, especialmente, no contexto das conversas de paz da Guerra do Chaco, e na posterior negociação do Pacto Interamericano de Segurança Coletiva, no final de 1936. A atuação diplomática de Aranha no último caso será mais bem detalhada no próximo capítulo. Aqui, o que importa é mostrar como, na perspectiva do embaixador, o Brasil deveria aproveitar tais momentos de concertação multilateral para coordenar suas ações junto aos Estados Unidos, a fim de refirmar-se como importante parceiro político daquele país.

Tal perspectiva baseava o protesto de Aranha frente a demora do governo brasileiro em responder aos convites dos estadunidenses para ações conjuntas em prol da paz no Chaco.

Tudo, diziam-me, depende do Brasil. O *State Department* declarou-nos que só tomará uma atitude de acordo com o Brasil e de “mãos dadas”. Surgiu o tal convite. Este governo chamou-me e pediu nossa opinião, e como esta demorasse, declarou-me não ser possível aos Estados Unidos recusar, mas esperaria ainda a opinião do Brasil para que pudéssemos dar uma resposta igual. Foram-se, assim, vários dias, durante os quais procurei retardar a resposta americana e informar o Itamaraty da situação pela manhã e pela tarde. Evasivas e mais evasivas foram esgotadas por mim, até que o *State Department* - aqui não se compreende a demora em uma resposta - avisou-se que teria que responder, lamentando que fosse forçado, pela nossa demora, a fazê-lo isoladamente.

Tendo em vista “a nova orientação política deste país”, em prol da Boa Vizinhança, Aranha julgava o momento como uma “oportunidade de mostrarmos que a nossa ligação não só era a mesma, mas ainda maior. Entraríamos nas negociações dando aos demais países a impressão

⁶⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9222>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

⁶⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.06.02/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comunicando convite do secretário de Estado americano para uma visita oficial aos EUA; pedindo que o demita previamente caso o novo Ministro do Exterior seja seu adversário político e opinando sobre o discurso de José Américo. Washington. Vol. XXVI/52. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8819>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

de que este país nada fazia na América do Sul sem nós”. No entanto, a demora do governo brasileiro acabou por, na visão do embaixador, isolar o país. “Este país proporcionou-nos a oportunidade de afirmarmos essa preeminência com a sua solidariedade. Foi-se a oportunidade. Vamos aguardar, pois, com calma e fora dessas negociações, uma outra chance, se vier”⁶⁶.

Outra chance, de fato, surgiu. Ela veio com a transmissão de Aranha a Vargas de uma sugestão de Roosevelt em prol de uma conferência entre os Estados americanos “a fim de dar segurança à paz americana, quer pela ratificação [de] acordos existentes, quer pela modificação dos mesmos para torná-los mais efetivos, quer por novos que venham [a] ser sugeridos”. Vargas, em resposta, declarou-se favorável às negociações, afirmando que “já era decidido partidário da ideia e até em sentido mais amplo do que o referido [por Roosevelt]”⁶⁷.

Entre a transmissão da sugestão de Roosevelt, em julho de 1935, e a Conferência de Buenos Aires, que resultou no Pacto Interamericano de Segurança Coletiva, passaram-se mais de 17 meses. Nesse período, Aranha não escondeu seu entusiasmo frente à possibilidade de coordenar, ao lado dos Estados Unidos, os termos da segurança continental. Segundo o embaixador “agarrar com as duas mãos este pacto com os Estados Unidos parece-me o dever de todos os brasileiros que procuram acautelar os destinos de nosso país”⁶⁸. Isso explica, em boa parte, a atuação do embaixador em prol do pacto, que será detalhada no próximo capítulo. Mesmo o fracasso das negociações ou o não aceite de todos os países do continente em relação ao tratado, este poderia ser benéfico ao Brasil. Isso porque, coordenando posicionamento com os Estados Unidos

ficaremos nós pelo menos com autoridade moral e mesmo com direito, em qualquer eventualidade, intromissão ou ameaça [ao] nosso país, [de] invocar [a] cooper[ação]

⁶⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.04.09/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando que o Governo americano concordou com o pagamento gradual das dívidas atrasadas e que aguarda os dados sobre o acordo com a Inglaterra; solicitando maior atenção do Governo brasileiro para com os representantes das Agências de Imprensa estrangeiras, a fim de assegurar uma melhor propaganda do país no exterior; e sobre a posição do Brasil em relação à questão do Chaco. Washington. Vol. XVIII/18. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5764>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

⁶⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.20. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas transmitindo sugestão de Franklin Roosevelt para realização de uma conferência interamericana, a fim de revisar os acordos de paz existentes entre os países. Em Anexo, resposta de Getúlio Vargas acatando a sugestão e propondo a formação de um bloco continental para defesa da paz e solução dos problemas internos do continente. Washington. Vol. XIX/11 e 13. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6050>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

⁶⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.08.26. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando as repercussões da guerra espanhola no continente americano e informando sobre a atitude do Itamaraty em relação às modificações sugeridas pelo Governo americano, ao texto do projeto do Pacto de Segurança Coletiva. Washington. Vol. XXIII/58. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7538>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

[dos] Estados Unidos, conforme os princípios estabelecidos e aceitos nesse documento por ambas chancelarias⁶⁹.

Pode-se afirmar, portanto, que a antevisão de Aranha em relação à proximidade da eclosão de um novo conflito mundial, e sua perspectiva em relação à emergência da Política da Boa Vizinhança, concorreram para a elaboração de um horizonte de expectativa propositivo que pregava uma maior aproximação político-militar com os Estados Unidos. Esta parceria proveria os meios necessários para a modernização do aparato militar brasileiro, bem como trabalharia para a manutenção do Brasil como privilegiado no trato dos Estados Unidos para com a América Latina. Era necessário, pois, um incremento nas tratativas bilaterais entre os dois países, bem como uma coordenação com os Estados Unidos em concertos multilaterais, em especial nos de abrangência continental. Essa coordenação junto aos Estados Unidos em meio aos principais movimentos no tabuleiro geopolítico global deveria ser acompanhada por um gradual afastamento do Brasil das conflitivas dinâmicas políticas intereuropeias, apontadas pelo embaixador como as principais condicionantes do conflito mundial que se aproximava. Era necessário, nesse sentido, o estabelecimento de limites claros nas relações, principalmente, com Alemanha e Itália.

3.3. INCREMENTO DA REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NOS ESTADOS UNIDOS

Em 1905, num movimento simbólico importante que, segundo Ricupero (in PIMENTEL, 2013, p. 337), demonstrou o deslocamento da prioridade da ação diplomática brasileira da Europa para os Estados Unidos, Rio Branco elevou a legação brasileira em Washington ao nível de embaixada — o movimento torna-se relevante ao levar-se em conta que apenas sete países possuíam embaixadas nos Estados Unidos, enquanto no Rio de Janeiro, não havia nenhuma. É de se esperar, portanto, como parte dessa priorização das relações com aquele país que, à época de Aranha, a representação brasileira nos Estados Unidos fosse a materialização do melhor que o aparato burocrático do Itamaraty tivesse a oferecer. Esta, no entanto, passava longe de ser a opinião do embaixador quando de sua missão junto à capital estadunidense.

⁶⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.08.24. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas defendendo o texto do projeto do "Pacto de Segurança Coletiva" aceito pelo Governo Americano. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas. Washington. Vol. XXIII/55a e 55b. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7525>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

Ao reclamar a Vargas, em janeiro de 1935, da convocação de volta ao Brasil de oficiais das Forças Armadas que realizavam cursos de aprimoramento nos Estados Unidos, Aranha alertava ao fato de o governo dos Estados Unidos se alarmar, cada vez mais, “com o nosso desinteresse por este posto desde a saída do Domício da Gama⁷⁰”, cujas consequências seriam aprofundadas com a emergência da Política da Boa Vizinhança⁷¹. Tal desinteresse também era constatado pelo embaixador, que apontava o Itamaraty como o principal responsável da situação: “Eu sei que é muito pobre a seção americana do Itamaraty, porque há muito nada era enviado deste país, justamente quando, aqui, se processava a maior modificação da vida do país, sendo para nós tão essencial conhecê-la nos menores detalhes”⁷².

A supracitada reclamação de Aranha acerca do Itamaraty não se constituiu como um caso isolado. Longe disso. A análise da correspondência do embaixador a Vargas evidencia que o trato entre Aranha e o Ministério — personificado na figura do chanceler José Carlos de Macedo Soares — por mais que cordial, não era amigável. Em diversas ocasiões, Aranha manifestava a Vargas a percepção de estar sendo deliberadamente sabotado pelo Itamaraty, o que, em sua visão, prejudicava não apenas sua atuação pessoal, como também os interesses brasileiros junto aos Estados Unidos. “O Itamaraty fechou-se comigo e começou a criar-me dificuldades. Não me dá atenção, não responde meus telegramas, não atende aos meus pedidos”, escreveu o embaixador a Vargas, em julho de 1935. Na mesma carta, dava exemplo de como tal atitude fragilizava a ação da embaixada junto às autoridades estadunidenses:

Para teres uma ideia de como tratam a Embaixada, comunico-te que acabo de saber pelo “*Navy Department*” que o adido naval chegará aqui dia 17! Eu não tive a menor comunicação, sendo, entretanto, necessárias várias providências. E sabes como soube? O *Navy Department* mandou um oficial para manifestar sua estranheza pela falta de comunicação dessa chegada e pela falta de pedido de desembarço das bagagens! Isso não parece troça?!⁷³.

⁷⁰ Domício da Gama (23/10/1861-08/11/1925) foi o segundo embaixador brasileiro junto aos Estados Unidos, sucedendo a Joaquim Nabuco, após a morte deste em janeiro de 1910. Gama teve sua nomeação consolidada em abril de 1911, por Rio Branco, e permaneceu no cargo até 1918, quando foi nomeado para a Chancelaria. Sua passagem por Washington foi marcada por uma posição em prol de uma aproximação pragmática em relação aos Estados Unidos, condenando quaisquer movimentações no sentido de uma submissão sem barganha (FRANÇA, in PIMENTEL, 2013, pp. 605-647).

⁷¹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.01.18. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre a gravidade da situação do Chaco e os entendimentos com os Estados Unidos para fabricação de armamentos. Washington. Vol. XVII/11. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5527>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

⁷² CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.25. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre a compra da sede da Embaixada brasileira nos Estados Unidos, a instalação da chancelaria em Washington e enviando artigo de Horace B. Davis, publicado pela “Foreign Policy Association” criticando a Revolução de 1930 e o governo brasileiro. Washington. Vol. XVII/76. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5690>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

⁷³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.09. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando o êxito de sua viagem ao Prata e criticando a atuação de Macedo Soares em relação ao Tratado Comercial com os

Troça ou não, o embaixador manteve durante toda a gestão de Macedo Soares a percepção de que o Itamaraty lidava com ele a contragosto. Em outra correspondência, de julho de 1936, Aranha suplicava o apoio pessoal de Vargas às ações da embaixada e à organização do serviço diplomático brasileiro como um todo, ao alegar que “não tenho respostas do Itamaraty nem conto com a sua boa vontade. Preciso trabalhar e será inútil qualquer esforço através da ‘máquina internacional’: ela está enferrujada pela glória, pela desorganização e pelas competições pessoais”⁷⁴. Ao afirmar ironicamente que “o Itamaraty, felizmente, acha que esta cidade é a capital da Lua e resolveu silenciar e esquecer os Estados Unidos”, não deixava de alertar que “os resultados serão bem desagradáveis e não devem demorar! Estou em guarda e à espera das consequências desse desleixo e abandono em que estão nossos interesses neste país”⁷⁵.

O que, portanto, haveria de ser feito? Tendo em vista a presença dos elementos abordados anteriormente em seu horizonte de expectativa propositivo — a necessidade um aprofundamento nas relações econômicas (ver subcapítulo 3.1) e políticas (ver subcapítulo 3.2) entre Brasil e Estados Unidos —, Aranha tinha como clara a percepção de que a representação brasileira nos Estados Unidos deveria ser reorganizada para melhor atender aos interesses do Brasil. Em março de 1935, o embaixador escrevia, com notas de indignação, que “não pode o Governo continuar sem este serviço bem organizado no país onde tem metade de seu comércio. O tratado e a falta de casa própria postergaram essa organização, na qual quero pôr o maior cuidado”⁷⁶. Além disso, presente em sua correspondência com Vargas, estava a ideia de que práticas do Itamaraty como um todo deveriam ser revistas.

Uma das primeiras ações do embaixador, nesse sentido, foi o arranjo para a compra de uma nova instalação para a embaixada do Brasil em Washington. O cenário antes da compra foi descrito por Aranha após a concretização dela:

Estados Unidos. Washington. Vol. XIX/5. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6023>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

⁷⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.10. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sugerindo remanejamento do Pessoal da Embaixada. Washington. Vol. XIX/6. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6030>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

⁷⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.17/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre seus planos de viagem durante as férias. Washington. Vol. XIX/8. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6041>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

⁷⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.06/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre o pagamento da dívida com os Estados Unidos através da emissão de títulos correspondentes; necessidade de elaboração de um plano de consolidação e unificação da dívida nacional; e informando sobre o banquete oferecido pelos médicos a sua pessoa, em homenagem ao Presidente do Brasil, em retribuição à acolhida ao futuro Congresso no Rio de Janeiro da "Pan American Medical Association". Washington. Vol. XVII/53. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5626>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

Encontramos, aqui, [...] todos os funcionários amontoados em três salinhas, sem mobiliário, sem nada. [...] Eram duas mesas, algumas cadeiras e duas ou três máquinas de escrever, tudo comprimido, sem espaços e sem capacidade de produção, na própria casa residencial dos embaixadores. Poder ter, agora, a certeza de que temos aqui uma casa unicamente de trabalho, com os funcionários em suas salas, obedecendo a um regulamento interno rigoroso, e procurando atender aos nossos interesses⁷⁷.

A compra da embaixada, efetuada por Cyro de Freitas Valle, diplomata, primo e braço direito de Aranha nos primeiros meses de missão (HILTON, 1994, pp. 192-195), foi, no entanto, apenas o primeiro passo do planejamento de incremento da representação do Brasil nos Estados Unidos, necessário para a prescrita obra de aproximação àquele país.

Outros pontos eram deficitários na visão do embaixador. Aranha encontrava um paradoxo no trato comercial com os Estados Unidos. “As demais embaixadas têm serviços comerciais mais desenvolvidos e repartições especiais em Nova York. E isso precisamos fazer nós”. A perspectiva presente em seu horizonte de expectativa propositivo acerca da necessidade de o Brasil manter nos Estados Unidos um escritório especificamente voltado para o comércio não derivava apenas de seu posicionamento em prol de uma aproximação econômica em relação àquele país, mas também da convicção de que a evolução material daquela potência deveria ser estudada a fundo pelo Brasil:

A vida comercial deste país é um campo de observação, de estudo, sem igual para nós. A indústria, a agricultura, o comércio têm uma organização modelar e aperfeiçoam-se cada vez mais. O mercado americano de produção e consumo é, hoje, o maior do mundo e nós precisamos segui-lo de perto, acompanhando seus métodos e aproveitando suas possibilidades. Mas para isso é preciso pessoal especializado e hábil⁷⁸.

Tornava-se “inadiável”⁷⁹, portanto, a criação de um escritório comercial.

⁷⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.25. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre a compra da sede da Embaixada brasileira nos Estados Unidos, a instalação da chancelaria em Washington e enviando artigo de Horace B. Davis, publicado pela "Foreign Policy Association" criticando a Revolução de 1930 e o governo brasileiro. Washington. Vol. XVII/76. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5690>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

⁷⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.06.05/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas agradecendo sua aprovação do plano de organização da Embaixada brasileira nos Estados Unidos, criticando a ineficiência do corpo diplomático brasileiro e sugerindo a reorganização desse setor. Washington. Vol. XVIII/70. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5952>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

⁷⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.06/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre o pagamento da dívida com os Estados Unidos através da emissão de títulos correspondentes; necessidade de elaboração de um plano de consolidação e unificação da dívida nacional; e informando sobre o banquete oferecido pelos médicos a sua pessoa, em homenagem ao Presidente do Brasil, em retribuição à acolhida ao futuro Congresso no Rio de Janeiro da "Pan American Medical Association". Washington. Vol. XVII/53. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5626>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

No entanto, o ponto mais sensível para Aranha não parecia ser a carência de um órgão responsável unicamente por tratativas comerciais, mas sim a falta de um aparato de propaganda capaz de tornar o Brasil presente nos corações e mentes do povo estadunidense. A displicência do Governo, especialmente do Itamaraty, em divulgar o Brasil nos Estados Unidos era fortemente criticada pelo embaixador. “Estamos atravessando um período de abandono, de desleixo, enquanto os demais povos, mais do que nunca, estão cogitando de se defender e de se fazer conhecidos”, relatava em abril de 1935. A falta de informações e material disponíveis ao público estadunidense forçou-o a usar seus próprios recursos em prol de propaganda:

Eu recebo pelo menos 10 cartas diárias pedindo-me livros, mapas, informações, dados sobre o Brasil. Vêm de todo este país. Pois, Getúlio, feita a distribuição de 100 volumes, do tempo do antigo do embaixador, [do] “O Brasil em 1933”, não tenho mais o que mandar. Isso é incrível! [...] Tenho comprado do meu bolso um livro, ultimamente publicado por um alemão, sobre “Economia do Brasil”, muito favorável a nós, e o tenho enviado aos pedintes. Já comprei 23 livros! Isso que eu só atendo aos mais importantes e menos de 10% dos pedidos!

Por fim, suplicava: “Mandem-me livros, mapas, publicações, fotografias, enfim tudo quanto possa dar uma ideia boa do Brasil e destruir as más, seja de que Ministério for”⁸⁰.

O cenário de descuido em relação à imagem do Brasil nos Estados Unidos agravava-se, segundo o embaixador, quando levado em conta o esforço de propaganda feito não só pelas tradicionais potências europeias, como também pela Argentina naquele país⁸¹. Esse aspecto ganha maior destaque quando retomamos a perspectiva de Aranha acerca da emergência da Política da Boa Vizinhança (ver subcapítulo 2.2). A proatividade política da população estadunidense, ressaltada por Aranha quando de sua caracterização dos aspectos políticos, econômicos e sociais do país (ver subcapítulo 2.4), também concorria para o grau de importância dado ao embaixador à propaganda brasileira naquele país.

Segundo Aranha, o Brasil tinha no governo estadunidense e nas elites militares daquele país, especialmente na Marinha, fortes aliados, porém encontrava-se sonoramente ignorado pelo povo. “Precisamos promover neste país uma ofensiva no sentido de conquistar a sua opinião, porque é inútil, ou quase ineficaz unicamente a conquista do seu governo”, já que “a opinião americana, que governa essas elites [políticas] e essas classes [militares], é e será

⁸⁰ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.04.09/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando que o Governo americano concordou com o pagamento gradual das dívidas atrasadas e que aguarda os dados sobre o acordo com a Inglaterra; solicitando maior atenção do Governo brasileiro para com os representantes das Agências de Imprensa estrangeiras, a fim de assegurar uma melhor propaganda do país no exterior; e sobre a posição do Brasil em relação à questão do Chaco. Washington. Vol. XVIII/18. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5764>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

⁸¹ *Ibidem*.

sempre guiada pelas ideias que melhor e mais efetivamente forem propagadas no país”⁸². O primeiro passo para a consagração de tal ofensiva propagandística seria, em sua visão, conquistar parte da imprensa estadunidense, que, em sua visão, “é aqui dona do Governo, de tudo e de todos. Ela está em toda parte, sabe de tudo antes de nós e publica tudo sem considerações”⁸³. Daí a recomendação a Vargas de “reunir essa gente e passar a mão pelo lombo”, e cultivar jornalistas a serviço da embaixada como *press agents*, para o fim de “fazerem publicar e tecerem comentários nos jornais americanos”⁸⁴ em favor do Brasil.

Analisando o caso do serviço de propaganda argentino nos Estados Unidos, Aranha postulava que o Brasil deveria ter um serviço de propaganda permanente naquele país. Tal serviço deveria, segundo o embaixador, guiar-se por dois pontos: “a) orientação contínua; b) recursos permanentes”. A necessidade de uma orientação contínua decorreria do fato de que “montar hoje um serviço de propaganda para suspendê-lo amanhã representa esforço perdido e dinheiro gasto inutilmente”. Os recursos permanentes viriam de um fundo exclusivo para ações de propaganda brasileira nos Estados Unidos, fornecendo “os meios necessários a que pudessemos atender a convites fora de Washington, visitas aos mais importantes centros industriais e comerciais do país, assistências a feiras, convenções comerciais, exposições, conferências universitárias, etc.”⁸⁵.

Dever-se-ia, se possível, aumentar o pessoal à serviço do Brasil nos Estados Unidos, tendo em vista o grande número de importantes centros políticos, econômicos e sociais existentes no país. Tal pessoal, segundo Aranha, não deveria necessariamente sair das fileiras burocráticas do Itamaraty, o que o embaixador chamaria de “diplomatas à antiga”. Em sua

⁸² CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9222>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

⁸³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.05.28. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas afirmando ser impossível a publicidade de certos aspectos da política brasileira devido a força da Imprensa americana e informando que aguarda a chegada do Adido Naval para tratar de assuntos vinculados à compra de material. Washington. Vol. XVIII/66. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5913>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

⁸⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.04.09/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando que o Governo americano concordou com o pagamento gradual das dívidas atrasadas e que aguarda os dados sobre o acordo com a Inglaterra; solicitando maior atenção do Governo brasileiro para com os representantes das Agências de Imprensa estrangeiras, a fim de assegurar uma melhor propaganda do país no exterior; e sobre a posição do Brasil em relação à questão do Chaco. Washington. Vol. XVIII/18. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5764>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

⁸⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9222>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

visão, “um secretário diplomático requintado na arte social era um agente indispensável. Atualmente mais vale um técnico, um agrônomo, um perito, um industrial, um caixeiro viajante”⁸⁶.

Esse maior caráter técnico dos representantes brasileiros nos Estados Unidos, a criação de um aparato permanente de propaganda no país e o aumento do número de visitas de “patrícios nossos esclarecidos que, neste país, cuidando de seus assuntos particulares, não esqueçam, porém, a preeminência dos interesses do Brasil”, configuravam-se, portanto, como aspectos importantes do horizonte de expectativa propositivo de Oswaldo Aranha, que considerava não haver “melhor nem mais eficaz colaboração à minha ação do que esta que se processa fora dos meios oficiais, ou dentro deles através de líderes do comércio e dos industriais”⁸⁷. Em suma, para o embaixador, o Brasil precisava conquistar os corações e mentes do povo estadunidense e das elites econômicas daquele país, e os meios para tal seriam a organização de um aparato de propaganda permanente e o acompanhamento de perto das atividades econômicas dos Estados Unidos, através de escritórios e pessoal destinados única e exclusivamente para a consagração de tais objetivos. Segundo Aranha,

Os benefícios serão imensos, quer os financeiros, os econômicos e os políticos. [...] Deixar, porém, a opinião americana entregue à sua ignorância do Brasil e às explorações que contra nossas coisas fazem outros países, isso é que é necessário evitar, corrigir sem perda de tempo, porque os seus malefícios são cada dia maiores⁸⁸.

3.4. OS LIMITES DA APROXIMAÇÃO

Quais eram os limites da aproximação prescrita por Aranha? O Brasil deveria aliar-se incondicionalmente aos interesses estadunidenses, praticando um movimento análogo ao conceito de “alinhamento sem recompensa”, definido por Gerson Moura (2021)? Estava

⁸⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.06.05/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas agradecendo sua aprovação do plano de organização da Embaixada brasileira nos Estados Unidos, criticando a ineficiência do corpo diplomático brasileiro e sugerindo a reorganização desse setor. Washington. Vol. XVIII/70. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5952>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

⁸⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.03.06/3. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando os efeitos positivos dos contatos de Valentim Bouça com os meios comerciais e oficiais dos Estados Unidos e a importância da ida de uma missão americana, apoiada pelo Departamento do Estado ao Brasil. Refere-se também à solução favorável ao caso dos congelados. Washington. Vol. XXI/63. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6897>>. Acesso em 19 jun. 2022.

⁸⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9222>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

presente na perspectiva de Aranha um elemento de barganha a ser utilizado em prol dos objetivos e interesses brasileiros? É fundamental para a análise aqui proposta a contemplação de tais questionamentos, que lançam luz sobre os limites das perspectivas presentes no horizonte de expectativa propositivo do embaixador.

“Não devemos fazer obra de vassalagem, como temos feito”. Tal frase antecede a colocação do que pode ser considerado o resumo do horizonte de expectativa propositivo do embaixador, que complementava: “Devemos, porém, fazer obra sadia, orgânica, séria, no sentido de conservar a nossa posição por forma a contarmos com este país em qualquer eventualidade, que terá que vir”⁸⁹. Tal perspectiva materializar-se-ia em diversas ocasiões, quando Aranha menciona os limites da aproximação para com os Estados Unidos.

Fracassadas as primeiras conversas acerca da compra de cruzadores estadunidenses pelo Brasil, em julho de 1936, o embaixador manifestou-se “de opinião que deves [,Getúlio,] iniciar tratativas na Inglaterra e na Alemanha”. A indústria bélica italiana lhe parecia “sem eficiência. A alemã, porém, creio que é barata e sem par”⁹⁰. O fato de o embaixador mostrar-se favorável a tratativas de compra de material bélico junto à Alemanha, país cujo qual manifestava contínua desconfiança, a ponto de defender que dele o Brasil deveria afastar-se em prol de uma maior aproximação com os Estados Unidos, mostra que a preferência nas relações com os Estados Unidos não se constituía como sinônimo de exclusividade. Fracassadas as negociações com os Estados Unidos, o embaixador defendia que o Brasil não só poderia, como também deveria tratar com outros países, inclusive com a Alemanha.

Outro momento em que o embaixador se mostrou contrário à “obra de vassalagem”⁹¹, foi quando da visita de Macedo Soares aos Estados Unidos, onde encontrou-se com Roosevelt e membros do Departamento de Estado. O chanceler unilateralmente propôs que a Marinha dos Estados Unidos realizasse um levantamento hidrográfico da costa brasileira, oferecendo, sem a prévia solicitação dos Estados Unidos, a criação de bases navais comuns, que seriam utilizadas,

⁸⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.06/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas defendendo uma maior aproximação econômica, política e militar entre o Brasil e os Estados Unidos, face a atual situação internacional. Washington. Vol. XVII/52. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5613>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

⁹⁰ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.07.08/4. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas justificando o fracasso das negociações para compra dos cruzadores americanos e enviando carta do Presidente Roosevelt sobre o assunto. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas a Franklin Roosevelt comunicando que aguarda a contraproposta do Governo dos Estados Unidos em relação à aquisição de navios americanos pelo Brasil. Washington. Vol. XXIII/18, 11 e 43. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7409>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

⁹¹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.06/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas defendendo uma maior aproximação econômica, política e militar entre o Brasil e os Estados Unidos, face a atual situação internacional. Washington. Vol. XVII/52. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5613>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

na eventualidade de uma guerra, como ponto de apoio estadunidense em suas ações no Atlântico Sul. Aranha classificou tais propostas como “desagradáveis”, uma vez que sabia que elas careciam da autorização de Vargas. O embaixador ironizava Macedo Soares ao afirmar que as ofertas partiram de “sua autoridade de futuro Presidente”, e recomendou que o governo brasileiro se fizesse “de esquecido, e não [tratasse] mais do assunto, deixando-o morrer”⁹².

Aranha também demonstrava, em alguns momentos, certo grau de desconfiança em relação aos Estados Unidos. O embaixador deixava claro, por exemplo, que o Brasil não poderia entregar cegamente os rumos de seu destino nas mãos daquele país, não poderia fiar-se com total certeza de que aquele país viria em seu socorro em quaisquer eventualidades. Esse era o tom do embaixador quando escreveu, em outubro de 1935, a Vargas sobre a forte presença do sentimento pacifista e isolacionista na opinião pública e nos círculos decisórios de Washington. Aranha dizia não ver “claro o nosso futuro com a nova política dos Estados Unidos”. A corrente pacifista seria “tão radical que, ao meu ver, nem a doutrina Monroe, que é existencial para eles, conseguirá fazer este país enfrentar os perigos de uma atitude e menos, ainda, as de uma luta internacional”. Por mais que, na mesma carta, o embaixador transcreva trechos de uma conversa em que o Secretário de Estado Cordell Hull busca tranquilizá-lo, afirmando que as tendências pacifistas não poderiam sobrepor-se ao compromisso dos Estados Unidos em garantir a segurança continental⁹³, Aranha parecia convicto ao defender que a aproximação aos Estados Unidos não deveria ser o fim, mas sim o meio pelo qual o Brasil conseguiria os elementos necessários para a garantia de sua própria segurança.

O sucesso do Brasil em consolidar seus objetivos junto aos Estados Unidos, seria facilitado, na visão do embaixador, pela percepção de que o país tornar-se-ia cada vez mais fundamental na inserção internacional dos estadunidenses. O elemento de barganha surgia, portanto, quando, “com horror da Europa e medo da Ásia”⁹⁴, os Estados Unidos voltar-se-iam

⁹² CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.04.24. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas descrevendo o ambiente de confiança e de amizade nos Estados Unidos em relação ao Brasil, informando sobre andamento das negociações para o arrendamento dos destroyers e criticando o comportamento do Ministro do Exterior, Macedo Soares, durante sua passagem pelos Estados Unidos. Washington. Vol. XXV/91. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8576>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

⁹³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.10.15. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando a posição dos Estados Unidos em relação a situação mundial e sobre a vitória dos "liberais" nas eleições canadenses. Washington. Vol. XIX/71. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6354>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

⁹⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.08.13. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha comentando a crise econômica mundial e suas repercussões sobre o comércio brasileiro; sugerindo solução para o pagamento da dívida externa e solicitando sua opinião sobre o local a ser instalado o "bureau" comercial do Brasil nos Estados Unidos. Em anexo, resposta de Oswaldo Aranha sugerindo que o bureau seja instalado em Washington e opinando sobre a questão da dívida. Rio de Janeiro. Vol. XIX/26 e 36. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6134>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

cada vez mais para a América Latina, em especial para o Brasil. Segundo o embaixador, “nosso país é e terá que ser o ponto de apoio mais seguro e fiel à política do *good neighbor*”, de modo que o Brasil tenderia a ser cada vez mais valorizado, já que sem ele, “nada podem os Estados Unidos fazer na América”⁹⁵.

Não importa aqui a reflexão de se Aranha exagerava ao afirmar isso. O que interessa é demonstrar como o embaixador tinha clara a noção de que o Brasil, ao ser cada vez mais requisitado pelos Estados Unidos, passava a cultivar um importante poder de barganha a ser utilizado na prospecção de seus objetivos junto àquele país. Por isso, por exemplo, sua reprimenda às ofertas não negociadas de Macedo Soares em sua passagem pelos Estados Unidos. Se o Brasil deveria fazer obra de aproximação aos Estados Unidos, esta deveria ser negociada, não apenas entregue despropositadamente. E a aproximação, como mostrado, não deveria traduzir-se em exclusividade, podendo o Brasil, por exemplo, negociar armas com países como Alemanha, e estar atento ao fato de que o destino do país não deveria ser entregue aos decisores da Casa Branca.

3.5. CONCLUSÃO

A análise proposta no presente capítulo mostra ser possível resumir o horizonte de expectativa propositivo de Oswaldo Aranha acerca da inserção internacional do Brasil em apenas uma frase: o Brasil deveria estreitar seus laços econômicos e políticos com os Estados Unidos. Tal prescrição é mais bem compreendida quando se leva em conta os aspectos que marcam o horizonte de expectativa prognóstico do embaixador que, por sua vez, derivam de elementos tanto de seu espaço de experiência pessoal, quanto do espaço de experiência institucional que influenciava sua leitura de mundo. A compreensão dos aspectos presentes no horizonte de expectativa propositivo de Aranha é fundamental para se entender os “porquês” de suas ações desenvolvidas nos Estados Unidos quando embaixador.

A defesa de Aranha por uma aproximação econômica dos Estados Unidos não pode ser compreendida sem a análise da leitura que o embaixador faz acerca do futuro da economia mundial. O fechamento econômico da Europa, a ascensão de uma nova lógica neocolonial de comércio, com o estreitamento das relações entre colônia e metrópole, e a maneira pela qual

⁹⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.24/3. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas manifestando sua opinião a propósito da importância do Brasil na política a ser desenvolvida por Franklin Roosevelt de reconquista da opinião pública americana e criticando a nova Constituição brasileira. Washington. Vol. XXVIII/53. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9762>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

estes processos impactariam a inserção econômica internacional do Brasil demandariam um incremento no trato com os Estados Unidos no âmbito financeiro e comercial. Concorria para tal perspectiva, ainda, a noção de que apenas o comércio nos moldes liberais geraria os saldos necessários para o cumprimento dos compromissos financeiros do país, isto é, para o pagamento das dívidas brasileiras. Decorre daí o rechaço de Aranha ao comércio compensado e, conseqüentemente, ao movimento de aproximação econômica entre Brasil e Alemanha.

A aproximação político-militar em relação aos Estados Unidos era condicionada, por sua vez, pelo horizonte da guerra e pelo horizonte da Boa Vizinhança. A possibilidade de uma nova guerra de proporções mundiais apresentava uma série de ameaças ao Brasil, inclusive, no pior dos cenários, à própria integridade territorial do país. Estando a Europa em ebulição política, econômica e social, e apresentando-se os Estados Unidos como um tradicional aliado que passava pelos escombros de 1929 de maneira satisfatória, nada mais coerente para o embaixador que o Brasil buscasse junto àquele país os meios para a garantia de sua segurança. A Boa Vizinhança, por sua vez, demandava ao Brasil reafirmar junto aos Estados Unidos o caráter especial da relação entre os dois países, o que, segundo Aranha, deveria ser buscado tanto bilateralmente quanto multilateralmente. Tal perspectiva está por trás das propostas do embaixador do estreitamento das relações entre ambos os governos, bem como acerca da necessidade de coordenação com os Estados Unidos nos fóruns continentais.

A situação em que se encontrava a representação brasileira nos Estados Unidos apresentava-se, no entanto, como um obstáculo à obra de aproximação. Precisava o Brasil, portanto, reformular e incrementar sua representação naquele país, a fim de acompanhar melhor a evolução política, social e econômica dos Estados Unidos, bem como conquistar os corações e mentes do povo estadunidense, o que, na sua visão, facilitaria a consecução dos objetivos de política externa do Brasil junto àquele país.

A aproximação, contudo, deveria ser guiada por objetivos pragmáticos. Aranha confirma tal perspectiva ao apresentar de maneira clara os motivos pelos quais o Brasil deveria aproximar-se dos Estados Unidos, tanto econômica quanto politicamente. O embaixador era contra entreguismos, de modo que privilégio não deveria ser considerado sinônimo de exclusividade de relações. Favorecia sua perspectiva o fato de acreditar que, na conjuntura mundial em que se encontrava, o Brasil passaria a ser cada vez mais requisitado pelos Estados Unidos, de modo a cultivar junto àquele país um forte poder de barganha.

4. UM EMBAIXADOR EM AÇÃO

O presente capítulo, diferente dos demais, busca afastar-se do processo de elaboração das perspectivas e objetivos de Aranha como embaixador, em prol da análise de sua atuação efetiva em Washington. É possível identificar traços dos horizontes de expectativa de Aranha em sua atuação diplomática? Essa atuação condiz com as prescrições presentes em seu horizonte de expectativa propositivo? São estes os questionamentos que o capítulo busca responder.

Para isso, analisa-se a ação diplomática efetiva de Aranha como embaixador, dando destaque para momentos-chave de sua missão nos Estados Unidos. O capítulo é subdividido em três partes, para além desta introdução e de uma breve conclusão. Na primeira, abordaremos a atuação de Aranha em torno das relações econômicas entre Brasil e Estados Unidos, analisando seu papel nas negociações do acordo comercial entre os dois países e a atuação da Missão Financeira Sousa Costa, convocada pelo embaixador, junto ao governo estadunidense. Em seguida, analisa-se a atuação de Aranha em prol da aproximação política e militar entre Brasil e Estados Unidos, abordando seu empenho nas negociações relativas à Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz, de Buenos Aires, além de suas intervenções nas negociações sobre o arrendamento brasileiro de contratorpedeiros (*destroyers*) estadunidenses. Por fim, dá-se destaque à atuação diplomática pessoal do embaixador no sentido de estabelecer laços íntimos com figuras importantes da Casa Branca, além de seu esforço de propaganda junto a representantes dos mais variados grupos sociopolíticos estadunidenses.

4.1. ARANHA, O COMÉRCIO COM OS ESTADOS UNIDOS E A QUESTÃO ALEMÃ

Uma das primeiras matérias sobre a qual Aranha se debruçou após sua chegada a Washington, foi a negociação do tratado de comércio que vinha sendo costurado entre Brasil e Estados Unidos. As negociações já se encontravam em curso desde 1933, quando o recém-empossado governo Roosevelt, por meio do Departamento de Estado, havia proposto à representação brasileira em Washington o início de conversações em prol de um acordo de reciprocidade (BANDEIRA, 2007, p. 339). Logo na apresentação de credenciais junto a Roosevelt, Aranha afirmou que o mandatário estadunidense “foi muito expressivo quando me disse que teríamos muito que trabalhar e que precisaríamos concluir o tratado de reciprocidade comercial como dois bons amigos” (CAMARGO; ARAÚJO; SIMONSEN, 1996, p. 113). A importância dada pelos Estados Unidos às negociações junto ao Brasil pode ser compreendida

pela conjuntura em que a economia mundial se encontrava. Em meio à criação de subterfúgios e práticas alternativas à tradicional modalidade liberal de comércio, Hilton (1994, p. 223) afirma que “o principal objetivo imediato da administração Roosevelt em relação ao Brasil, [...] era recrutá-lo para sua campanha de liberalização do comércio internacional através de um novo tratado baseado em princípios multilaterais”, calcado não nas compensações, como os alemães, mas na cláusula de nação mais favorecida.

A chegada do embaixador, advogado da aproximação entre Brasil e Estados Unidos, revigorou, portanto, as negociações. Essa era uma das intenções de Aranha, que reclamava da atuação de seu predecessor de posto, Rivaldo Lima e Silva, em relação ao tratado⁹⁶. “As primeiras conversas sobre o Tratado Comercial, após a chegada do Oswaldo, tiveram lugar num ambiente de franca cordialidade e boa vontade. O Oswaldo causara, como era de esperar, a melhor impressão”⁹⁷, escreveu a Vargas, Paulo Hasslocher, diplomata à serviço da embaixada desde antes da chegada de Aranha. O novo embaixador, de fato, se empenhou nas negociações.

Uma das primeiras ações de Aranha em relação às negociações foi a recomendação de que o posicionamento brasileiro fosse transmitido a partir de um único canal. A centralização da emissão de propostas e contrapropostas seria a resposta ideal à perpetuação de problemas de comunicação que geravam incongruências entre o que era tratado pelo Itamaraty junto à embaixada dos Estados Unidos no Brasil, e o que era exposto por Aranha junto às autoridades da Casa Branca. Além disso, era necessário, segundo o embaixador, discrição nas conversas junto aos representantes dos Estados Unidos no Brasil, que poderiam antecipar a seus superiores em Washington elementos que estariam presentes no posicionamento brasileiro. “Se eu falho numa afirmação, perco a autoridade. E uma vez perdida, meu caro, nunca mais serei acreditado por este governo”⁹⁸, dizia o embaixador.

“Estou encorajado e até otimista, hábito que a velhice me tem feito abandonar”, afirmava Aranha nos primeiros meses à frente das negociações. “As coisas estão tomando

⁹⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.09.25. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas enviando suas impressões sobre Washington; relatando seus contatos com autoridades americanas e o início dos trabalhos na embaixada; e informando sobre a atuação irresponsável do Embaixador que o antecedeu, em relação ao tratado comercial Brasileiro-EEUU. Washington. Vol. XVI/23. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5133>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

⁹⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.10.09/1. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado, devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face às vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5174>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

⁹⁸ *Ibidem*.

rumos, que não me parecem maus. Este país quer a nossa solidariedade. E nós devemos negociá-la, guardando intacta a nossa soberania”⁹⁹, defendia, reforçando não apenas seu posicionamento em prol da aproximação junto aos estadunidenses, mas a necessidade de o Brasil agir de maneira pragmática, negociando em todos os pontos (ver subcapítulo 3.4).

Os pontos defendidos por Aranha nas negociações merecem certa atenção, uma vez que o posicionamento do Brasil durante as conversas foi, em grande medida, neles baseada:

I - termos aqui um fundo cambial que nos assegurasse uma reserva de disponibilidades capaz de permitir a liberação cambial; II - que medidas americanas, restringindo a entrada de cafés inferiores de outras procedências, nos desse a possibilidade de um aumento de nossas exportações; III - que as organizações bancárias e comerciais operassem com as nossas com prazo e crédito, como antes de 1930; IV - que o capital americano volvesse ao Brasil desenvolvendo aí a produção de artigos de consumo americanos. Firmei-me nesses pontos, declarando que não poderíamos examinar sequer o *memorandum* sem prévio exame dessas situações¹⁰⁰.

O tratado, portanto, além de versar sobre possibilidades de aumento das exportações brasileiras para os Estados Unidos, compreendia questões cambiais e financeiras de maneira geral, como fluxos de investimentos e obtenção de crédito. A questão dos compromissos financeiros do Brasil junto aos Estados Unidos não foi ignorada. “Pede-nos, este país, duas coisas: redução ou manutenção de tarifas para alguns artigos e a adoção de um critério liberal [...] na nossa política comercial exterior”. Em troca, em prol dos interesses brasileiros, os Estados Unidos cessariam o apoio “a) os congelados [comerciais], que deverão seguir a nossa sorte; [...] b) as reclamações das Companhias que têm juros e dividendos a remeter ou já atrasados; c) os credores por empréstimos públicos, amparando o nosso esquema”, fazendo com que o Brasil tivesse liberdade de utilizar como entendesse os saldos obtidos da balança comercial com aquele país¹⁰¹.

A boa vontade observada por Aranha no início das negociações, no entanto, vacilava quando o Brasil mostrava ímpeto maior na aproximação com a Alemanha. Além disso, o embaixador encontrava dificuldades em fazer aceitos “os maiores disparates”, que vinham na forma de exigências, em sua visão, intragáveis aos Estados Unidos por parte de membros do governo brasileiro. “Fomos atendidos em tudo”, dizia a Vargas em relação aos pontos base da negociação, ao passo que ressaltava a impossibilidade de ir além em alguns aspectos, como a solicitação de proibição de entrada no mercado estadunidense de cafés de determinadas origens, em prol do produto brasileiro. Na visão do embaixador, tais propostas vinham de membros do

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ Ibidem.

governo partidários de relações íntimas com a Alemanha, que encontravam nas exigências adicionais aos Estados Unidos uma maneira de travar as negociações com aquele país¹⁰².

“Meu caro Oswaldo, a fim de defender as nossas minguadas economias, nos concílios de Tio Sam e John Bull, aí vai o nosso Arthur [de Sousa] Costa”¹⁰³. Foi desta maneira que Vargas comunicou ao embaixador o envio de uma missão chefiada pelo ministro da Fazenda com o objetivo de acelerar a consolidação do acordo com os Estados Unidos. Aranha, primeiramente, demonstrou-se contrariado, uma vez que tanto ele quanto as autoridades do governo estadunidense haviam sido notificados apenas de última hora acerca da missão.

O avanço das conversas com Berlim, a substituição temporária de Welles devido questões de saúde, e o embaraço gerado pela surpresa da Missão Sousa Costa — não confundir com a chamada Missão Financeira Sousa Costa, tratada adiante —, fragilizaram as negociações por um breve momento. Não obstante, “com uma solenidade sem precedentes, assinamos tudo na presença de Roosevelt”¹⁰⁴, notificaria o embaixador. A assinatura do Tratado de Comércio entre os Estados Unidos do Brasil e os Estados Unidos da América, em 2 de fevereiro de 1935, baseado na cláusula de nação mais favorecida, não significou, no entanto, o fim da pressão de Aranha em prol dele.

Parte do legislativo brasileiro, ligado aos interesses dos industriais que se viam lesados com a facilitação da entrada de artigos manufaturados dos Estados Unidos no país, travava a aprovação congressual do acordo, o que gerou constantes protestos por parte de Aranha. Em julho de 1935, cinco meses depois da assinatura, o embaixador dizia que “a situação é séria e os perigos são graves se continuarmos a prometer para não fazer a informar para faltar”, alertando que “os congelados estão dependendo do tratado, bem como tudo o mais. Sem o tratado nada é possível fazer”. Por fim, dirigia críticas diretas ao trato da matéria pelo Itamaraty,

¹⁰² CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.01.08. Correspondência a Getúlio Vargas sobre tratado comercial entre o Brasil e os Estados Unidos, abordando a questão dos atrasados comerciais e dos acordos com a Alemanha e a Itália, informando sobre a assinatura do acordo, em Washington. Rio de Janeiro. Vol. XVII/5, 20 e 21. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5443>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

¹⁰³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.01.09. Correspondência sobre a "Missão financeira Sousa Costa" aos Estados Unidos e à Europa tendo por objetivo a renegociação da dívida externa brasileira. Inclui: posição de Oswaldo Aranha contrária a ida de Sousa Costa aos Estados Unidos; encaminhamento das negociações para liquidação dos créditos do comércio americano; sugestão para um decreto de liberdade cambial; medidas a serem tomadas pelo Banco do Brasil antes da promulgação do decreto; aprovação pelo Conselho Federal do Comércio Exterior do decreto sobre liberdade de câmbio e medidas complementares; encaminhamento da renegociação das dívidas brasileiras na Inglaterra; empréstimo Rothschild para o pagamento das dívidas brasileiras; resistências do Governo inglês em relação ao início de um Acordo Comercial como Brasil; posição de Getúlio Vargas contrária ao empréstimo Rothschild e minuta do Acordo com a Inglaterra estabelecendo as condições de pagamento das dívidas brasileira. Rio de Janeiro, Washington. Vol. XVII/6, 7, 8, 9, 10, 17, 24, 25, 26a, 26b, 27, 33a, 33b, 34a, 34b, 39a, 39b, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50a, 50b, 54, 55. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5481>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

¹⁰⁴ *Ibidem*.

alegando que “[não tendo] o Ministro do Exterior tempo para cuidar desses assuntos, mandem-me, Getúlio, as passagens de volta, porque eu não estou aqui para fazer o imbecíl e menos ainda de palhaço do Itamaraty”¹⁰⁵. A aprovação congressual viria apenas em setembro de 1935, e seria fortemente comemorada por Aranha, que agradeceu a intervenção direta de Vargas no assunto e afirmou crer que sem ele “tudo iria para as calendas gregas”¹⁰⁶. Faltava, ainda, a aprovação pelo Senado. Esta ocorreria de forma unânime, em 14 de novembro daquele mesmo ano (BANDEIRA, 2007, p. 342).

Não obstante a assinatura e posterior aprovação parlamentar do acordo firmado com os Estados Unidos em 1935, Cervo e Bueno apontam o período entre 1934 e 1938 como aquele em que a primazia comercial dos Estados Unidos sobre a balança comercial brasileira se viu ameaçada pela Alemanha. Se em 1932 apenas 9% do que o país importava vinha daquele parceiro europeu, em 1936, 1937 e 1938 a cifra aumentou, respectivamente, de 23,5% para 23,9%, fechando em 25%, enquanto os Estados Unidos viam sua parcela nas importações brasileira despencar — em 1932, 30,2% de tudo que o Brasil comprou veio dos Estados Unidos, enquanto em 1938, o índice não passou de 24,2%, tendo chegado a 22,1% em 1936. As cifras das exportações brasileiras são ainda mais ilustrativas. Em 1932, a Alemanha foi destino de apenas 8,9% de tudo que o Brasil vendeu, mas, em 1938, chegou a comprar 19,1% do produto brasileiro exportado. Os Estados Unidos, em contrapartida, destino de 45,8% das exportações brasileiras em 1932, compararam 34,3% em 1938 do total exportado pelo Brasil (CERVO; BUENO, 2017, p. 273).

Aranha, como exposto anteriormente (ver subcapítulo 3.1), era partidário de uma aproximação econômica com os Estados Unidos, mesmo que esta significasse uma deterioração nas relações com a Alemanha. Concorria para tal posicionamento, principalmente, a perspectiva de que, em um cenário de fechamento econômico das tradicionais potências europeias, o comércio com os Estados Unidos nos moldes liberais configurava-se como a principal fonte de divisas em moeda forte, capazes de serem empregadas no cumprimento do serviço da dívida externa do país (MROS, 2011; 2016)¹⁰⁷.

¹⁰⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.09. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando o êxito de sua viagem ao Prata e criticando a atuação de Macedo Soares em relação ao Tratado Comercial com os Estados Unidos. Washington. Vol. XIX/5. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6022>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

¹⁰⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.09.24. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas manifestando sua satisfação com a aprovação, pelo Congresso, do Tratado Comercial com os Estados Unidos e sobre a reorganização da Embaixada e aproveitamento do pessoal diplomático. Washington. Vol. XIX/50. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6231>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

¹⁰⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.10.09/1. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado,

Do lado daqueles que defendiam o desenvolvimento das relações comerciais com a Alemanha, estava o interesse dos industriais e dos militares, de maneira geral. Cervo (2001, pp. 23-28) mostra como o interesse nacional, não só no Brasil, mas em boa parte da América Latina, a partir da década de 1930, foi ressignificado e, com ele, a diplomacia assumia novas funções. Pressupunha-se o afastamento do que o autor chama de paradigma liberal-conservador, baseado na inserção econômica internacional do país como dependente do centro industrial do capitalismo mundial, em prol de um desenvolvimento econômico calcado no fomento à indústria nacional. Ora, o comércio compensado com a Alemanha mostrava-se como uma ferramenta de “controle do mercado interno de modo que não fosse inundado por mercadorias concorrentes de procedência alemã” (CERVO; BUENO, 2017, p. 275), cultivando a mais alta estima da elite econômica que pressionava pelo desenvolvimento do novo paradigma.

Outra classe que se interessava pelo comércio compensado eram os militares, que viam nele a possibilidade de obtenção dos meios para a modernização do aparato das Forças Armadas (Ibidem). Vargas, procurando justificar a Aranha a manutenção do comércio com os alemães, destacava, ainda, a potencialidade de explorar aquele mercado com a venda de produtos que, tradicionalmente, os Estados Unidos não importavam do Brasil, com destaque ao algodão¹⁰⁸ — em 1933, o algodão significava apenas 1% das exportações brasileiras; em 1937, tendo a Alemanha como principal destino, o produto ocupou 19% da pauta exportadora do Brasil (BANDEIRA, 2007, p. 348).

O embaixador, mesmo assim, mostrava-se convicto em seu posicionamento e, em meados de 1936, demonstrava preocupação em relação à intensidade das relações econômicas entre Brasil e Alemanha. Frente à possibilidade de renovação do sistema de compensações com aquele país, Aranha afirmava não ver

forma [de] conseguir boa vontade deste governo para projetado acordo com a Alemanha. Manifestaram-me que assinaram com o Brasil primeiro acordo liberal e agora quando considerava-se [...] vitorioso [tal] princípio e fatal a volta às sãs práticas comerciais, justamente nosso país, de surpresa, decidiu liderar retorno [à] norma[s] que afundarão [o] povo na guerra ou na miséria. Dizem acreditar [na] reação do governo brasileiro à esta ponderação amiga¹⁰⁹.

devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face às vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5174>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

¹⁰⁸ Ibidem.

¹⁰⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.06.02/2. Telegramas entre Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha sobre o acordo comercial Brasil-Alemanha, analisando a posição do Governo americano em relação ao acordo e as suas consequências para as relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Washington, Rio de Janeiro. Vol.

Aranha, que afirmava que a Alemanha não praticava todo seu comércio com os Estados Unidos por meio de compensações, defendia que o Brasil deveria liberalizar o comércio com aquele país, “com [a] Alemanha [tendo] obrigação [de] fornecer câmbio sem assinar acordo entre os Governos. Esta solução satisfaria [a] Alemanha e atenderia necessidades [de] nossa exportação e não importaria violação [do] tratado [com os Estados Unidos]”¹¹⁰.

Dois meses após a supracitada correspondência, a “ponderação amiga” dos Estados Unidos evoluiu para ameaças mais diretas às relações econômicas entre os dois países. Aranha, em julho de 1936, afirmava ter sido comunicado que, em último caso, os Estados Unidos haveriam de denunciar o tratado firmado com o Brasil um ano antes, em virtude das tratativas que o país vinha desenvolvendo junto à Alemanha, Itália e Suíça, todas baseadas no comércio compensado¹¹¹. Ao longo de 1937, as reclamações estadunidenses continuavam, e encontravam como base adicional dados providos pelo Departamento de Estado que mostravam que produtos que o Brasil importava tradicionalmente dos Estados Unidos, como automóveis, vinham sendo comprados da Alemanha¹¹².

Frente este cenário “bem desagradável”, Aranha solicitou a visita aos Estados Unidos de Arthur de Sousa Costa, Ministro da Fazenda, uma vez que considerava que nada poderia fazer “aguardando instruções que não vêm ou quando mandadas são incompletas ou meros subterfúgios”¹¹³. A solicitação de Aranha antevia a necessidade de uma ação de contenção de danos para a manutenção dos acordos firmados dois anos antes com os estadunidenses. A Missão Financeira Sousa Costa, como ficou conhecida, buscou, portanto, lograr aceitação por parte dos Estados Unidos dos acordos que estavam sendo renovados com os alemães (CERVO; BUENO, 2017, p. 276).

XXII/60, 61a e 61b. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7267>. Acesso em: 08 jul. 2022.

¹¹⁰ Ibidem.

¹¹¹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.07.22/1. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando que o Governo americano pretende denunciar o tratado comercial com o Brasil, em virtude dos acordos estabelecidos entre este país e a Alemanha, Itália e Suíça. Washington. Vol. XXIII/30a. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7456>. Acesso em: 08 jul. 2022.

¹¹² CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.05.03/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas criticando a atuação da censura brasileira sobre os correspondentes da imprensa americana e informando sobre o caso dos destroyers e o descontentamento do Governo americano em relação ao comércio Brasil-Alemanha. Em anexo, telegrama de Oswaldo Aranha a Pimentel Brandão. Washington. Vol. XXVI/3, 13a e 13b. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8732>. Acesso em: 08 jul. 2022.

¹¹³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.06.04/2. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comunicando que aguarda a chegada de Sousa Costa para resolver as questões relacionadas a: dívida externa, Banco Central, acordo alemão e italiano, café e crédito. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas informando sobre a viagem de Sousa Costa. Washington. Vol. XXVI/55a e 55b. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8844>. Acesso em: 08 jul. 2022.

A recomendação da missão por Aranha não indicava, contudo, a aquiescência do embaixador à manutenção do regime de compensações com a Alemanha. Pelo contrário, era uma maneira de Aranha demonstrar o clima de desconfiança que emergia dos círculos econômicos estadunidenses, e que poderia pôr em risco as relações entre os dois países no campo das finanças. No início de julho de 1937, o embaixador criticava a aproximação econômica com a Alemanha, ao mesmo tempo em que informava sobre o avanço das conversas com os estadunidenses em prol da aceitação das compensações:

Espero [...] que não sejas tu o autor da preeminência do comércio alemão no Brasil, risco e perigo de que não se podem descurar homens bem avisados e nem países novos nas condições do Brasil. E este é o caminho atual e até o espírito de muitos.[...] O “tratamento de nação mais favorecida” dado à Alemanha, estendendo-lhe os favores trocados com os Estados Unidos, sem que ela haja reduzido uma só de suas tarifas, para receber este favor, como fez este país, onde 97% dos nossos produtos tem entrada livre, foi e é mais do que uma discriminação: é um escândalo. [...] É realmente de abismar o que estamos fazendo¹¹⁴.

O andamento das negociações ocorreu de forma tranquila. Por mais que o embaixador tenha caracterizado as conversas como “difíceis, dada a natureza do assunto”, os resultados já estariam “assegurados, uma vez que este governo já aceitou como necessária e inevitável a combinação do nosso comércio com a Alemanha na forma atual. [...] As combinações que estamos fazendo permitirão continuar e até aumentar o comércio com países compensadores”¹¹⁵. Os desdobramentos da Missão Sousa Costa caracterizaram-se, para Cervo e Bueno (2017, p. 276), como uma importante vitória diplomática brasileira. Não só os estadunidenses concordaram com os termos de compensação entre Brasil e Alemanha, como também foi acordado que o Brasil receberia, ao longo de cinco anos, o montante de 60 milhões de dólares-ouro em crédito dos Estados Unidos, que ainda reaveriam taxas e prazos em favor do Brasil para o saldo de pendências financeiras. Os Estados Unidos se comprometeram em auxiliar o Brasil na consolidação de um Banco Central, e foram criadas duas comissões, que atuariam no Rio de Janeiro e em Nova York, para promover o comércio entre os dois países. De acordo com Aranha, “a situação, pois, não pode ser melhor, e os resultados não podiam ser

¹¹⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.07.03. Correspondência entre Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas e Artur de Sousa Costa sobre a “missão Sousa Costa” nos EUA, abordando as seguintes questões: acordo comercial Brasil-Alemanha; criação de duas comissões (N. York e Rio) para intercâmbio comercial brasileiro-americano; “operação ouro” para criação, no Brasil, de um Banco Central; acordo para pagamento da dívida externa. Inclui relatório dos trabalhos da missão apresentado ao Presidente da República, após o regresso do ministro da Fazenda dos EUA. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XXVI/76, 78a, 78b, 78c, 78d, 78e, 78f, 81, 82a, 82b, 82c, 82d, 82e, 86a, 89, 90a, 90b, 91a, 91b, 92. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8961>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

¹¹⁵ *Ibidem*.

mais favoráveis. Eles excederam a minha própria expectativa”. O embaixador, no entanto, não perdia a oportunidade de ressaltar que as concessões feitas pelo Brasil à Alemanha não eram acompanhadas por uma ação recíproca¹¹⁶.

Segundo Cervo e Bueno (2017, pp. 276-277), as concessões feitas pelas autoridades estadunidenses aos objetivos declarados da Missão Financeira Sousa Costa foram condicionadas pela inconveniência que se configuraria empurrar o Brasil ainda mais em direção da esfera de influência germânica, tanto econômica quanto politicamente. Era parte do interesse estadunidense, desta forma, demonstrar boa vontade. A Missão, no entanto, por mais que tenha logrado sucesso em atender aos interesses dos decisores do Rio de Janeiro, foi contra a perspectiva de Aranha acerca da necessidade de cultivar-se as relações econômicas com os Estados Unidos no mais alto patamar possível:

Eu fiz quanto em mim foi possível para ajudar o Costa na obtenção desse acordo, ainda quando, em minha opinião, seja prejudicial aos nossos interesses comerciais e políticos. Meu dever era cooperar para a consecução dos fins do governo e não me assistia o de deliberar e decidir. [...] A responsabilidade dos que favorecem o mercantilismo com a Alemanha além dos limites normais, sem atender a tratados e a outros interesses criados, será ajuizada com severidade pelos que nos hão de suceder, ou, talvez, por nós mesmos¹¹⁷.

Não obstante, o embaixador comemoraria, ao fim da Missão o clima amistoso em que se encontravam as relações com os Estados Unidos: “Esta visita do Costa foi útil a ele e ao Brasil: [...] arejou o ambiente político-comercial entre nós. Não foi tudo: lançou a base única sobre a qual será possível, em minha opinião, construir uma moeda sã e sobre ela uma economia sólida”¹¹⁸.

O destaque dado por Aranha às negociações em torno do tratado de comércio com os Estados Unidos demonstra a importância que o embaixador outorgava às relações econômicas entre os dois países. A pressão exercida por ele em prol da aprovação congressional do tratado serve para reforçar tal perspectiva, tendo o embaixador a convicção de que do tratado dependiam outros aspectos das relações econômicas entre os dois países. Presente em sua ação estava o temor em relação ao fortalecimento das relações entre Rio de Janeiro e Berlim, por estas fomentarem o comércio compensado e suscitarem desconfianças em Washington. Tal

¹¹⁶ Ibidem.

¹¹⁷ Ibidem.

¹¹⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.09/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando os efeitos positivos da "Missão Sousa Costa", defendendo a necessidade de recuperar o mercado mundial do café e informando sobre a publicidade americana em relação ao caso dos destroyers. Washington Vol. XXVII/2. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9146>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

temor justifica a convocação, por Aranha, da Missão Financeira Sousa Costa. Por mais que tenha logrado assegurar uma importante vitória diplomática ao Brasil, os resultados da missão contrariavam as prescrições do embaixador que, não obstante, conseguiu assegurar a saúde dos acordos firmados com os Estados Unidos. Aranha, portanto, fez sua parte em seguir as recomendações feitas por ele mesmo em prol da aproximação econômica entre Brasil e Estados Unidos, parte fundamental de seu horizonte de expectativa propositivo.

4.2. ARANHA E AS DUAS ARENAS DA APROXIMAÇÃO POLÍTICO-MILITAR

Em 20 de agosto de 1935, Aranha encaminhou à Vargas um telegrama em que transmitia a perspectiva de Roosevelt acerca da conveniência, “dada a situação mundial”, de as nações americanas concertarem-se “em uma conferência a fim de dar segurança à paz americana, quer pela ratificação [de] acordos existentes, quer pela modificação dos mesmos para torná-los mais efetivos, quer por novos que venham a ser sugeridos”. Vargas, cuja opinião Roosevelt considerava capital para o andamento do projeto, acolheu “a sugestão com viva e sincera simpatia”, afirmando já ser “decidido partidário da ideia e até em sentido mais amplo do que” o presente na proposta preliminar do mandatário estadunidense¹¹⁹. Esta troca de mensagens pode ser considerada como o pontapé inicial do processo que desaguardaria na Conferência Interamericana para a Manutenção Paz, ocorrida em dezembro de 1936, em Buenos Aires.

Durante os 17 meses que se seguiram entre a transmissão da ideia de Roosevelt sobre a Conferência e a concretização dela, Aranha empenhou-se de forma ativa no sentido de construir as bases para uma ação coordenada entre Brasil e Estados Unidos em Buenos Aires. Os trabalhos do embaixador ganhariam renovado ímpeto em fevereiro de 1936, quando o Itamaraty, na figura do chanceler José Carlos de Macedo Soares, comunicou à embaixada brasileira em Washington acerca da perspectiva da construção, de autoria brasileira, de um pacto de segurança coletiva “destinado à defesa mútua dos países americanos” a ser firmado na ocasião da Conferência. O pacto, além de consolidar condutas de segurança coletiva, serviria para mostrar o rechaço coletivo das nações americanas em relação à doutrina “que tanto se tem

¹¹⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.20. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas transmitindo sugestão de Franklin Roosevelt para realização de uma conferência interamericana, a fim de revisar os acordos de paz existentes entre os países. Em Anexo, resposta de Getúlio Vargas acatando a sugestão e propondo a formação de um bloco continental para defesa da paz e solução dos problemas internos do continente. Washington. Vol. XIX/11 e 13. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6050>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

apregoado na Europa, de que os países superpovoados e industrializados, mas desprovidos de matérias-primas, têm o direito de se apossar das terras onde aquelas existem em abundância”¹²⁰.

Não obstante as desconfianças que Aranha tinha em relação ao chanceler, a ideia de Macedo Soares foi bem recebida pelo embaixador, que por ela manifestou “aplausos”. Segundo ele, o pacto seria “a maior conquista da Conferência”. Ainda no mesmo telegrama, Aranha recomendava que o chanceler “formulasse [o pacto] em termos definitivos”¹²¹, para que este pudesse ser ajustado aos pontos de vista dos demais países, em especial ao dos Estados Unidos. Esse seria o ensejo para um debate que colocaria em oposição chanceler e embaixador, cada qual com sua visão acerca dos termos que deveriam constar no pacto para que este atendesse da melhor maneira os interesses do Brasil.

Aranha havia recebido instruções de Macedo Soares para elaborar “o regimento e o programa da Conferência de maneira combinada [com os Estados Unidos], ficando V. Ex. plenamente autorizado a participar das reuniões projetadas para este fim”. O embaixador, portanto, julgou-se livre para apresentar o texto base elaborado por Macedo Soares às autoridades da Casa Branca, para com elas ajustar seus termos de modo a alinhar os interesses de ambos os países em relação ao referido documento. Alguns termos e teses do pacto proposto por Macedo Soares não agradaram Aranha e o Departamento de Estados, e das concertações entre estes surgiu um novo documento, reformulado, que, segundo o embaixador, compreendia o “máximo a que poderemos arrastar este país”¹²².

Do ponto de vista de Aranha, o texto enviado por Macedo Soares era confuso e, em alguns pontos, contraditório, além de apresentar teses que não atenderiam aos interesses do Brasil e, pelo contrário, concorreriam para o acerto de compromissos “perigosos”. O espírito da opinião pública estadunidense também dificultava a aceitação dos termos tais como propostos por Macedo Soares. A tendência pacifista pressionava pelo não envolvimento dos Estados Unidos em questões extraterritoriais, de modo que Aranha enxergava rechaço em relação à própria Doutrina Monroe, tradicionalmente apoiada pela opinião pública. “Foi nesse

¹²⁰ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.04.02/1. Documentos sobre o Pacto Interamericano de Segurança Coletiva, contendo histórico das conversações sobre os projetos do pacto; análise sumária dos projetos do Itamaraty e do substitutivo elaborado pelo Departamento de Estado Norte Americano; texto dos 2 projetos brasileiros; texto do Projeto de Oswaldo Aranha e telegramas trocados entre a Embaixada brasileira em Washington e o Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, Washington. Vol. XXIII/15 e 59. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7017>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

¹²¹ Ibidem.

¹²² Ibidem.

ambiente que eu consegui o texto do ‘Pacto de Segurança Coletiva’¹²³, ressaltava o embaixador.

Macedo Soares, no entanto, não admitia as modificações que resultaram das conversas entre Aranha e o Departamento de Estado, a ponto de declarar que o novo texto era “demasiado vago, impreciso e sem nenhum alcance prático”. Ainda, segundo o chanceler “parece-nos muito improvável que o dito projeto venha a despertar forte interesse entre os países hispano-americanos ou seja acolhido com aplausos na Conferência de Buenos Aires”. O novo texto, segundo o Itamaraty,

poderá ser apresentado pelo governo americano, se este assim julgar conveniente, mas parece que, da nossa parte, adotá-lo como nosso, seria levar ao exagero os nossos sentimentos de cordial amizade para com os Estados Unidos. Seria quase um ato de subordinação aos desejos do Departamento de Estado. Nada obsta, contudo, a que, apresentado pela delegação americana ou por qualquer outra, que não a brasileira, lhe demos o nosso apoio na Conferência¹²⁴.

Aranha mostrou-se ultrajado com a resposta de Macedo Soares em relação ao novo texto: “Esta resposta, se considerares os termos de minhas cartas, devia ditar o meu pedido imediato de demissão”, escreveu a Vargas. O embaixador não compreendia o rechaço de Macedo Soares ao texto, alegando que, se os termos não lhe agradavam, estes poderiam facilmente serem revistos. O abandono do projeto, no entanto, “importaria em surpresa para este Governo, em decepção para o esforço desta Embaixada, e em grave responsabilidade para o Brasil”. Assim, suplicava a Vargas que pressionasse no sentido do aceite ao novo texto, uma vez que “este pacto é grande coisa para o Brasil, ainda quando os demais venham a recusá-lo em Buenos Aires”, por multilateralizar a Doutrina Monroe, até então considerada “mera atitude americana, dependente de unicamente da interpretação do seu governo”¹²⁵.

¹²³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.08.26. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando as repercussões da guerra espanhola no continente americano e informando sobre a atitude do Itamaraty em relação às modificações sugeridas pelo Governo americano, ao texto do projeto do Pacto de Segurança Coletiva. Washington. Vol. XXIII/58. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7538>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

¹²⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.04.02/1. Documentos sobre o Pacto Interamericano de Segurança Coletiva, contendo histórico das conversações sobre os projetos do pacto; análise sumária dos projetos do Itamaraty e do substitutivo elaborado pelo Departamento de Estado Norte Americano; texto dos 2 projetos brasileiros; texto do Projeto de Oswaldo Aranha e telegramas trocados entre a Embaixada brasileira em Washington e o Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, Washington. Vol. XXIII/15 e 59. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7017>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

¹²⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.08.26. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando as repercussões da guerra espanhola no continente americano e informando sobre a atitude do Itamaraty em relação às modificações sugeridas pelo Governo americano, ao texto do projeto do Pacto de Segurança Coletiva. Washington. Vol. XXIII/58. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7538>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

Vargas acatou os argumentos de Aranha¹²⁶, e disso desdobrou-se um movimento conciliatório da parte de Macedo Soares. “De ordem do Sr. Presidente da República, Vossa Excelência pode prosseguir nas conversas a respeito do projeto de Pacto de Segurança Coletiva”. No entanto, no mesmo telegrama enviado à Aranha, o chanceler afirma “que seria pouco airoso para nós apresentar novo texto como nosso, uma vez que o projeto primitivo foi modificado completamente por conveniência desse governo”, o que não impediria o Brasil de apoiá-lo na Conferência. O impasse, portanto, continuava. Aranha argumentava a Macedo Soares que o texto, por mais que fruto de conversas com o Departamento de Estado, seguia sendo uma iniciativa brasileira. A Vargas, o embaixador redobrou as críticas em relação à atitude do chanceler, argumentando que “não há na história diplomática, um só projeto desses que não haja passado pelo cadinho de tais modificações” a fim de agradar a múltiplos interesses. Aranha ainda justificava suas ações:

A razão pela qual conversei com este país e ajustei o texto com ele é mais do que óbvia. Em primeiro lugar eu recebi ordens para assim proceder. Em segundo lugar o pacto, no fundo, só obriga os Estados Unidos, uma vez que só eles detêm a força capaz de torná-lo efetivo, e ainda porque, aceitando-o, renunciavam à liberdade de ação que a doutrina de Monroe envolvia¹²⁷.

Frente a mais uma dificuldade de trato com o Itamaraty, o embaixador, que creditava à suas ações o mais completo sucesso, acabou por acordar junto ao Departamento de Estado a transferência das tratativas acerca do pacto ao Rio de Janeiro, para que fossem discutidas diretamente entre o Itamaraty e a representação estadunidense no Brasil. “Achei isso melhor, para evitar-te mais aborrecimentos. [...] Espero que aproves minha atitude, mas mesmo assim ficarei atento a fim de evitar que sem teu conhecimento, ou às escondidas, façam bobagens”¹²⁸. O impasse, no entanto, só foi completamente resolvido a partir de comunicações diretas entre Cordell Hull, Secretário de Estado estadunidense, que endossou o texto acordado junto a Aranha, e Macedo Soares, que enfim admitiu que o sucesso do pacto “não poderá ser levado a efeito sem a estreita cooperação entre os dois governos”, e “que as modificações introduzidas

¹²⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.09.04/2. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha comunicando que ainda não foi informado, pelo Itamaraty, sobre o projeto do Pacto de Segurança Coletiva. Rio de Janeiro. Vol. XXIII/66. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7587>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

¹²⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.09.19. Cartas entre Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas sobre o Pacto de Segurança coletiva, ressaltando, o primeiro, as dificuldades criadas pelo Itamaraty para a concretização do Projeto. Inclui também informações sobre passagem de Saavedra Lamas pelo Rio de Janeiro, a situação da Europa e as eleições dos Estados Unidos. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XXIII/76, 79 e 80. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7627>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

¹²⁸ *Ibidem*.

por Vossa Excelência tornarão possível um acordo definitivo”¹²⁹ (CAMARGO; ARAÚJO; SIMONSEN, 1996, p. 131).

Aranha, cuja atuação antes da Conferência se mostrou relevante na construção das bases da ação coordenada entre Brasil e Estados Unidos, também desempenharia papel ativo durante a mesma. Convocado por Vargas para participar da delegação brasileira em Buenos Aires por ser “conhecedor [da] orientação política americana e elemento [de] ligação [entre] esse país”¹³⁰ e o Brasil, o próprio embaixador se considerou “o elemento articulador da delegação [brasileira] e, em grau ainda mais responsável, da Conferência em geral”¹³¹. Aranha, de fato, foi fundamental, principalmente, em argumentar contra a oposição argentina aos termos que estavam sendo acertados em Buenos Aires, trabalhando em prol do consenso para legitimar os resultados da Conferência (CAMARGO; ARAÚJO; SIMONSEN, 1996, pp. 134-139).

Ao término da Conferência, todas as delegações concordaram com o Projeto de Convenção Sobre Manutenção, Garantia e Restabelecimento da Paz, que tomou forma em uma declaração conjunta entre os participantes. De fato, o projeto aprovado diferia daquele costurado entre Aranha e o Departamento de Estado, mas o cerne deste se manteve, no que tange à recomendação de consulta entre as nações americanas no caso de uma ou mais delas se verem ameaçadas pela intromissão de potências extracontinentais¹³². A atuação de Aranha nas negociações em Buenos Aires rendeu-lhe elogios tanto da imprensa estadunidense quanto da imprensa brasileira. O *Herald Tribune*, de Chicago, afirmava que o posicionamento brasileiro na Conferência entraria para a História como a “Doutrina Aranha” (CAMARGO; ARAÚJO; SIMONSEN, 1996, p. 139). O Diário Carioca, ao postular que “da harmonia entre os Estados Unidos e o Brasil depende o equilíbrio e a paz das Américas”, afirmava que “os norte-americanos e os diplomatas brasileiros que estiveram em Buenos Aires [...] puderam avaliar a

¹²⁹ Cordell Hull apresentou como texto definitivo, e como proposta estadunidense, aquele acordado entre o Departamento de Estado e Aranha.

¹³⁰ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.11.05. Telegramas entre Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas sobre a escolha do primeiro para delegado brasileiro na Conferência Interamericana, em Buenos Aires, e sobre a visita do Presidente Franklin Roosevelt ao Brasil. Washington. Vol. XXIV/53a, 53b, 53d, 53e e 56a. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7998>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

¹³¹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.12.02/2. Correspondência a Getúlio Vargas sobre a inauguração da Conferência do Pacto Interamericano de Segurança Coletiva, em Buenos Aires abordando os seguintes pontos: discurso do Presidente Justo criticando a ideia do Pacto Continental; notícias sobre os debates travados em torno dos projetos para manutenção da paz e sobre a neutralidade; e dificuldades criadas pelo Ministro das Relações Exteriores da Argentina, Saavedra Lamas, para concretização dos objetivos da Conferência. Inclui ainda referência ao caso do Chaco. Buenos Aires. Vol. XXIV/79, 81, 88d, 89, 90, 105. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2 & pagfis=8098>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

¹³² *Ibidem*.

importância da contribuição do sr. Oswaldo Aranha, que hoje conta aqui com uma situação privilegiada”¹³³.

Ao regressar a Washington, Aranha notificou Vargas acerca da estima do governo e da imprensa estadunidenses em relação ao Brasil. “Sinto-me em outro ambiente, mais confiante, mais acessível e mais fácil a nós”¹³⁴. Na mesma carta, o embaixador atualiza o presidente sobre as negociações do arrendamento, por parte do Brasil, de contratorpedeiros estadunidenses — referidos em boa parte da correspondência na grafia inglesa, isto é, *destroyers*.

Como mostram Camargo, Araújo e Simonsen (1996, p. 142), a cooperação militar entre Brasil e Estados Unidos ganhou maior relevo ao fim da Primeira Guerra Mundial. Após a posse de Aranha como embaixador, houve tratativas relativas à compra, por parte do Brasil, de dois cruzadores estadunidenses. As negociações, no entanto, fracassaram, com o próprio Roosevelt, em carta a Vargas, justificando tal fracasso pela escalada armamentista das potências europeias e pelos compromissos firmados pelos Estados Unidos na Conferência Naval de Londres. O mandatário estadunidense, no entanto, admitia a possibilidade de novos acertos, em novos termos, serem combinadas entre ambos os países¹³⁵.

De fato, não muito tempo depois, as conversas em torno da cooperação militar entre Estados Unidos e Brasil alcançaram uma nova etapa. Aranha em setembro de 1936, informava Vargas sobre os termos da negociação que se desenrolava entre a embaixada brasileira e o Departamento de Estado. A alternativa à venda dos cruzadores arquitetada pelos decisores da Casa Branca seria o arrendamento “pelo prazo que o Brasil entender”, de seis contratorpedeiros. Ao mesmo tempo, seria combinado a cooperação para o estabelecimento de um programa naval brasileiro e os Estados Unidos ainda cederiam ao país “os planos para construção, nos seus estaleiros, dos navios que quiser, excluindo, apenas, o *fire-control*”. Aranha inicialmente mostrou-se relutante em aceitar a proposta estadunidense, mas sob a súplica de Sumner Welles,

¹³³ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca digital. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 8, edição nº 2.625, 02 fev. 1937. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093092_02&pasta=ano%20193&pesq=%20OSWALDO%20ARANHA%22&pagfis=28588>. Acesso em: 12 jul. 2022.

¹³⁴ CPDOC / FGV. GV c 1937.04.24. **Arquivos Pessoais**. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas descrevendo o ambiente de confiança e de amizade nos Estados Unidos em relação ao Brasil, informando sobre andamento das negociações para o arrendamento dos destroyers e criticando o comportamento do Ministro do Exterior, Macedo Soares, durante sua passagem pelos Estados Unidos. Washington. Vol. XXV/91. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8576>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

¹³⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.07.08/4. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas justificando o fracasso das negociações para compra dos cruzadores americanos e enviando carta do Presidente Roosevelt sobre o assunto. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas a Franklin Roosevelt comunicando que aguarda a contraproposta do Governo dos Estados Unidos em relação à aquisição de navios americanos pelo Brasil. Washington. Vol. XXIII/18, 11 e 43. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7409>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

decidiu aguardar o veredito do adido naval brasileiro nos Estados Unidos em relação à utilidade da proposta. Destacou, ainda, que Welles afirmou “que a cessão dos *destroyers* nós não a consideramos uma solução, mas uma mera etapa de espera e de preparação para a construção do programa naval”¹³⁶, uma de muitas fases de uma projetada parceria militar.

As negociações tornaram-se mais intensas após Vargas transmitir a Aranha a posição do Ministro da Marinha acerca da conveniência de o Brasil adquirir os contratorpedeiros estadunidenses. Segundo este, o arrendamento dos contratorpedeiros e a promessa de transferência de tecnologia por parte dos Estados Unidos ao Brasil, para a construção em solo nacional de embarcações idênticas às estadunidenses, seria “indispensável” para os objetivos de reaparelhamento das capacidades materiais da Marinha brasileira, sendo “de toda urgência uma solução definitiva das negociações nos E.U.A.”¹³⁷.

A atuação de Aranha no caso do arrendamento dos contratorpedeiros, vale destacar, não foi marcada por protagonismo em matéria de detalhes técnicos referentes aos equipamentos, ficando isso a cargo do adido naval, cujas ações Aranha reportava a Vargas. A atuação do embaixador, no entanto, foi fundamental em momentos-chave da negociação. O primeiro deles foi quando o Departamento de Estado redigiu a seguinte cláusula no acordo do arrendamento:

O arrendatário concorda em empregar unicamente esses navios para fins de instrução e treinamento, e especificamente, se compromete a não os empregar, um ou todos eles, em hostilidades contra nenhuma nação ou potência, nem utilizá-los de modo a que possa constituir um ato não neutral, tal como este termo é conhecido e definido nas leis internacionais¹³⁸.

Tal cláusula, segundo o embaixador, era “absolutamente inaceitável [...] [e] torna o arrendamento inútil para nós”. Aranha comunicou à Welles sua posição, pressionando pela supressão da parte da cláusula que limitava o uso do equipamento¹³⁹. Pouco mais de uma semana depois, Aranha escrevia à Vargas exaltando a boa vontade do governo estadunidense

¹³⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.09.02. Correspondência entre Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha sobre a aquisição, pelo Brasil, de navios americanos e a execução do Programa Naval Brasileiro com ajuda técnica e financeira dos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Washington. Vol. XXIII/63a, 63b e 83. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7575>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

¹³⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.10.05/2. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha enviando nota do Ministro da Marinha sobre planos de construção naval para o Brasil, comentando a campanha eleitoral americana e solicitando projetos de construções de casas de campo. Rio de Janeiro. Vol. XXIV/8. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7835>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

¹³⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.04.24. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas descrevendo o ambiente de confiança e de amizade nos Estados Unidos em relação ao Brasil, informando sobre andamento das negociações para o arrendamento dos *destroyers* e criticando o comportamento do Ministro do Exterior, Macedo Soares, durante sua passagem pelos Estados Unidos. Washington. Vol. XXV/91. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8576>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

¹³⁹ *Ibidem*.

em atender as exigências brasileiras: “trata-se de um ato de amizade, quase de aliança”. A pressão do embaixador surtiu efeito, e os termos do contrato redigidos da maneira original “para evitar discussões no Senado e para que [o Governo] se possa justificar ante seus compromissos com o Acordo Naval de Londres”, foram modificados, postulando, apenas que o “arrendatário concorda em utilizar os navios para propósitos de treinamento e instrução”, sem fazer referência às impossibilidades de uso para demais objetivos de defesa¹⁴⁰.

Assentados os detalhes de redação, bem como os termos de construção, expansão da cooperação militar, condições de pagamento e financiamento¹⁴¹, restava apenas a necessidade de aprovação do Congresso estadunidense em relação à possibilidade de cessão por arrendamento das embarcações de guerra. Vale destacar que a aprovação seria em relação à uma lei que abarcasse de maneira geral tal possibilidade, não redigida unicamente para atender o caso brasileiro. O andamento das negociações, no entanto, encontrou um obstáculo problemático. “O caso dos *destroyers* veio ‘a furo’, como teria que vir”, escreveu Aranha ao referir-se ao fato de uma carta redigida por Cordell Hull, exaltando a necessidade de aprovação congressional no caso dos arrendamentos, e citando especificamente o caso das negociações com o Brasil, foi vazada à imprensa. Aranha desaprovou a situação, afirmando não ter ficado satisfeito com o conteúdo da carta “por ter me parecido desnecessário envolver o nome do Brasil em um pedido de uma ‘autorização geral’” ao Congresso¹⁴².

Frente ao vazamento dos termos do arrendamento e, especialmente, pelo fato de a aprovação congressional interessar especificamente à cooperação militar entre Brasil e Estados Unidos, a Argentina, personificada em seu chanceler, Saavedra Lamas, protestou contra a iniciativa do arrendamento, exigindo que os benefícios cedidos ao Brasil fossem cedidos aos demais países americanos que assim demandassem. Iniciou-se, assim, uma campanha de desmoralização contra o projeto do arrendamento, que abalou a perspectiva de uma fácil

¹⁴⁰ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.05.03/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas criticando a atuação da censura brasileira sobre os correspondentes da imprensa americana e informando sobre o caso dos *destroyers* e o descontentamento do Governo americano em relação ao comércio Brasil-Alemanha. Em anexo, telegrama de Oswaldo Aranha a Pimentel Brandão. Washington. Vol. XXVI/3, 13a e 13b. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8731>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

¹⁴¹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.05.24/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre os planos de construção naval, cooperação americana, financiamento e condições para o andamento dos *destroyers*. Informa também que o Comte. Reis está indo para o Brasil com todos os planos detalhados. Washington. Vol. XXVI/45. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8799>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

¹⁴² CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.09/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando os efeitos positivos da "Missão Sousa Costa", defendendo a necessidade de recuperar o mercado mundial do café e informando sobre a publicidade americana em relação ao caso dos *destroyers*. Washington. Vol. XXVII/2. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9146>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

aprovação parlamentar deste. Segundo o embaixador, “insistir no projeto nessa atmosfera e no apagar das luzes dessa sessão era correr riscos a que ninguém submeteria o seu país”. Nesse contexto, “temeroso de uma ruptura ostensiva da *good neighbor policy*”, o governo estadunidense decidiu suspender temporariamente as negociações com o Brasil¹⁴³.

Aranha, a fim de resguardar os avanços conquistados pelo Brasil, agiu junto ao Departamento de Estado afirmando

a este governo que, ou nós faríamos uma ‘declaração conjunta’, resumindo e rematando as já feitas pelo Brasil, ou meu governo faria publicar na imprensa americana uma resposta à Argentina, na qual, infelizmente, não poderia deixar de referir-se à situação a nós criada pela atitude pouco amiga dos Estados Unidos, quer mandando a carta ao Senador Walsh, que nós não autorizamos, quer, agora, protelando a solução de um projeto que visava, apenas, o cumprimento de entendimentos decorrentes de uma sugestão americana ao Brasil.

Roosevelt, “chamado a intervir”, acabou por apoiar a redação de uma declaração conjunta assinada pelo Departamento de Estado e pelo governo brasileiro¹⁴⁴.

Na declaração conjunta, segundo Aranha, foi retomado o histórico das negociações “acentuando-se a ação pacifista e continental conjugada dos nossos países, [...] reafirmando, porém, que, ainda quando desejosos de receber a opinião dos demais [...] é declaração nossa prosseguir na ação conjunta e solidária no resguardo do interesse continental” (CAMARGO; ARAÚJO; SIMONSEN, 1996, p. 149). Em outras palavras, o documento foi uma declaração exaltando a soberania dos dois países no sentido de estarem desimpedidos de negociar entre si, por mais que levassem em consideração a preocupação dos demais países americanos. Havia, ainda, o objetivo presente nos esforços de Aranha em geral, de restabelecer a “única fórmula continental conveniente ao Brasil: o apoio à preeminência continental dos Estados Unidos, em troca do seu reconhecimento da nossa supremacia na América do Sul”¹⁴⁵.

“A atuação que tiveste foi brilhante e decisiva, sem nenhum exagero, e aqui todos souberam apreciar o teu esforço e dedicação”, Vargas diria a Aranha após a publicação da declaração conjunta. Segundo o mandatário brasileiro, “ficaríamos em situação de penoso

¹⁴³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9223>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

¹⁴⁴ Ibidem.

¹⁴⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9223>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

desprestígio” se a declaração não fosse expedida em reflexo da suspensão temporária das negociações¹⁴⁶. A questão dos contratorpedeiros ficaria em repouso até o fim do recesso do Congresso estadunidense. O impasse promovido pela obstrução argentina seria, no entanto, a última oportunidade de Aranha atuar junto ao assunto como embaixador, uma vez que o golpe do Estado Novo incorreu em seu pedido de demissão do cargo.

A atuação de Aranha nas negociações referentes à Conferência de Buenos Aires, sua ação efetiva na ocasião desta, e seu papel na negociação do arrendamento dos contratorpedeiros podem ser vistos desdobramentos de seus horizontes de expectativa. A prescrita obra de aproximação política-militar entre Brasil e Estados Unidos foi posta em curso pelo embaixador, tanto na arena bilateral, como perante os demais países americanos na arena multilateral continental. Sua motivação pode ser encontrada, em parte, nas previsões acerca do futuro da política internacional em geral, com destaque à iminência de um conflito mundial, bem como acerca da emergência da Boa Vizinhança e das implicações práticas à posição que o Brasil desfrutava até então no trato dos Estados Unidos junto à América Latina. Os esforços do embaixador em promover a aproximação político-militar entre ambos os países demonstra sua convicção na necessidade de o país manter sua privilegiada posição junto aos condutores da política externa estadunidense.

4.3. UMA DIPLOMACIA PESSOAL E SEUS REFLEXOS

Parte importante da ação diplomática de Aranha se deu fora das reuniões e formalidades oficiais. A ação diplomática pessoal do embaixador pode ser dividida em duas frentes: junto às autoridades da Casa Branca; e junto a lideranças de importantes grupos da sociedade estadunidense. Seja por meio de viagens ao redor do país, seja por meio de palestras e eventos com elites intelectuais, Aranha buscou imergir na sociedade estadunidense, conhecendo seus costumes de perto, de modo a reunir um arcabouço de experiências que pudessem concorrer para facilitar a consecução dos objetivos do Brasil em relação àquele país.

O estabelecimento de um contato caloroso com as autoridades estadunidenses iniciou na apresentação das credenciais do embaixador na Casa Branca, quando Aranha definiu a atitude de Roosevelt em relação a ele como amável, com referências à necessidade de ambos

¹⁴⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.09.03/2. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha elogiando sua atuação na questão do arrendamento dos destroyers e comentando o desfecho do caso da concessão permanente da linha Pan-American Airways. Rio de Janeiro. Vol. XXVII/30. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9263>>. Acesso em: 15 jul. 2022

os países trabalharemos como “dois bons amigos” (CAMARGO; ARAÚJO; SIMONSEN, 1996, p. 113). Ao longo do período em que serviu nos Estados Unidos, Aranha nutriu uma admiração efusiva em relação à figura de Roosevelt, cujos discursos, cada qual considerava “uma peça notável, alta, nobre e humana”¹⁴⁷.

O estabelecimento de boas relações com Roosevelt era uma via de mão dupla. O presidente estadunidense já havia sido informado, quando da embarcação de Aranha aos Estados Unidos, que o futuro embaixador brasileiro era “provavelmente o homem de maior influência no Brasil; [...] ele é o iniciador do atual movimento do Brasil de se afastar um pouco da Europa e se aliar com os Estados Unidos” (HILTON, 1994, p. 202). Sendo assim, havia o interesse mútuo na aproximação pessoal entre ambos, de modo que Aranha, durante o período em que serviu em Washington, foi o embaixador estrangeiro mais recebido pelo presidente na Casa Branca (OLIVEIRA, in LIMA; ALMEIDA; FARIAS, 2017, p. 103). A relação entre eles transbordava os círculos oficiais, como na ocasião em que Aranha, para a “inveja de 500 pessoas”, foi novamente convidado a participar do banquete no *Gridiron Club*, ao qual “só convidam os embaixadores novos”, e teve a honra de ser convidado pelo presidente a sentar ao seu lado e confabular sobre a situação mundial e as relações entre seus países em francês, para não serem entendidos pelos demais¹⁴⁸.

Aranha buscou igualmente estabelecer relações íntimas com membros do Departamento de Estado, dentre os quais destaca-se a figura de Sumner Welles, autoridade em relação aos assuntos latino-americanos. Welles era visto por Aranha como um facilitador das relações entre Brasil e Estados Unidos, o que pode ser notado quando o embaixador reportava, com pesar, que as negociações em torno do acordo comercial esfriaram com a ausência temporária de Welles por questões médicas¹⁴⁹. De fato, o subsecretário estadunidense trabalhava, muitas vezes, junto

¹⁴⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.06.30/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas enviando as plataformas eleitorais dos Partidos Republicano e Democrata e cópia do discurso de Roosevelt na Convenção Democrata a informando sobre o bureau comercial e as negociações com o Governo americano para compra de aviões e navios. Washington. Vol. XXII/79, 79, 80 e 81. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7325>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

¹⁴⁸ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.04.22. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre sua participação no banquete do Gridiron Club, por ocasião da inauguração da campanha presidencial e sobre sua conversa com Franklin Roosevelt. Washington. Vol. XXII/31. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7151>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

¹⁴⁹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.01.09. Correspondência sobre a "Missão financeira Sousa Costa" aos Estados Unidos e à Europa tendo por objetivo a renegociação da dívida externa brasileira. Inclui: posição de Oswaldo Aranha contrária a ida de Sousa Costa aos Estados Unidos; encaminhamento das negociações para liquidação dos créditos do comércio americano; sugestão para um decreto de liberdade cambial; medidas a serem tomadas pelo Banco do Brasil antes da promulgação do decreto; aprovação pelo Conselho Federal do Comércio Exterior do decreto sobre liberdade de câmbio e medidas complementares; encaminhamento da renegociação das dívidas brasileiras na Inglaterra; empréstimo Rothschild para o pagamento das dívidas brasileiras; resistências do Governo inglês em relação ao início de um Acordo Comercial como Brasil; posição de Getúlio Vargas contrária ao empréstimo Rothschild e minuta do Acordo com a Inglaterra estabelecendo as

ao interesse da missão de Aranha, o alertando mais de uma vez, por exemplo, quando o Itamaraty vazou suas correspondências sigilosas ao embaixador estadunidenses no Brasil¹⁵⁰. Na passagem pelo Rio de Janeiro, antes de seguir para a Conferência de Buenos Aires, Welles demonstrou sua estima por Aranha ao escrever ao embaixador brasileiro “o desapontamento que foi para mim retornar ao Rio de Janeiro e não ter o prazer de lhe encontrar lá”¹⁵¹.

Para além dos contatos com autoridades do governo estadunidense, Aranha buscou fazer-se ouvido em determinados círculos sociais do país. Condiicionado pela preocupação com a imagem do Brasil veiculada na imprensa dos Estados Unidos, Aranha encontrou-se com o diretor do *New York Times* e mais oito redatores do jornal, e da reunião saiu “satisfeito e com promessa de uma efetiva cooperação comigo em favor da verdade e do Brasil”. Na mesma ocasião, recebeu a garantia do dono do jornal de ter com ele um canal direto para “avisar prontamente se, em qualquer tempo, considerar passíveis de crítica as notícias que sobre [o Brasil] aparecem nas colunas do *New York Times*”¹⁵².

A atuação mais ativa do embaixador nesse sentido foi, no entanto, sua presença em uma série de encontros e eventos de diversos segmentos da sociedade estadunidense, desde associações de médicos até instituições de ensino. Em uma destas ocasiões, em Cleveland, em novembro de 1937, Aranha deixou clara a importância que dava para tais oportunidades de divulgar o Brasil. Segundo o embaixador “este foi o melhor, e talvez, o mais útil serviço que poderia prestar neste momento ao nosso país. Mantive por 3 horas uma discussão franca e livre com 1000 dos mais eminentes *business men* americanos”, sobre os problemas e potencialidades do Brasil. “Causei a melhor impressão e recebi uma grande ovação, coisas que até o *New York Times* publicou em grandes letras”¹⁵³.

condições de pagamento das dívidas brasileira. Rio de Janeiro, Washington. Vol. XVII/6, 7, 8, 9, 10, 17, 24, 25, 26a, 26b, 27, 33a, 33b, 34a, 34b, 39a, 39b, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50a, 50b, 54, 55. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5466>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

¹⁵⁰ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.05.12/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre o trabalho desenvolvido pelos comunistas americanos contra o Governo brasileiro, alertando contra os perigos da política colonial alemã e italiana, e comunicando que está elaborando, junto com o Governo americano, uma solução para os problemas da navegação em geral, inclusive o caso de Lloyd. Washington. Vol. XXII/43. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7210>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

¹⁵¹ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.11.21. Carta de Sumner Welles a Oswaldo Aranha lamentando não tê-lo encontrado no Rio de Janeiro e elogiando Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. Vol. XXIV/65b. Disponível em:

<<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&Pesq=%22welles%22&pagfis=8016>>.

Acesso em: 20 jul. 2022.

¹⁵² CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.01.07. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando seu encontro com elementos da imprensa americana e tratando da questão naval e dos congelados comerciais. Washington. Vol. XXI/7. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6716>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

¹⁵³ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.06. seu discurso em Cleveland, solicitando notícias a respeito da política brasileira e informando sobre a propaganda comunista contra o Brasil nos EUA. Washington.

Em suma, Aranha teve ativa atuação pessoal no sentido de colocar em prática aquilo que considerava que o governo brasileiro como um todo deveria realizar em relação aos Estados Unidos. O estabelecimento de relações íntimas com membros do Departamento de Estado e com o próprio presidente, definido por ele como “o maior e o melhor dos americanos” (HILTON, 1994, p. 239), longe de ser um deslumbre, implicava em facilitar a consecução dos objetivos brasileiros junto aos Estados Unidos, como o caso da aproximação política presente em seu horizonte de expectativa propositivo (ver subcapítulo 3.2). Para além dos círculos oficiais, Aranha trabalhou em prol do melhoramento da imagem do Brasil nos Estados Unidos, buscando compensar as falhas da representação brasileira naquele país, cujos ajustes recomendava com urgência (ver subcapítulo 3.3).

4.4. CONCLUSÃO

Ao se analisar a ação diplomática efetiva de Aranha como embaixador, percebe-se claramente a presença e a influência das perspectivas que basearam seus horizontes de expectativa prognóstico e propositivo. Sua atuação nas negociações em prol do tratado comercial entre Brasil e Estados Unidos, e na posterior convocação da Missão Financeira Sousa Costa, pode ser vista como a materialização das recomendações em prol do estreitamento das relações econômicas entre Brasil e Estados Unidos. Intrínseca à essa perspectiva, como vimos, estavam as previsões de Aranha acerca do futuro da economia mundial, marcada pelo acentuamento das relações entre metrópoles e colônias em detrimento da abertura comercial nos moldes liberais; e a perspectiva de que, neste cenário, os Estados Unidos teriam aumentada sua importância como destino das exportações brasileiras e, conseqüentemente, constituir-se-iam como a principal fonte de divisas fortes usadas para a manutenção do serviço da dívida externa brasileira.

Seu papel nas negociações acerca da Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz e na costura das conversas em prol do arrendamento dos contratorpedeiros mostram a importância dada ao estreitamento das relações político-militares com os Estados Unidos. Ilustram, ainda, a perspectiva do embaixador de que tal aproximação, para além das tratativas bilaterais entre ambos os países, deveria dar-se na arena multilateral continental, que se apresentava como ambiente propício para a reafirmação, perante os demais países americanos, do íntimo grau de coordenação entre Brasil e Estados Unidos. Enquanto a iminência de uma

nova guerra mundial motivava o estreitamento das relações militares com os Estados Unidos, vistas como um meio para se atingir os objetivos de modernização militar brasileira, a emergência da Boa Vizinhança tornava urgente a necessidade de se manter relações políticas intensas com aquele país.

Por fim, sua ação diplomática pessoal junto a autoridades e representantes de diferentes círculos sociopolíticos dos Estados Unidos, mostra o esforço do embaixador em criar canais de facilitação para o movimento de aproximação político-militar e econômica que prescrevia. Obter a boa vontade da Casa Branca era fundamental para demonstrar a vontade brasileira de preservar seu lugar de destaque nas relações entre Estados Unidos e América Latina, além de facilitar a obtenção de sucesso em empreitadas pontuais, como as negociações do tratado de comércio e do arrendamento dos contratorpedeiros. Junto aos representantes de círculos sociopolíticos estadunidenses, Aranha desempenhou forte ação propagandística, buscando tornar o Brasil conhecido, contribuindo para o aumento da estima da população frente ao país e, quiçá, aumentando as possibilidades de pressão desses setores da sociedade sobre o governo em prol de políticas amistosas em relação ao Brasil.

5. CONCLUSÃO

Em 12 de novembro de 1937, dois dias após o anúncio do Estado Novo, Aranha comunicou a Mário de Pimentel Brandão, chanceler que substituiu Macedo Soares, que “não me é possível representar o Brasil, neste país, por forma eficiente, porque nem seu Governo, nem seu povo poderão, como anteriormente, acreditar nas minhas informações e afirmações”¹⁵⁴. Aranha, de fato, havia sido pego de surpresa pelo golpe do Estado Novo, cujo conhecimento comunicou ao chanceler no dia 11 de novembro¹⁵⁵. Como mostra Hilton (1994, p. 256), a imprensa estadunidense repercutiu reprimendas contra o golpe, afirmando, como fez o *Los Angeles Times*, que “O Brasil Vira Fascista”. A elite econômica estadunidense, por sua vez, foi impactada pela suspensão do serviço da dívida, de modo que os títulos brasileiros na Bolsa de Valores de Nova York simplesmente colapsaram (HILTON, 1994, p. 257). Aranha fazia sentir em suas cartas este cenário de estupefação, afirmando, no entanto, que o governo estadunidense ainda mantinha a boa vontade para com o Brasil, outorgando à sua “ação amiga”, a melhora relativa nas notícias veiculadas sobre o Brasil no decorrer dos dias¹⁵⁶.

Não obstante, a surpresa do golpe mostrou-se para Aranha como uma quebra da confiança estabelecida junto a Vargas (HILTON, 1994, p. 263). O embaixador, contudo, ressaltava não ser de opinião contrária ao golpe, mas sim à constituição, “feita por um anormal, sem norma, sem regra. [...] [Ela] torna-me um escravo, desrespeita todas as tradições do povo que lutou cem anos para a sua liberdade, [...] que elimina o voto e que tudo legisla contra a liberdade”¹⁵⁷. Entregava convicto, portanto, o posto de embaixador. Assim como uma ameaça de ruptura institucional levou Aranha a deixar o governo, para posteriormente partir para Washington como embaixador, uma ruptura institucional de fato o levou abandonar o posto, considerando, dadas as circunstâncias, impossível seguir representando o Brasil junto aos

¹⁵⁴ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.12/4. Telegrama de Oswaldo Aranha a Pimentel Brandão comunicando seu esforço no sentido de atenuar os efeitos do golpe de Estado nos EUA e afirmando que sua permanência na embaixada é prejudicial ao Brasil. Washington. Vol. XXVIII/31. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9700>>. Acesso em 26 jul. 2022.

¹⁵⁵ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.11/3. Telegrama de Oswaldo Aranha a Pimentel Brandão afirmando estar ciente (notícia relativa ao golpe de Estado). Washington. Vol. XXVIII/25a. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9690>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

¹⁵⁶ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.15/2. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comunicando que defende o novo regime, como membro do governo, embora o condene pessoalmente, e renunciando ao cargo de embaixador. Washington. Vol. XXVIII/38a. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9711>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

¹⁵⁷ CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.16/3. Palestra telefônica entre Sousa Costa, Luís Aranha e Oswaldo Aranha sobre os motivos do Golpe de Estado. Rio de Janeiro/Washington. Vol. XXVIII/39. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9722>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

Estados Unidos. Em 11 de dezembro de 1937, deixaria para trás Nova York, a bordo do *Western Prince*, para regressar à terra natal.

No esforço de analisar sua atuação como embaixador, o emprego das categorias analíticas de Koselleck (2006) mostrou-se de extrema valia. Espaço de experiência e horizonte de expectativa constituíram-se como ferramentas capazes de possibilitar a interpretação do pensamento e ação de Aranha como embaixador, facilitando a leitura do tempo histórico em que Oswaldo Aranha se inseria. Nesse sentido, a desagregação do horizonte de expectativa em horizonte de expectativa prognóstico e propositivo contribuiu para que os objetivos propostos pelo trabalho fossem vencidos. Ambos os conceitos concorreram para imprimir sentido à da atuação de Aranha durante sua missão em Washington, mostrando-se ferramentas indispensáveis para a compreensão das perspectivas que motivaram a ação e o estabelecimento das metas seguidas pelo embaixador.

O primeiro capítulo possibilitou a abstração das ideias de Aranha acerca do futuro da política e da economia mundiais. Os quatro macroprocessos identificados pelo embaixador configurar-se-iam, mais tarde, como a base de suas propostas acerca das relações entre Brasil e Estados Unidos. Em primeiro lugar, foi identificada a convicção de Aranha acerca da iminência de um novo conflito de escala mundial. Condicionado, principalmente, pelas rivalidades que permeavam a política intereuropeia, abarcando, no entanto, a rivalidade nipo-estadunidense no Pacífico e as disputas coloniais das grandes potências em geral, o conflito, assim como a Primeira Guerra, certamente impactaria direta ou indiretamente o Brasil. Para além dos indícios presentes observados pelo embaixador, como o desmantelamento do arranjo pós-guerra de Versalhes e a crescente militarização de sociedades como a italiana e a alemã, se fazia fortemente presente o espaço de experiência da Grande Guerra, que reconfigurou as perspectivas acerca do nível de escalada possível que o embate entre as grandes potências poderia atingir.

O segundo macroprocesso observado por Aranha dizia respeito à dinâmica da economia mundial. O embaixador, de maneira bastante pessimista, preconizava a intensificação do processo de fechamento econômico das grandes potências, a partir do aumento do fluxo comercial entre metrópoles e colônias em detrimento dos tradicionais mecanismos liberais de comércio. Nesse contexto, figuravam como cada vez mais presentes novos mecanismos de comércio, como o sistema de compensações. Em terceiro lugar, como resultado da chegada ao poder de Franklin Delano Roosevelt, Aranha notava cada vez mais uma mudança no trato dos Estados Unidos para com a América Latina, num esforço de distensão de antigas desconfianças entre estadunidenses e hispano-americanos. Subjacente à sua análise, estava a perspectiva de

que os Estados Unidos caminhavam para se tornarem a maior potência do Sistema Internacional, de modo que Aranha não escondia sua admiração pelo desenvolvimento econômico, político e social daquele país.

Tais processos, com maior ou menor intensidade, viriam, na visão do embaixador, a entrar em choque com os interesses do Brasil. A iminente guerra mundial, assim como a primeira, figurava-se como um risco econômico e político, em último caso podendo configurar uma ameaça à própria integridade territorial do Brasil. As dinâmicas da economia mundial previstas pelo embaixador colocavam em xeque o modelo de inserção econômica internacional do Brasil, dependente, então, da agroexportação. A emergência da Boa Vizinhança, por sua vez, era um risco à manutenção dos privilégios usufruídos pelo Brasil nas relações entre os Estados Unidos e a América Latina, uma vez que o embaixador tinha a convicção de que a intensidade das relações brasileiro-estadunidenses era uma decorrência direta do nível de hostilidade existente entre os Estados Unidos e as repúblicas hispano-americanas. Mais que um desafio, a emergência dos Estados Unidos como principal potência do Sistema Internacional era uma oportunidade para mitigar os efeitos nocivos aos interesses brasileiros decorrentes dos demais processos que compunham o horizonte de expectativa prognóstico de Aranha.

O segundo capítulo buscou analisar o curso de ação prescrito por Aranha tendo em vista os efeitos que os processos presentes em seu horizonte de expectativa prognóstico teriam sobre os interesses brasileiros. Nesse sentido, defendeu-se que o horizonte de expectativa propositivo do embaixador pode ser resumido na convicção de que o Brasil deveria estreitar ainda mais suas relações com os Estados Unidos. Frente às dinâmicas que emergiam na economia mundial, os Estados Unidos figuravam como uma alternativa ao escoamento daquelas mercadorias brasileiras que na Europa passariam a ser suplantadas pelo comércio colonial. Além disso, a falta de liquidez e crédito na economia mundial faziam com que os Estados Unidos se apresentassem como a principal fonte de divisas para a manutenção do serviço da dívida externa brasileira. Assim, Aranha advogava em prol das relações econômicas entre ambos os países, e pela não aproximação em relação à Alemanha, cujo sistema de comércio compensado reprovava.

A perspectiva da guerra e a da emergência da Boa Vizinhança concorriam juntas para a visão de que o Brasil deveria se aproximar politicamente dos Estados Unidos. O desenvolvimento da indústria militar do país era um atrativo, e da melhora das relações poderia emergir uma parceria militar capaz de dotar o Brasil dos meios necessários à sua defesa. Ao passo, portanto, em que o estreitamento das relações bilaterais deveria ser levado a cabo, o Brasil deveria coordenar seu posicionamento nos fóruns hemisféricos a fim de transmitir aos

vizinhos hispânicos a mensagem de que lutaria para manter sua posição de destaque nas relações dos Estados Unidos com a América Latina. O segundo pilar de seu horizonte de expectativa propositivo era, assim, o da necessidade do aprofundamento das relações político-militares com os Estados Unidos. Era necessário para a concretização destes dois movimentos de aproximação, no entanto, o reaparelhamento da representação brasileira nos Estados Unidos, pauta que o embaixador defendeu ativamente junto a Vargas e ao Itamaraty. O Brasil, que em sua visão já havia conquistado o governo e os militares estadunidenses, precisava se fazer ouvido pelo povo, seja por meio de propaganda ativa, seja atuando junto aos principais jornais do país em prol de um noticiário favorável.

Havia, no entanto, limites à obra de aproximação. Ela não deveria, nas palavras do embaixador, confundir-se com vassalagem. Isso fica claro ao notarmos que a prescrição da aproximação por Aranha era acompanhada por uma série de vantagens práticas, enumeradas pelo embaixador como justificativa de suas convicções. Um destaque em relação aos Estados Unidos não significava, portanto, exclusividade, ficando o Brasil livre para negociar com outros países nas mais diversas matérias. Dotado o Brasil de considerado poder de barganha, o embaixador advogava por uma postura ativa nas negociações com os Estados Unidos, não podendo o país ceder altruisticamente às vontades daquele parceiro.

O terceiro capítulo, por fim, buscou analisar a conformidade entre a ação diplomática efetiva de Aranha com as perspectivas que baseavam seus horizontes de expectativa prognóstico e, principalmente, propositivo. A postura do embaixador quando das negociações do acordo comercial entre Brasil e Estados Unidos, sua pressão em prol da aprovação congressual do acordo após a assinatura deste e a convocação da Missão Financeira Sousa Costa na esteira do recrudescimento das desconfianças estadunidenses em torno das relações econômicas entre Brasil e Alemanha, podem ser considerados como materialização daquilo que Aranha prescrevia ao Estado brasileiro. Em todos estes casos, fica claro o esforço do embaixador no sentido de trabalhar em prol da aproximação econômica entre os dois países.

Da mesma forma, os esforços de Aranha em coordenar a posição brasileira e estadunidense em relação à Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz, sua atuação durante a Conferência e seu papel nas negociações acerca do arrendamento dos contratorpedeiros estadunidenses ao Brasil, ilustram sua preocupação em manter as relações políticas entre os dois países no mais alto patamar, inibindo os efeitos nocivos que a Boa Vizinhaça pudesse inferir na posição desfrutada pelo Brasil nas relações dos Estados Unidos com a América Latina. Sua atuação diplomática pessoal junto a membros da Casa Branca e de círculos sociopolíticos estadunidenses demonstra a desenvoltura de um diplomata que

objetivava criar canais de facilitação para a consecução dos objetivos de política externa de seu país. Dessa forma, é certo admitir que a atuação diplomática de Aranha esteve em profunda conformidade com as perspectivas que baseavam seus horizontes de expectativa.

Aranha, para todos os efeitos, foi mais que um embaixador, no sentido de que não apenas cumpriu as ordens que vinham de seus superiores em uma cadeia burocrática bem estabelecida. A existência de um canal de comunicação direto e desimpedido com Vargas lhe dava a liberdade de contestar abertamente muitas das recomendações do Itamaraty, confabulando com o presidente — e amigo — quais, em sua visão, deveriam ser as diretrizes da política externa brasileira em relação aos Estados Unidos. Aranha, dessa forma, não era mero burocrata, mas um político formulador de práticas que, mesmo em descompasso com o Itamaraty, levava a cabo em Washington. Essa inversão na hierarquia burocrática é uma das chaves para se compreender como o embaixador foi capaz de imprimir de maneira tão profunda suas próprias perspectivas e convicções em sua atuação diplomática. É de se questionar se já existiu na história da política externa brasileira, um embaixador capaz de desautorizar ações de seu chanceler tanto quanto Aranha o fez em relação a Macedo Soares, seja reclamando dele diretamente a Vargas, seja ignorando sonoramente suas recomendações acerca do trato com os Estados Unidos.

Este trabalho buscou resgatar de maneira objetiva um episódio relegado à notas de rodapé e curtos capítulos sobre a vida de um dos políticos mais influentes do Brasil à sua época. Longe de objetivar a idolatria, seu intento foi elevar a importância da passagem de Aranha pela embaixada do Brasil nos Estados Unidos a um patamar semelhante àquele que sua atuação como chanceler e como presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas usufruem na historiografia brasileira. Lançar luz sobre esta lacuna histórica pode ser a chave para a compreensão mais profunda destes dois momentos mais famosos de sua atuação política internacional. Neste sentido, este trabalho buscou ser uma dentre muitas lanternas necessárias.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Formação do Império Americano**: da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019. 853 p.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007. 682 p.
- CAMARGO, Aspásia; ARAÚJO, João Hermes Pereira de; SIMONSEN, Mário Henrique. **Oswaldo Aranha**: a estrela da revolução. São Paulo: Mandarim. 442 p.
- CERVO, Amado Luiz. **Relações Internacionais da América Latina**: velhos e novos paradigmas. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2001. 320 p.
- CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da Política Exterior do Brasil**. 5. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. 605 p.
- CERVO, Amado. **Inserção Internacional**: formação dos conceitos brasileiros. São Paulo: Editora Saraiva, 2008. 297 p.
- COUTO, Joaquim Miguel; HACKL, Gilberto. Hjalmar Schacht e a economia alemã (1920-1950). **Economia e Sociedade**, v. 16, p. 311-341, 2007.
- FRANZ, Nayara Régis. **Fantasia: uma história social do cinema de animação**. 2019. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215535>>. Acesso em: 16 mai. 2022.
- HARDMAN, Foot; LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil**: das origens aos anos 20. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991. 337 p.
- HILTON, Stanley. **Oswaldo Aranha**: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994. 501 p.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). 2. ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2017. 598 p. Traduzido por: Marcos Santarrita.
- KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2012. 859 p.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006. 368 p. Traduzido por Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira.
- LIMA, Sérgio Eduardo Moreira; ALMEIDA, Paulo Roberto de; FARIAS, Rogério de Souza (org.). **Oswaldo Aranha**: um estadista brasileiro. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2017. 2 v. (Coleção Política Externa Brasileira).
- MOURA, Gerson. **Alinhamento Sem Recompensa**: A Política Externa do Governo Dutra. São Paulo: EDUSP, 2021. 152 p.

MOURA, Gerson. **Autonomia na Dependência: A Política Externa Brasileira de 1935 e 1942**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980. 195 p.

MOURA, Gerson. **Relações Exteriores do Brasil (1939-1950)**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012. 277 p.

MROS, Günther Richter. **Origens do paradigma desenvolvimentista: as contribuições de Oswaldo Aranha e dos militares (1931-1935)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011. Disponível em: <<https://www.funag.gov.br/ipri/btd/index.php/10-dissertacoes/2493-origens-do-paradigma-desenvolvimentista-as-contribuicoes-de-oswaldo-aranha-e-dos-militares-1931-1935>>. Acesso em: 25 mai. 2022.

MROS, Günther Richter. Oswaldo Aranha y la deuda externa brasileña: auditoría y diversificación comercial. **Ciclos en la historia, la economía y la sociedad**, v. 27, n. 46, p. 1-20, 2016.

PIMENTEL, José Vicente de Sá. **Pensamento Diplomático Brasileiro: formuladores e agentes da política externa (1750-1964)**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2013. 3 v. (História Diplomática).

RICUPERO, Rubens. **A diplomacia na construção do Brasil (1750-2016)**. Rio de Janeiro: Versal, 2017. 779 p.

FONTES PRIMÁRIAS

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS / CPDOC — ARQUIVO GETÚLIO VARGAS

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.09.25. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas enviando suas impressões sobre Washington; relatando seus contatos com autoridades americanas e o início dos trabalhos na embaixada; e informando sobre a atuação irresponsável do Embaixador que o antecedeu, em relação ao tratado comercial Brasileiro-EEUU. Washington. Vol. XVI/23. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5133>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.10.09/1. Cartas sobre tratado comercial Brasil-Estados Unidos abordando as seguintes questões: dificuldades encontradas pelos representantes brasileiros para firmar o tratado, devido à divulgação de um acordo semelhante do Brasil com Alemanha; posição do Governo Americano em relação ao tratado Brasil-Alemanha; ponderações de Getúlio Vargas sobre as conveniências dos tratados com os EUA e com a Alemanha; andamento das conversações para concretização do tratado com os Estados Unidos e posição de Oswaldo Aranha face às vantagens a serem obtidas no tratado com os Estados Unidos. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XVI/29, 33, 43, 49, 51, 52, 83. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5174>>. Acesso em: 26 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.11.02. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando a grandeza e o desenvolvimento americano e enviando dados que

comprovam a superação da crise nos Estados Unidos. Washington. Vol. XVI/46. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5252>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1934.12.21/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando o banquete oferecido pelos jornalistas ao Presidente da República dos EUA. Washington. Vol. XVI/78. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5399>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.01.08. Correspondência a Getúlio Vargas sobre tratado comercial entre o Brasil e os Estados Unidos, abordando a questão dos atrasados comerciais e dos acordos com a Alemanha e a Itália, informando sobre a assinatura do acordo, em Washington. Rio de Janeiro. Vol. XVII/5, 20 e 21. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5433>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.01.09. Correspondência sobre a "Missão financeira Sousa Costa" aos Estados Unidos e à Europa tendo por objetivo a renegociação da dívida externa brasileira. Inclui: posição de Oswaldo Aranha contrária a ida de Sousa Costa aos Estados Unidos; encaminhamento das negociações para liquidação dos créditos do comércio americano; sugestão para um decreto de liberdade cambial; medidas a serem tomadas pelo Banco do Brasil antes da promulgação do decreto; aprovação pelo Conselho Federal do Comércio Exterior do decreto sobre liberdade de câmbio e medidas complementares; encaminhamento da renegociação das dívidas brasileiras na Inglaterra; empréstimo Rothschild para o pagamento das dívidas brasileiras; resistências do Governo inglês em relação ao início de um Acordo Comercial como Brasil; posição de Getúlio Vargas contrária ao empréstimo Rothschild e minuta do Acordo com a Inglaterra estabelecendo as condições de pagamento das dívidas brasileira. Rio de Janeiro, Washington. Vol. XVII/6, 7, 8, 9, 10, 17, 24, 25, 26a, 26b, 27, 33a, 33b, 34a, 34b, 39a, 39b, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50a, 50b, 54, 55. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5481>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.01.18. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre a gravidade da situação do Chaco e os entendimentos com os Estados Unidos para fabricação de armamentos. Washington. Vol. XVII/11. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5527>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1935.03.06/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas defendendo uma maior aproximação econômica, política e militar entre o Brasil e os Estados Unidos, face a atual situação internacional. Washington. Vol. XVII/52. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5613>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.06/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre o pagamento da dívida com os Estados Unidos através da emissão de títulos correspondentes; necessidade de elaboração de um plano de consolidação e unificação da dívida nacional; e informando sobre o banquete oferecido pelos médicos a sua pessoa, em homenagem ao Presidente do Brasil, em retribuição à acolhida ao futuro Congresso no Rio de Janeiro da

"Pan American Medical Association". Washington. Vol. XVII/53. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5626>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1935.03.20. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando que Sousa Costa ainda não enviou os dados sobre a nova política cambial, de acordo com o que foi combinado em Washington e sobre o novo decreto que distribui as verbas do pessoal diplomático. Washington. Vol. XVII/70. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5671>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.03.25. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre a compra da sede da Embaixada brasileira nos Estados Unidos, a instalação da chancelaria em Washington e enviando artigo de Horace B. Davis, publicado pela "Foreign Policy Association" criticando a Revolução de 1930 e o governo brasileiro. Washington. Vol. XVII/76. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5690>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.04.09/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando que o Governo americano concordou com o pagamento gradual das dívidas atrasadas e que aguarda os dados sobre o acordo com a Inglaterra; solicitando maior atenção do Governo brasileiro para com os representantes das Agências de Imprensa estrangeiras, a fim de assegurar uma melhor propaganda do país no exterior; e sobre a posição do Brasil em relação à questão do Chaco. Washington. Vol. XVIII/18. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5764>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.05.28. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas afirmando ser impossível a publicidade de certos aspectos da política brasileira devido a força da Imprensa americana e informando que aguarda a chegada do Adido Naval para tratar de assuntos vinculados à compra de material. Washington. Vol. XVIII/66. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5913>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.06.05/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas agradecendo sua aprovação do plano de organização da Embaixada brasileira nos Estados Unidos, criticando a ineficiência do corpo diplomático brasileiro e sugerindo a reorganização desse setor. Washington. Vol. XVIII/70. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5952>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.06.25. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas descrevendo suas impressões sobre os Estados Unidos após suas viagens a Vermont e West Virginia. Washington. Vol. XVIII/82. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=5981>>. Acesso em: 22 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1935.07.01. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando a situação do comércio internacional, a solução encontrada pelas nações

européias através da intensificação do comércio com as colônias, e as consequências dessa “política colonial” para o Brasil. Washington. Vol. XIX/1. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6009>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.09. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando o êxito de sua viagem ao Prata e criticando a atuação de Macedo Soares em relação ao Tratado Comercial com os Estados Unidos. Washington. Vol. XIX/5. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6022>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.10. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sugerindo remanejamento do Pessoal da Embaixada. Washington. Vol. XIX/6. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6030>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.17/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre seus planos de viagem durante as férias. Washington. Vol. XIX/8. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6041>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.07.20. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas transmitindo sugestão de Franklin Roosevelt para realização de uma conferência interamericana, a fim de revisar os acordos de paz existentes entre os países. Em Anexo, resposta de Getúlio Vargas acatando a sugestão e propondo a formação de um bloco continental para defesa da paz e solução dos problemas internos do continente. Washington. Vol. XIX/11 e 13. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6050>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.08.13. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha comentando a crise econômica mundial e suas repercussões sobre o comércio brasileiro; sugerindo solução para o pagamento da dívida externa e solicitando sua opinião sobre o local a ser instalado o "bureau" comercial do Brasil nos Estados Unidos. Em anexo, resposta de Oswaldo Aranha sugerindo que o bureau seja instalado em Washington e opinando sobre a questão da dívida. Rio de Janeiro. Vol. XIX/26 e 36. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6116>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.09.24. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas manifestando sua satisfação com a aprovação, pelo Congresso, do Tratado Comercial com os Estados Unidos e sobre a reorganização da Embaixada e aproveitamento do pessoal diplomático. Washington. Vol. XIX/50. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6231>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.10.15. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando a posição dos Estados Unidos em relação a situação mundial e sobre a vitória dos "liberais" nas eleições canadense. Washington. Vol. XIX/71. Disponível em:

<<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6351>>. Acesso em: 09 mai. 2022

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.11.11. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando a chegada de Alzira Vargas aos Estados Unidos, enfatizando a importância da cooperação feminina na vida pública de uma nação e criticando a declaração de neutralidade do Brasil, em relação a guerra Ítalo-Etíope. Washington. Vol. XX/10. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6410>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1935.12.03/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre as repercussões do movimento comunista na Argentina e nos Estados Unidos, a situação política européia e as perspectivas de reeleição de Franklin Roosevelt. Washington. Vol. XX/47. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6507>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.01.07. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando seu encontro com elementos da imprensa americana e tratando da questão naval e dos congelados comerciais. Washington. Vol. XXI/7. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6716>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.03.06/3. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando os efeitos positivos dos contatos de Valentim Bouça com os meios comerciais e oficiais dos Estados Unidos e a importância da ida de uma missão americana, apoiada pelo Departamento do Estado ao Brasil. Refere-se também à solução favorável ao caso dos congelados. Washington. Vol. XXI/63. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=6897>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.04.02/1. Documentos sobre o Pacto Interamericano de Segurança Coletiva, contendo histórico das conversações sobre os projetos do pacto; análise sumária dos projetos do Itamaraty e do substitutivo elaborado pelo Departamento de Estado Norte Americano; texto dos 2 projetos brasileiros; texto do Projeto de Oswaldo Aranha e telegramas trocados entre a Embaixada brasileira em Washington e o Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, Washington. Vol. XXIII/15 e 59. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7017>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1936.04.22. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre sua participação no banquete do Gridiron Club, por ocasião da inauguração da campanha presidencial e sobre sua conversa com Franklin Roosevelt. Washington. Vol. XXII/31. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7155>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.05.12/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre o trabalho desenvolvido pelos comunistas americanos contra o

Governo brasileiro, alertando contra os perigos da política colonial alemã e italiana, e comunicando que está elaborando, junto com o Governo americano, uma solução para os problemas da navegação em geral, inclusive o caso de Lloyd. Washington. Vol. XXII/43. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7208>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1936.05.27/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas afirmando que não deseja permanecer na diplomacia, após o período do seu Governo; descrevendo a situação política de Cuba; informando sobre as finanças do pessoal da embaixada em Washington, e do escritório comercial em Nova York; manifestando seus temores em relação ao acordo comercial entre o Brasil e a Alemanha e comunicando a assinatura da missão naval. Washington. Vol. XXII/53. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7239>>. Acesso em 28 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.06.02/2. Telegramas entre Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha sobre o acordo comercial Brasil-Alemanha, analisando a posição do Governo americano em relação ao acordo e as suas consequências para as relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XXII/60, 61a e 61b. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7267>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.06.24. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas sobre a campanha presidencial nos Estados Unidos, relatando particularmente, a convenção do Partido Republicano em Cleveland, e a conferência Interamericana da Paz, em Buenos Aires. Washington. Vol. XXII/73. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7306>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.06.30/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas enviando as plataformas eleitorais dos Partidos Republicano e Democrata e cópia do discurso de Roosevelt na Convenção Democrata a informando sobre o bureau comercial e as negociações com o Governo americano para compra de aviões e navios. Washington. Vol. XXII/79, 79, 80 e 81. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7325>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.07.08/4. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas justificando o fracasso das negociações para compra dos cruzadores americanos e enviando carta do Presidente Roosevelt sobre o assunto. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas a Franklin Roosevelt comunicando que aguarda a contraproposta do Governo dos Estados Unidos em relação à aquisição de navios americanos pelo Brasil. Washington. Vol. XXIII/18, 11 e 43. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7409>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.07.22/1. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando que o Governo americano pretende denunciar o tratado comercial com o Brasil, em virtude dos acordos estabelecidos entre este país e a Alemanha, Itália e Suíça.

Washington. Vol. XXIII/30a. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7456>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.08.24. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas defendendo o texto do projeto do "Pacto de Segurança Coletiva" aceito pelo Governo Americano. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas. Washington. Vol. XXIII/55a e 55b. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7525>. Acesso em: 16 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1936.08.26. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando as repercussões da guerra espanhola no continente americano e informando sobre a atitude do Itamaraty em relação às modificações sugeridas pelo governo americano ao texto do projeto do Pacto de Segurança Coletiva. Washington. Vol. XXIII/58. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7539>. Acesso em: 09 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.09.02. Correspondência entre Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha sobre a aquisição, pelo Brasil, de navios americanos e a execução do Programa Naval Brasileiro com ajuda técnica e financeira dos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Washington. Vol. XXIII/63a, 63b e 83. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7575>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.09.04/2. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha comunicando que ainda não foi informado, pelo Itamaraty, sobre o projeto do Pacto de Segurança Coletiva. Rio de Janeiro. Vol. XXIII/66. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7587>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.09.19. Cartas entre Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas sobre o Pacto de Segurança coletiva, ressaltando, o primeiro, as dificuldades criadas pelo Itamaraty para a concretização do Projeto. Inclui também informações sobre passagem de Saavedra Lamas pelo Rio de Janeiro, a situação da Europa e as eleições dos Estados Unidos. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XXIII/76, 79 e 80. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7627>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.10.05/2. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha enviando nota do Ministro da Marinha sobre planos de construção naval para o Brasil, comentando a campanha eleitoral americana e solicitando projetos de construções de casas de campo. Rio de Janeiro. Vol. XXIV/8. Disponível em: <https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7835>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.10.13. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre o andamento das negociações relativas ao arrendamento dos destroyers ao Brasil, comentando a estadia de Marques dos Reis nos Estados Unidos e comunicando a passagem pelo Brasil, com destino a Buenos Aires, dos embaixadores da

Argentina e do México nos Estados Unidos. Washington. Vol. XXIV/46. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7842>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.11.05. Telegramas entre Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas sobre a escolha do primeiro para delegado brasileiro na Conferência Interamericana, em Buenos Aires, e sobre a visita do Presidente Franklin Roosevelt ao Brasil. Washington. Vol. XXIV/53a, 53b, 53d, 53e e 56a. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=7998>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.11.21. Carta de Sumner Welles a Oswaldo Aranha lamentando não tê-lo encontrado no Rio de Janeiro e elogiando Getúlio Vargas. Rio de Janeiro. Vol. XXIV/65b. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&Pesq=%22welles%22&pagfis=8016>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1936.12.02/2. Correspondência a Getúlio Vargas sobre a inauguração da Conferência do Pacto Interamericano de Segurança Coletiva, em Buenos Aires abordando os seguintes pontos: discurso do Presidente Justo criticando a idéia do Pacto Continental; notícias sobre os debates travados em torno dos projetos para manutenção da paz e sobre a neutralidade; e dificuldades criadas pelo Ministro das Relações Exteriores da Argentina, Saavedra Lamas, para concretização dos objetivos da Conferência. Inclui ainda referência ao caso do Chaco. Buenos Aires. Vol. XXIV/79, 81, 88d, 89, 90, 105. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8098>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.04.24. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas descrevendo o ambiente de confiança e de amizade nos Estados Unidos em relação ao Brasil, informando sobre andamento das negociações para o arrendamento dos destroyers e criticando o comportamento do Ministro do Exterior, Macedo Soares, durante sua passagem pelos Estados Unidos. Washington. Vol. XXV/91. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8576>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.05.03/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas criticando a atuação da censura brasileira sobre os correspondentes da imprensa americana e informando sobre o caso dos destroyers e o descontentamento do Governo americano em relação ao comércio Brasil-Alemanha. Em anexo, telegrama de Oswaldo Aranha a Pimentel Brandão. Washington. Vol. XXVI/3, 13a e 13b. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8732>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.05.24/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas informando sobre os planos de construção naval, cooperação americana, financiamento e condições para o andamento dos destroyers. Informa também que o Comte. Reis está indo para o Brasil com todos os planos detalhados. Washington. Vol. XXVI/45. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8799>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.06.02/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comunicando convite do secretário de Estado americano para uma visita oficial aos EUA; pedindo que o demita previamente caso o novo Ministro do Exterior seja seu adversário político e opinando sobre o discurso de José Américo. Washington. Vol. XXVI/52. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8819>>. Acesso em: 16 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1937.06.04/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando as consequências, para Europa e para o mundo, da guerra da Espanha; atentando para a corrida armamentista da Argentina e a necessidade do Brasil investir na defesa nacional. Informa também sobre a reação do Governo americano em relação à prorrogação do acordo Brasil-Alemanha e à situação do café brasileiro no mercado brasileiro no mercado internacional. Washington. Vol. XXVI/54. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8830>>. Acesso em: 09 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.06.04/2. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comunicando que aguarda a chegada de Sousa Costa para resolver as questões relacionadas a: dívida externa, Banco Central, acordo alemão e italiano, café e crédito. Em anexo, resposta de Getúlio Vargas informando sobre a viagem de Sousa Costa. Washington. Vol. XXVI/55a e 55b. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8844>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.07.03. Correspondência entre Oswaldo Aranha, Getúlio Vargas e Artur de Sousa Costa sobre a "missão Sousa Costa" nos EUA, abordando as seguintes questões: acordo comercial Brasil-Alemanha; criação de duas comissões (N. York e Rio) para intercâmbio comercial brasileiro-americano; "operação ouro" para criação, no Brasil, de um Banco Central; acordo para pagamento da dívida externa. Inclui relatório dos trabalhos da missão apresentado ao Presidente da República, após o regresso do ministro da Fazenda dos EUA. Washington, Rio de Janeiro. Vol. XXVI/76, 78a, 78b, 78c, 78d, 78e, 78f, 81, 82a, 82b, 82c, 82d, 82e, 86a, 89, 90a, 90b, 91a, 91b, 92. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=8961>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.09/1. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comentando os efeitos positivos da "Missão Sousa Costa", defendendo a necessidade de recuperar o mercado mundial do café e informando sobre a publicidade americana em relação ao caso dos destroyers. Washington Vol. XXVII/2. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9146>>. Acesso em: 11 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.08.31/2. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas relatando os acontecimentos relativos ao protesto da Argentina ao arrendamento dos destroyers ao Brasil e defendendo a necessidade de um serviço permanente de propaganda brasileira nos EUA. Washington. Vol. XXVII/24. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9222>>. Acesso em: 17 mai. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.09.03/2. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha elogiando sua atuação na questão do arrendamento dos destroyers e comentando o desfecho do caso da concessão permanente da linha Pan-American Airways. Rio de Janeiro. Vol. XXVII/30. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9263>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.06. seu discurso em Cleveland, solicitando notícias a respeito da política brasileira e informando sobre a propaganda comunista contra o Brasil nos EUA. Washington. Vol. XXVIII/8. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9628>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.11/3. Telegrama de Oswaldo Aranha a Pimentel Brandão afirmando estar ciente (notícia relativa ao golpe de Estado). Washington. Vol. XXVIII/25a. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9690>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.12/4. Telegrama de Oswaldo Aranha a Pimentel Brandão comunicando seu esforço no sentido de atenuar os efeitos do golpe de Estado nos EUA e afirmando que sua permanência na embaixada é prejudicial ao Brasil. Washington. Vol. XXVIII/31. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9700>>. Acesso em 26 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.15/2. Telegrama de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas comunicando que defende o novo regime, como membro do governo, embora o condene pessoalmente, e renunciando ao cargo de embaixador. Washington. Vol. XXVIII/38a. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9711>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos Pessoais**. GV c 1937.11.16/3. Palestra telefônica entre Sousa Costa, Luís Aranha e Oswaldo Aranha sobre os motivos do Golpe de Estado. Rio de Janeiro/Washington. Vol. XXVIII/39. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9722>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

CPDOC / FGV. **Arquivos pessoais**. GV c 1937.11.24/3. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas manifestando sua opinião a propósito da importância do Brasil na política a ser desenvolvida por Franklin Roosevelt de reconquista da opinião pública americana e criticando a nova Constituição brasileira. Washington. Vol. XXVIII/53. Disponível em: <<https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=CorrespGV2&pagfis=9762>>. Acesso em: 17 mai. 2022.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL — HEMEROTECA DIGITAL

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, edição nº 4.188, 10 fev. 1942. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_03&Pesq=%22ORSON%20WELLES%22&pagfis=9085>. Acesso em: 16 mai. 2022.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 5, edição nº 4.040, 19 ago. 1941. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093092_03&Pesq=%22ORSON%20WELLES%22&pagfis=6518>. Acesso em: 16 mai. 2022.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 8, edição nº 2.625, 02 fev. 1937. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093092_02&pasta=ano%20193&pesq=%22OSWALDO%20ARANHA%22&pagfis=28588>. Acesso em: 12 jul. 2022.